

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS
FACULDADE DE LETRAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

A AQUISIÇÃO DE DISTINÇÕES ASPECTUAIS EM PORTUGUÊS
COMO SEGUNDA LÍNGUA POR FALANTES NATIVOS DE INGLÊS:
O EXEMPLO DOS PRETÉRITOS PERFEITO E IMPERFEITO

Eliane Rauber Spuldaro

Prof^ª. Dr. Ingrid Finger

Orientadora

Pelotas, abril de 2005

Aos amores da minha vida,

Cesar, Douglas e Tobias

RESUMO

O presente estudo explora a interface entre a morfossintaxe e a semântica através da investigação de como aprendizes de uma segunda língua adquirem as conexões entre forma e significado no que diz respeito a tempo e aspecto, uma área de significativa variação morfológica entre as línguas (Montrul & Slabakova, 2002). O foco particular está na aquisição da interpretação aspectual do Pretérito Perfeito e do Pretérito Imperfeito no português por nove aprendizes em nível iniciante e nove aprendizes em nível intermediário, cuja língua materna é o inglês e que estavam residindo temporariamente no Brasil na condição de estudantes de intercâmbio do Rotary Internacional. Análises atuais assumem que, enquanto o aspecto é instanciado tanto em português quanto em inglês, essas línguas variam no que diz respeito aos traços associados e sua realização morfossintática. A realização morfossintática diferente dos tempos de passado nessas duas línguas é a principal responsável pela diferenças sutis na interpretação de tais tempos. Com o intuito de explicar as diferenças entre o inglês e o português em seus sistemas temporais e aspectuais, adotamos a análise de Montrul & Slabakova (2002a,b) a qual dá conta das diferenças entre o espanhol e o inglês.

Evidências experimentais de testes de percepção e de compreensão, bem como de dados de produção espontânea, todos investigando as interpretações das formas aspectuais perfectivo e imperfectivo no português, sugerem que (1) a aquisição do contraste semântico entre o Pretérito Perfeito e o Pretérito Imperfeito é um processo de desenvolvimento gradual e (2) existe uma forte conexão entre a aquisição da morfologia tempo / aspecto e a aquisição da distinção semântica fechado / aberto associada a esses tempos.

ABSTRACT

This study explores the interface between morphosyntax and semantics by investigating how second language (L2) learners acquire form-meaning connections in the aspectual and temporal domain, an area of significant morphological variation across languages (Montrul & Slabakova, 2002). The particular focus is on the acquisition of the aspectual interpretation of the Preterite and Imperfect tenses in Portuguese by nine beginner and nine intermediate level learners whose native language is English and who were living temporarily in Brazil as Rotary International exchange students. Current analyses assume that, while aspect is instantiated in both Portuguese and English, these languages vary with respect to the associated features and their morphosyntactic realization. The different morphosyntactic realization of the past tenses in these two languages plays a major role in accounting for subtle differences in the interpretation of such tenses. To account for these differences between English and Portuguese in their temporal and aspectual systems, we adopt Montrul & Slabakova (2002a,b) analysis of the differences between Spanish and English.

Experimental evidence from perception and comprehension tasks as well as spontaneous data, all probing the interpretations of perfective and imperfective aspectual forms in Portuguese, suggest that (1) acquisition of the semantic contrast between Preterite and Imperfect tenses is a gradual development; and (2) there is a strong connection between the acquisition of tense / aspect morphology and the acquisition of the bounded / unbounded semantic distinction associated with these tenses.

AGRADECIMENTOS

É muito bom ter a oportunidade de agradecer às pessoas que contribuíram direta ou indiretamente não só para a realização desta pesquisa em si como na minha formação em sentido mais genérico.

Em primeiro lugar, eu gostaria de expressar ao meu esposo Cesar e aos meus filhos Douglas e Tobias a minha mais profunda gratidão pelo apoio e incentivo e pelo amor incondicional. Sem isso, com certeza, tudo ficaria mais difícil. A eles, todo o meu amor.

À minha família de origem; pais Egon e Ignacinha; irmãos Denise, Carlos Alberto, Simone e Jônatan; aos sobrinhos Larissa, Nicole, Augusto e Laura e aos cunhados Humberto e Claíse, à Verinha e à tia Suely toda minha gratidão pelo imenso amor que sempre me dedicaram, motivo de segurança e vontade de superação.

À família que me acolheu e de quem levo o sobrenome, o meu afeto, especialmente para a Mara, o Adair e a Luiza, os quais sempre têm uma palavra amiga e de incentivo.

Aos amigos, o meu muito obrigada. Em especial, gostaria de agradecer àqueles que estiveram diretamente envolvidos nesse processo: Mônica Marques Gonçalves, pelo incansável trabalho na transcrição das gravações; Maria Alice Dode, amiga-irmã, cujas opiniões inteligentes, hospitalidade e disponibilidade sempre foram tão importantes, especialmente nas gravações com intercambista, na interpretação dos dados estatísticos e no companheirismo demonstrado em todos os momentos; Cristiane Lazzarotto, com toda sua inteligência e competência, colega de aula inseparável que se tornou uma grande amiga, uma amizade para o resto da vida; Vanessa Ribas Fialho, pela alegria, responsável por agradáveis momentos de descontração; à Juliana Florence e à Maria Isabel Albuquerque a minha gratidão

por terem criado condições na escola para que eu pudesse me afastar para estudar; à minha ex-diretora Sandra Sartório por ter aberto as portas para a concessão de minha licença qualificação profissional; à Magda Hentschke e à Sara Cabral pelas sugestões na elaboração dos testes e à Laís Mota, pelo apoio incondicional nos momentos em que tudo parecia ficar muito difícil.

Ao colocar o nome das pessoas queridas nas sentenças do texto, mesmo que o conteúdo dessas sentenças nem sempre estivesse relacionado a elas, encontrei uma forma singela de homenageá-las e de dizer que elas estiveram comigo em todos os momentos.

Ao intercambistas, que concordaram em se submeter aos testes numa elogiável disponibilidade, agradeço profundamente. Esses jovens, com atitudes cooperativas como essa, demonstraram ser verdadeiros embaixadores da paz, da amizade e da cooperação internacionais, objetivo primordial do programa de intercâmbio do Rotary Internacional.

Aos queridos e competentes professores doutores Carmen Lúcia Matzenauer, Vilson José Leffa, Paulino Vandresen, Aracy Ernst Pereira, Susana Bornéo Funck, Jorge Walter Espiga, Jandir João Zanotelli e Ingrid Finger devo minha formação específica em Linguística Aplicada. A todos a minha especial gratidão e reconhecimento.

E por último, a minha profunda gratidão à minha orientadora e amiga Ingrid Finger, a qual esteve incondicionalmente ao meu lado, dividindo comigo vitórias, dúvidas e preocupações. Sua orientação segura e competente, sua disponibilidade e paciência, sua generosidade e, principalmente, sua amizade, fizeram de mim uma pessoa melhor e certamente me encorajaram a enfrentar tarefas tão desafiadoras como a de cursar o mestrado e a de escrever uma dissertação. Com ela pude continuar o trabalho de investigação em aquisição de segunda língua já iniciado na especialização em língua inglesa, tão bem orientado e incentivado por outra pessoa muito marcante na minha vida acadêmica: Márcia Cristina Zimmer. É incomensurável o grau de importância que atribuo às suas atitudes

encorajadoras e à firmeza de sua orientação, o que sempre superou as exigências de suas atribuições profissionais. Às duas e, neste momento particular, à minha orientadora Ingrid, o meu profundo reconhecimento.

À minha família dedico esta dissertação, com muito amor e gratidão.

SUMARIO

LISTA DE TABELAS	11
LISTA DE GRÁFICOS	13
INTRODUÇÃO.....	15
1 ASPECTO.....	20
1.1 Introdução.....	20
1.2 As duas dimensões da temporalidade: tempo e aspecto.....	21
1.3 Termos e propriedades associados ao aspecto.....	23
1.4 Aspecto gramatical <i>versus</i> aspecto lexical	26
1.5 Aspecto lexical.....	30
1.5.1 Verbos de estado	32
1.5.2 Verbos de atividade	40
1.5.3 Verbos de processo culminado e culminação	42
1.5.4 Valores aspectuais universais.....	47
1.5.4.1 Duração.....	48
1.5.4.2 Telicidade	48
1.5.4.3 Estaticidade.....	49
1.6 Aspecto gramatical.....	50
1.6.1 Perfectivo	52
1.6.2 Imperfectivo	58

1.7 Propriedades aspectuais e morfosintáticas dos tempos verbais de passado em inglês e português	61
1.7.1 Os sistemas aspectuais do inglês e do português	67
1.7.1.1 Estados.....	67
1.7.1.2 Atividades <i>versus</i> processos culminados.....	69
1.7.1.3 Processos culminados <i>versus</i> culminações.....	71
1.8 Conclusão	73
2 A AQUISIÇÃO DO TEMPO E DO ASPECTO.....	75
2.1 Introdução.....	75
2.2 A aquisição de tempo e aspecto – os primeiros estudos	75
2.3 Aquisição de tempo e aspecto em segunda língua.....	78
2.3.1 A Hipótese da Primazia do Aspecto.....	80
2.4 Conclusão	93
3 O ESTUDO.....	95
3.1 Introdução.....	95
3.2 Objetivo geral	96
3.3 Objetivos específicos	96
3.4 Hipóteses	97
3.5 A amostra e os informantes	98
3.6 Instrumentos e procedimentos de coleta utilizados	102
3.7 Conclusão	108
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	109
4.1 Introdução.....	109
4.2 Resultados gerais	109
4.3 Resultados por instrumento	115
4.3.1 Teste Morfológico	115
4.3.1.1 Iniciantes.....	118
4.3.1.1.1 Verbos de estado.....	118
4.3.1.1.2 Verbos de processo culminado e de atividade.....	122
4.3.1.1.3 Verbos de culminação.....	125
4.3.1.2 Intermediários	127
4.3.1.2.1 Verbos de estado.....	127

4.3.1.2.2	Verbos de processo culminado e de atividade.....	130
4.3.1.2.3	Verbos de culminação.....	132
4.3.2	Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças.....	133
4.3.2.1	Iniciantes.....	136
4.3.2.1.1	Verbos de estado.....	136
4.3.2.1.2	Verbos de processo culminado.....	138
4.3.2.1.3	Verbos de culminação.....	140
4.3.2.2	Intermediários.....	142
4.3.2.2.1	Verbos de estado.....	142
4.3.2.2.2	Verbos de processo culminado.....	144
4.3.2.2.3	Verbos de culminação.....	146
4.4	Resumo e discussão das principais constatações.....	147
4.5	Conclusão.....	156
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	157
5.1	Introdução.....	157
5.2	Resumo e discussão das principais constatações.....	158
5.3	Limitações do trabalho.....	163
	BIBLIOGRAFIA.....	165
	ANEXOS.....	174
	Anexo 1 – Teste Morfológico.....	175
	Anexo 2 - Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças.....	178
	Anexo 3 – Classificação das sentenças do Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças.....	193
	Anexo 4 – Mapeamento dos verbos utilizados pela intercambista V.N.	196

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Termos e propriedades associados ao aspecto	23
Tabela 2: Classes aspectuais dos verbos	32
Tabela 3: Classificação das oposições aspectuais segundo Comrie (1976).....	51
Tabela 4: Aquisição dos morfemas gramaticais em L1 e L2	76
Tabela 5: Perfil dos intercambistas iniciantes	101
Tabela 6: Perfil dos intercambistas intermediários.....	102
Tabela 7: Configuração do Teste Morfológico	103
Tabela 8: Verbos testados no Teste Morfológico.....	104
Tabela 9: Verbos utilizados no Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças	106
Tabela 10: Resultados gerais no Teste Morfológico (número total de questões = 30).....	110
Tabela 11: Resultados gerais no Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças	111
(número total de questões = 56)	111
Tabela 12: Desempenho oral da mesma intercambista em três momentos distintos.....	113
Tabela 13: Percentuais gerais de acertos com verbos de estado, verbos de processo culminado e verbos de culminação no Teste 1 e no Teste 2	114
Tabela 14: Média e percentual de acertos no Teste Morfológico.....	116
Tabela 15: Média de acertos no Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças – Sentenças-alvo.....	134

Tabela 16: Média de acertos no Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças – Sentenças distratoras.....	135
Tabela 17: Resultados comparativos entre o Teste 1 e o Teste 2.....	147

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Desempenho dos iniciantes no Teste 1 com verbos de estado	118
Gráfico 2: Desempenho dos iniciantes no Teste 1 no imperfeito com os 4 tipos de verbos.....	120
Gráfico 3: Desempenho dos iniciantes no Teste 1 com verbos de processo culminado.....	122
Gráfico 4: Desempenho dos iniciantes no Teste 1 com verbos de atividade	123
Gráfico 5: Desempenho dos iniciantes no Teste 1 com verbos de culminação	126
Gráfico 6: Desempenho dos intermediários no Teste 1 com verbos de estado.....	128
Gráfico 7: Desempenho dos intermediários no perfectivo no Teste 1 com os quatro tipos de verbos.....	129
Gráfico 8: Desempenho dos intermediários no Teste 1 com verbos de processo culminado.....	130
Gráfico 9: Desempenho dos intermediários no Teste 1 com verbos de atividades	131
Gráfico 10: Desempenho dos intermediários no Teste 1 com verbos de culminação.....	133
Gráfico 11: Desempenho dos iniciantes no Teste 2 com verbos de estado	136
Gráfico 12: Desempenho dos iniciantes no perfectivo no Teste 2 com os 3 tipos de verbos.....	138

Gráfico 13: Desempenho dos iniciantes no Teste 2 com verbos de processo culminado.....	139
Gráfico 14: Desempenho dos iniciantes no Teste 2 com verbos de culminação.....	141
Gráfico 15: Desempenho dos intermediários no Teste 2 com verbos de estado.....	143
Gráfico 16: Desempenho dos intermediários no Teste 2 no perfectivo e no imperfectivo com os 3 tipos de verbos	143
Gráfico 17: Desempenho dos intermediários no Teste 2 com verbos de processo culminado.....	144
Gráfico 18: Desempenho dos intermediários no Teste 2 com verbos de culminação	146

INTRODUÇÃO

Este estudo tem por objetivo analisar a interface entre a morfossintaxe e a semântica, através da investigação de como falantes nativos de inglês, aprendizes de português como segunda língua, aprendem as conexões que existem entre forma e significado nos domínios do aspecto e do tempo verbal. Em particular, investiga o processo de aquisição de distinções aspectuais do Pretérito Perfeito e do Pretérito Imperfeito do português por aprendizes falantes nativos de inglês, residindo no Brasil por um período que varia entre três a dez meses.

A presente pesquisa foi motivada pela vontade de dar um cunho científico a observações empíricas que vinham sendo feitas ao processo de aquisição do português como segunda língua. Sendo rotariana e estando fortemente ligada aos programas de intercâmbio do Rotary Internacional, tanto na condição de ex-intercambista, de mãe de dois ex-intercambistas, de “mãe” hospedeira, de professora de intercambistas na escola regular, na função de conselheira e como *inbound coordinator* no Distrito Rotário 4780, tenho tido oportunidade de conviver diretamente com jovens na faixa etária de 16 a 19 anos, oriundos de diversos países do mundo, incluindo Estados Unidos, Canadá, Nova Zelândia, Bahamas, México, entre outros. Tais funções, além de permitirem um convívio mais estreito com esses

jovens, possibilitam a observação direta de um processo fascinante que é a aquisição de uma segunda língua.

Cumprе salientar que a maioria desses jovens chega ao Brasil sem qualquer noção de português e que apenas alguns deles têm noções rudimentares de espanhol. Entretanto, é surpreendente a velocidade com que adquirem a língua portuguesa. Em pouco tempo são capazes de se comunicar com satisfatória fluência e desinibição, devido à sua constante exposição à língua, seja na condição de estudantes de uma escola regular, seja na condição de hóspedes de famílias brasileiras orientadas para estabelecer comunicação com os intercambistas preferencialmente em português (mesmo em residências em que haja falantes de inglês), o que apressa a aquisição da língua.

Consciente de que há muitas etapas a serem vencidas para que se adquira uma segunda língua, tenho observado a superação de barreiras lingüísticas, especialmente daquelas que envolvem a aprendizagem de características não coincidentes entre a língua materna e a aprendida. E a aquisição dos tempos verbais parece ser um dos principais problemas enfrentados por um falante nativo de língua inglesa ao aprender português, especialmente quando esses se referem a eventos no passado, uma vez que o português possui um tempo verbal do qual o inglês não dispõe especificamente: o Pretérito Imperfeito, um desafio aos aprendizes.

A partir da percepção dessa realidade, decidi investigar como se dá o processo de aquisição do Pretérito Imperfeito do português por falantes nativos de inglês residentes no Brasil por um período superior a três meses e inferior a doze meses, tempo mínimo que parece

ser suficiente para o aprendiz conseguir se comunicar satisfatoriamente e prazo máximo de permanência desses estudantes de intercâmbio no Brasil, respectivamente.

Embora os estudantes participantes do Programa de Intercâmbio de Jovens do Rotary Internacional sejam oriundos de diversas partes do mundo, com diferentes línguas maternas, a escolha pelos falantes nativos de inglês deve-se ao fato de que essa é a língua estrangeira sobre a qual tenho domínio maior, conhecendo-lhe estruturação e funcionamento.

Existem muitos estudos a respeito da aquisição de uma segunda língua (L2), especialmente do inglês como L2, mas os trabalhos de investigação sobre a aquisição do português como segunda língua não são tão comuns, fato que acredito ser importante para justificar a relevância desta pesquisa.

Com embasamento teórico consistente nas pesquisas e teorias de aquisição de primeira e segunda línguas (ver revisão nos Capítulos 1 e 2) e tomando por base trabalho semelhante desenvolvido por Montrul & Slabakova (2002a,b) sobre a aquisição do aspecto verbal em espanhol por falantes nativos de diferentes línguas, foram idealizados dois instrumentos escritos (o Teste Morfológico e o Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças, descritos no Capítulo 3) com o intuito de verificar se os falantes nativos de inglês, aprendizes de português como segunda língua, reconhecem os acarretamentos semânticos dos traços [+perfectivo] e [-perfectivo] do Pretérito Perfeito e do Pretérito Imperfeito do português. Mais especificamente, a pesquisa tem como propósito investigar se os aprendizes conseguem identificar a interação entre os traços que compõem os tempos verbais Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito do português (aspecto gramatical) e os traços constituintes do aspecto

lexical dos predicados. Gravações de produção espontânea foram feitas com o propósito de ratificar ou refutar as constatações feitas nos testes escritos.

O grupo de sujeitos investigados foi constituído por dezoito estrangeiros falantes nativos de inglês, com idades entre dezessesseis e dezenove anos, residindo temporariamente no Brasil na condição de intercambistas do Programa de Intercâmbio de Jovens do Rotary Internacional.

Os capítulos neste estudo estão estruturados como segue. No Capítulo 1, é apresentada uma revisão ampla do que a literatura apresenta sobre o aspecto verbal, incluindo distinções entre tempo, aspecto lexical inerente e aspecto gramatical. As quatro categorias semânticas propostas por Vendler (1957) (que são verbos de estado, verbos de atividade, verbos de processo culminado e verbos de culminação) e um número de testes sintáticos que foram criados com o propósito de tornar mais clara a classificação verbal são apresentados. Em adição a isso, as características semânticas que compõem as quatro categorias aspectuais e a definição dos principais termos relacionados ao aspecto são apresentadas, seguidas de uma análise dos dois tipos de aspecto gramatical aqui testados – o perfectivo e o imperfectivo. O capítulo termina com uma comparação entre as principais características dos sistemas aspectuais das duas línguas envolvidas nesta investigação – o português e o inglês.

O Capítulo 2 apresenta um resumo dos primeiros estudos sobre a aquisição de tempo e aspecto tanto em primeira quanto em segunda língua (os denominados *morpheme studies*) e aborda a Hipótese da Primazia do Aspecto na sua mais recente formulação (Andersen & Shirai, 1996).

O Capítulo 3 introduz o estudo propriamente dito, apresentando os objetivos da pesquisa, as questões norteadoras, as hipóteses, a descrição metodológica e dos participantes, bem como a explicação dos critérios usados para a análise dos resultados.

As constatações feitas através do Teste Morfológico e do Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças (apoiadas pelas gravações de produção espontânea) são apresentadas no Capítulo 4. Cada seção está organizada com base nas hipóteses e nas questões norteadoras detalhadas no capítulo 3. A análise estatística dos dados que foi realizada é base para a apresentação dos principais resultados.

Finalmente, as principais constatações são resumidas com uma consequente discussão dos resultados e apresentação das limitações do trabalho.

1 ASPECTO

1.1 Introdução

O objetivo deste capítulo é fazer uma revisão da literatura sobre aspecto verbal. Para tanto, será apresentada a distinção entre tempo e aspecto com detalhamento dos dois principais tipos de aspecto – o aspecto lexical e o aspecto gramatical. A introdução de termos e propriedades comumente associados ao aspecto tem por objetivo apresentar as noções básicas pertinentes ao tema investigado. As quatro categorias semânticas propostas por Vendler (1957) serão descritas e exemplificadas tanto em inglês quanto em português, objetos de investigação deste estudo, bem como serão apresentados testes sintáticos que tornam essa classificação mais precisa. Em seguida, serão abordadas as propriedades aspectuais e morfossintáticas dos tempos verbais de passado em português e em inglês através da apresentação de testes sintáticos que distinguem o aspecto lexical em ambas as línguas.

1.2 As duas dimensões da temporalidade: tempo e aspecto

Tempo e aspecto são noções que se referem a eventos temporais, mas sob diferentes perspectivas. O tempo é a categoria gramatical que localiza os eventos na linha temporal, os quais podem ser “anteriores” (passado), “simultâneos” (presente) ou “posteriores” (futuro) ao momento da enunciação. O tempo é uma categoria dêitica, pois localiza o evento verbal em um tempo externo, havendo relação entre o momento da fala e o tempo em que ocorre outro evento. Oliveira (2003), citando Reinchenbach (1947), diz que a localização temporal é relativa e há três momentos essenciais: o ponto da fala que coincide com o momento da fala (ou da enunciação); o ponto do evento, que diz respeito ao tempo do acontecimento descrito pela frase, e o ponto de referência, que serve como ponto intermediário a partir do qual se pode situar o evento (ou estado) descrito. Os exemplos a seguir ilustram como o evento pode ser localizado no tempo.

- (1) Luiza vive em Carazinho.
- (2) O Augusto saiu.
- (3) O Carlos tinha saído quando a Claíse telefonou.

Na sentença (1), a situação descrita se sobrepõe ao tempo da fala, considerando-se que os três pontos são coincidentes. Na sentença (2), a saída de Augusto ocorre num tempo passado e por isso o ponto do evento é anterior ao tempo da fala. Em (3), as situações descritas nas duas orações são anteriores ao momento da fala, mas a saída do Carlos é também anterior ao telefonema da Claíse, o que faz com que a oração temporal funcione como um ponto de referência, estabelecendo-se, assim, uma relação anafórica entre a oração temporal e a oração principal.

O aspecto, por outro lado, é uma categoria não-dêitica que marca a duração de um determinado evento ou as fases pelas quais passa. O aspecto ocupa-se do tempo como uma propriedade inerente ou interna ao próprio evento: mostra como o evento ocorre ou como se distribui no tempo, sem fazer referência ao momento da fala.

Por exemplo, as sentenças (4) e (5) distinguem-se pelo aspecto temporal, enquanto que as sentenças (6) e (7) revelam uma diferença aspectual.

(4) Laura está chorando.

(5) Laura estava chorando.

(6) Laura chorou.

(7) Laura estava chorando.

As sentenças (4) e (5) revelam uma diferença temporal em que os verbos *está* e *estava* são usados para contrastar a diferença entre os dois eventos em relação a um centro dêitico, estabelecendo uma referência direta com elementos extralingüísticos, no caso o presente e o passado. Por outro lado, as sentenças (6) e (7) apresentam uma diferença aspectual: a primeira sentença refere-se a um evento completo (a ação de *chorar* já está concluída), enquanto que a segunda vê a situação como um conjunto de fases internas (em algum momento do passado a ação de *chorar* estava em andamento).

O aspecto é a propriedade que torna possível denotar se o evento é completo ou incompleto. Elena de Miguel (1999) salienta que o aspecto, ao informar sobre a maneira em que um evento ocorre, pode implicar uma mudança (como é o caso do verbo *amadurecer*, um verbo dinâmico) ou a ausência de mudança (*estar verde*, um verbo estático); o aspecto

também pode indicar o alcance de um limite (*chegar*, um verbo delimitado) ou a carência dele (*viajar*, um verbo não delimitado); pode ser uma forma única (*disparar*, um verbo semelfactivo) ou repetida (*fuzilar*, um verbo iterativo); pode ser uma forma permanente (*ser espanhol*, um verbo durativo), habitual (*cortejar*, um verbo freqüentativo) ou intermitente (*piscar*). Além disso, um evento pode ser pontual (*abrir*), ingressivo (*florescer*), progressivo (*envelhecer*) ou terminativo (*nascer*), entre outras possibilidades de classificações.

As informações relativas ao evento podem estar contidas em uma raiz verbal, como em *chegar* e *viajar*; podem ser fornecidas por certos morfemas derivativos, como *repensar*, e também podem ser indicadas por morfemas flexivos (*cantou/cantava*), pelas construções com auxiliares e semi-auxiliares (*começou a ler*, *tem lido*, *está a ler*) e por outros elementos do contexto em que se insere um determinado evento.

1.3 Termos e propriedades associados ao aspecto

Ao se falar em aspecto, faz-se necessário mencionar conceitos e propriedades que a literatura normalmente associa a ele, a saber:

Tabela 1: Termos e propriedades associados ao aspecto

+limite	-limite
Télico	Atélico
Limitado	Não-limitado
Terminativo	Durativo
Perfectivo	Imperfectivo
Ponto final	Sem ponto final
Culminação	Não-culminação
Não homogêneo	Homogêneo

A composição da tabela acima será brevemente comentada num primeiro momento, para ser detalhada mais adiante.

Uma sentença é télica se a situação é descrita como tendo um ponto final natural (8) ou planejado (9). Sentenças sem um ponto final natural ou planejado são atélicas (10).

(8) A bala atingiu o seu alvo.

(9) Claíse deliberadamente nadou por duas horas.

(10) Rosângela está pintando.

Uma sentença é limitada (11) se representa uma situação que atingiu um limite temporal, independentemente do fato de ter um fim planejado ou um ponto final natural. Por outro lado, a situação é não-limitada se não representar uma situação que atinja um limite temporal (12).

(11) Rosângela pintou seu auto-retrato.

(12) Rosângela pinta muito bem.

O aspecto perfectivo é empregado quando o falante olha a situação de fora, como algo que tem um começo e um fim, sem distinguir sua estrutura interna (13), enquanto que o aspecto imperfectivo retrata a situação vista de dentro, descrevendo sua estrutura interna sem especificar o início ou o fim da mesma (14).

(13) Rosângela pintou quatro quadros no ano passado.

(14) Ela pintava muito mais antigamente.

De acordo com Depraetere (1995), as definições de telicidade e de evento limitado apóiam-se na noção de ponto final (*endpoint*), também denominado ponto terminal ou limite temporal. Uma situação pode ser limitada no tempo: por exemplo, uma situação de *tomar banho de sol* pode durar por vinte minutos, uma hora; ela atinge um limite temporal quando a pessoa em questão deixa o local em que estava sob o sol. Se alguém *corre uma maratona*, o ponto final para essa situação em particular ocorre quando o corredor chega ao final da maratona. Uma decisão deliberada de *nadar por meia hora* atinge seu ponto final uma vez que se passa a meia hora. Embora os pontos finais estejam envolvidos em cada uma das situações descritas, eles não são completamente semelhantes. No caso de *correr uma maratona*, ao contrário de *tomar banho de sol*, existe um ponto final inerente à situação: não importa se o corredor consiga correr os 40 quilômetros ou não, a situação de correr uma maratona como tal potencialmente implica um ponto terminal. O tipo de ponto final o qual caracteriza o fato de *nadar por meia hora* é semelhante: após meia hora, a situação de nadar termina. Entretanto, isso não significa necessariamente que o ponto terminal é sempre atingido. Se alguém diz que *Ele está correndo uma maratona* ou *No momento, João está nadando por meia hora* as situações não são descritas como algo que possui um ponto final inerente e, portanto, não são representadas como tendo limites temporais, ou seja, embora a situação tenha um começo e um fim, não há referência lingüística a esses limites temporais. No caso de *tomar banho de sol*, embora a situação possa já ter terminado, o ponto final não faz parte da semântica do verbo.

O conceito de culminação diz respeito ao fato de que uma expressão pode descrever diferentes partes do evento ou descrevê-las de perspectivas diferentes. Assim, o contraste entre *Ela correu na pista (durante meia hora)* e *Ela correu os dez mil metros (em 31min e*

32seg) deve-se ao fato de, no segundo caso, se acrescentar uma culminação (os dez mil metros) a um processo (correr), esse passa a ser um processo culminado, enquanto o primeiro exemplo apenas descreve um processo. Essa é a razão por que os advérbios são diferentes: *durante x tempo* e *em x tempo*, respectivamente (Oliveira, 2003).

Um evento é homogêneo quando não distingue suas fases internas, ou seja, quando qualquer parte do evento é da mesma natureza de qualquer outra parte do evento como um todo. Por exemplo, se uma pessoa *cozinhou o jantar*, mesmo que tenha efetuado pequenos intervalos, mesmo assim a ação de cozinhar ocorreu. Quando um evento é não-homogêneo é porque enfoca estágios desse evento, seu início ou até mesmo seu término, como é o caso de *ganhar uma corrida*, o que se refere ao ponto de culminação da corrida.

1.4 Aspecto gramatical versus aspecto lexical

O aspecto verbal denota a diferença entre um evento completo e um evento incompleto e pode ser expresso através do significado intrínseco dos verbos ou gramaticalizado e marcado pela flexão morfológica verbal.

De acordo com Comrie (1976) e Andersen (1989, 1991), entre outros, há dois tipos de aspecto: o aspecto lexical e o aspecto gramatical. Os dois são independentes, mas interagem nas línguas.

Segundo Comrie, a noção de aspecto gramatical está relacionada a “diferentes formas de se olhar para a constituição temporal interna de uma situação” (1976:3). O aspecto

gramatical envolve distinções semânticas que são codificadas através do uso de dispositivos lingüísticos explícitos, tais quais verbos auxiliares e morfemas flexionais como os morfemas perfectivos ou progressivos, conforme os exemplos a seguir, baseados em Andersen (1989).

(15) We played a great game.

(16) We would play often.

(17) We were playing a tie-breaker when my racket broke.

(18) We have played tennis since nine.

A sentença (15) refere-se a um único evento, o qual está concluído, enquanto a sentença (16) refere-se a uma ação habitual no passado. De acordo com Andersen, esse é um tipo de aspecto gramatical, embora seja opcional em inglês, uma vez que “played” não denota aspecto por si só – é o contexto que vai dar ao verbo uma interpretação aspectual. Contrastando com a forma verbal da sentença (15) está a sentença (16) que denota habitualidade no passado. Ainda, as sentenças (17) e (18) revelam o aspecto progressivo de *were playing* e a perfectividade de *have played*. A seleção deste ou daquele morfema gramatical denota se o falante considera o evento completo ou uma situação em andamento.

O aspecto lexical, por outro lado, não é morfológicamente explícito; é simplesmente uma parte inerente da palavra ou construção que expressa a situação ou ação em si. Mais especificamente, é a situação ou o evento que tem aspecto inerente e o verbo ou o predicado meramente representam aquela situação ou evento e seu aspecto inerente. O aspecto lexical refere-se às propriedades aspectuais próprias aos radicais dos verbos e a outros itens lexicais empregados pelos falantes para descrever uma determinada situação. Independe de referência temporal e de qualquer marcação morfológica. Um evento pode ter um limite intrínseco,

como em *Maria escreveu uma sentença*, ou pode não ter um ponto final, como em *Maria escreve estórias interessantes*.

Os eventos com um ponto final inerente são télicos, opondo-se aos atélicos, que não têm um ponto final intrínseco. A telicidade é uma das noções utilizadas para a classificação dos verbos nas quatro categorias aspectuais propostas por Vendler (1957) – verbos de atividade ([+atélicos]), verbos de estado ([+atélicos]), verbos de processo culminado ([+télicos]) e verbos de culminação ([+télicos]) –, como será detalhado mais tarde. Assim, *escrever estórias interessantes* é inerentemente durativo, enquanto que *escrever uma sentença* indica um processo cujo ponto de culminância ocorre no momento em que a sentença terminou de ser escrita.

De acordo com Smith (1991, 1997), o aspecto gramatical é independente do aspecto lexical. As sentenças a seguir ilustram tanto eventos em que é empregado o mesmo aspecto gramatical (mas que diferem quanto ao aspecto lexical), quanto eventos que empregam o mesmo aspecto lexical (mas com aspecto gramatical diferente).

(19) Peter *played* soccer / Pedro *jogou* futebol.

Aspecto gramatical = perfectivo

Aspecto lexical = verbo de atividade

(20) Peter *built* a house / Pedro *construiu* uma casa

Aspecto gramatical = perfectivo

Aspecto lexical = verbo de processo culminado

(21) Peter *is building* a house. / Pedro *está construindo* uma casa.

Aspecto gramatical = imperfectivo

Aspecto lexical = verbo de processo culminado

Tanto os verbos de atividades quanto os de processos culminados (aspecto lexical) podem ocorrer no perfectivo (aspecto gramatical), uma vez que podem caracterizar situações com um ponto de culminância. Na sentença (19), a ação de *jogar futebol* foi concluída quando cessou o jogo e, na sentença (20), a ação de *construir* terminou quando a casa estava concluída. Por outro lado, um mesmo verbo pode ser entendido como télico ou atélico, ou seja, pode denotar um evento concluído ou um evento em andamento. É o caso das sentenças (19) e (20). Em (20), a ação de *construir* cessou com a finalização da casa e em (21) a construção ainda está em andamento, uma vez que a casa não está pronta.

Para Oliveira, o aspecto gramatical (perfectivo x imperfectivo) pode vir a modificar o aspecto lexical de um predicado (por exemplo, quanto ao seu traço de telicidade ou atelicidade), sendo este menos determinante do que aquele. Segundo a autora,

o Imperfeito, sendo um tempo do passado, tem também associados efeitos aspectuais consideráveis na medida em que, por ser um tempo alargado, torna simultaneamente possível transformar eventos télicos em predicados atélicos, não delimitados, havendo até a possibilidade de transformá-los em estados (habituais ou outros).
(2003:141)

É o que se pode perceber na sentença (22), a qual denota uma alteração aspectual no verbo *ler*, que é um verbo essencialmente télico em *ler uma revista*, por exemplo, e que, flexionado no imperfectivo, passou a ser atélico, uma vez que a leitura da revista estava em andamento em relação à chegada de Mara.

(22) O Adair lia a revista quando a Mara chegou.

1.5 Aspecto lexical

O aspecto lexical, também denominado *Aktionsart* (do alemão “tipos de ação”), é uma propriedade semântica determinada pelo significado do verbo ou por seus argumentos internos e adjuntos, ou seja, os predicados.

Comrie (1976) denomina sentido inerente a semântica inerente à base lexical dos verbos, o que aponta para a diferente representação mental (decorrente de conceitos tais quais movimento, resultado e tempo) que se tem de eventos como *chegar* ou *nascer*, representação essa que, mesmo fora de contexto, é geralmente mais clara e definida do que a de um verbo como *pensar*. É provável que a verbos como *fazer*, por exemplo, seja atribuído o traço [+dinâmico] em situações como *fazer um blusão*, o que não ocorre em situações como *fazer calor*. Outro exemplo é o verbo *ter*, o qual assume o traço [-dinâmico] em situações como *ter uma casa*, mas não em casos como *ter um ataque cardíaco*.

Ilari (1997) lembra que todo predicado comporta um esquema temporal subjacente que pode denotar tanto um processo que dura indefinidamente, sem um limite imposto pela natureza da ação, como é o caso de *correr* e de *reinar*, ou um processo com um limite intrínseco, com duração até seu complemento natural, como em *correr a maratona* ou *ler um livro*.

Todas as línguas possuem distinções semânticas importantes no que diz respeito ao aspecto lexical dos verbos: a estaticidade *versus* a dinamicidade; a telicidade *versus* a atelicidade e a pontualidade *versus* a duratividade (Comrie, 1976; Smith, 1991, 1997), que serão discutidas mais adiante.

Ao analisar os verbos do inglês, Vendler (1957) propôs a existência de quatro tipos de situações, distinguindo em primeiro lugar aqueles que podem ser empregados na forma progressiva daqueles que não aceitam essa flexão e observando, também, que forma assume a pergunta sobre duração – em alguns casos, “por quanto tempo?” e, em outros casos, “em quanto tempo?”. Vendler classifica os verbos em inglês da maneira que segue: *states* (estados), *activities* (atividades), *accomplishments* (processos culminados) e *achievements* (culminações)¹.

Ilari (1997:39) afirma que os critérios de Vendler não servem tais e quais para o português e propõe uma classificação bastante parecida, que distingue:

- a) processos pontuais;
- b) processos duráveis, que evocam a idéia de tempo gasto, tempo empregado;
- c) processos duráveis, que evocam a idéia de tempo escoado e, entre estes últimos, aqueles que indicam atividade (correr, ler) e aqueles que indicam estados (ser brasileiro, por exemplo).

Um grande número de pesquisadores desenvolveu a teoria inicialmente apresentada por Vendler, destacando-se, entre eles, Comrie (1976), Dowty (1979), Smith (1983, 1991, 1997) e Oliveira (2003). Embora a terminologia possa variar levemente de um pesquisador para outro, neste trabalho será adotada a nomenclatura proposta por Vendler, traduzida para o português e exemplificada no quadro abaixo. Uma comparação entre o português o inglês será feita mais adiante.

¹ A classificação de Vendler para os verbos de inglês está detalhada a partir do item 1.5.1.

Tabela 2: Classes aspectuais dos verbos

Estados	Atividades	Processos culminados	Culminações
ter	caminhar	fazer um bolo	achar
desejar	correr	jogar xadrez	parar
amar	estudar	desenhar uma figura	abrir
acreditar	jogar	ler um livro	perder
saber	nadar	correr uma maratona	trazer
querer	ler	construir uma casa	começar

1.5.1 Verbos de estado

Estados são eventos que não podem ser classificados como ações, uma vez que não possuem dinâmica interna e não admitem qualquer pausa (intervalo) no todo homogêneo. Têm uma duração indefinida, são atélícos e algum tipo de agente externo é necessário para mudar o estado. Um estado, portanto, está lexicalmente incapacitado para expressar uma mudança ou progresso durante o período de tempo em que se dá (23); uma vez que não avança, não atinge um limite, sendo inerentemente delimitado, durativo, contínuo. Alguns estados podem terminar, deixar de acontecer, porém, enquanto estão acontecendo, não podem ser interrompidos (24), de forma oposta a outros eventos que são dinâmicos e durativos, como *andar* ou *construir uma casa*. Um estado se dá, enquanto que um evento dinâmico ocorre.

(23) *Júlia parou de saber inglês / conhecer Roma / ser alta²

(24) Júlia deixou de odiar seu primo.

² O asterisco indica sentença com anomalia semântica. Entretanto, as sentenças (23) são possíveis com um limite: Deixou de conhecer a Itália por não visitá-la há tanto tempo; Deixou de saber inglês quando a enfermidade começou a se manifestar; Deixou de ser alta com a idade e a artrose.

De acordo com De Miguel (1999:3013), os estados expressam propriedades inalienáveis do sujeito (ser alto, conhecer Roma, ter um gênio mau) e estados de fatos não modificáveis, desde que se mantenham as condições de existência do fato em questão (conhecer, odiar, querer, saber, ser jovem, ter tempo). A autora engloba dentro dessa classe os verbos que expressam:

- a) posse: *ter, possuir*, etc;
- b) permanência em um estado ou situação: *estar, existir, habitar, limitar, permanecer, residir, rodear*, etc;
- c) duração inerente: *continuar, durar, perdurar, seguir*, etc;
- d) verbos pseudoatributivos: *assemelhar-se, ser considerado, ser conhecido como, ser denominado, parecer-se*, etc;
- e) pensamentos, emoções e sensações: *amar, conhecer, odiar, querer, respeitar, saber, temer*, etc.

Duarte & Brito (2003) apresentam outra nomenclatura para os predicados estativos com as seguintes subclasses:

- a) verbos existenciais: *haver, existir, ser* (no sentido existencial), etc;
- b) verbos locativos de dois lugares: *morar, residir, pertencer* (a algum lugar), etc;
- c) verbos de posse: *ter, possuir*, etc;
- d) verbos epistêmicos: *saber*, etc;
- e) verbos perceptivos: *ver*, etc;
- f) verbos psicológicos não causativos: *gostar*, etc;
- g) verbos copulativos: *ser, estar, andar*, etc.

Os predicados estativos são caracterizados por sua homogeneidade interna, da mesma forma que as atividades. Todas as partes de um estado são da mesma natureza, bem como o evento inteiro. Se alguém tem um carro por um determinado período de tempo, isso significa que, ininterruptamente, a cada momento desse período, esse sujeito tem a posse do carro, sem qualquer variação no estado de *ter* nesse intervalo de tempo. Tal propriedade dos verbos de estado pode ser comprovada com expressões que indiquem a duração do evento como, por exemplo, advérbias introduzidos pela preposição *por*:

(25) Suely teve um Chevette por vinte anos.

De acordo com De Miguel (1999), o critério mais conhecido para a distinção dos verbos de estado é a sua incompatibilidade com a perífrase *estar + gerúndio*, como nos exemplos que seguem:

(26) *João está gostando de seus avós.

*João está odiando seu primo.

* João está sabendo inglês.

* João está tendo muitos amigos.

A razão para a inaceitabilidade das sentenças em (26) deve-se ao fato de que é semanticamente contraditório expressar o progresso no tempo de um evento que se caracteriza por não manifestar avanço ou mudança de estado. Entretanto, para a autora, esse critério nem sempre funciona. O verbo *conhecer* é facilmente aceitável no progressivo quando estiver dotado de um caráter ingressivo (equivalente a começar a conhecer, a familiarizar-se), o que dinamiza o evento ao focar uma fase desse, ou seja, o seu início.

(27) João está conhecendo agora o verdadeiro caráter de seu primo.

Neste verão, João está conhecendo meus avós.

Existem verbos que, dependendo da sentença em que estejam inseridos e do significado que assumem nesse contexto, podem ser tratados como verbos de estado ou não (Comrie, 1976; De Miguel, 1999). A sentença (28) demonstra como um verbo comumente usado como verbo de estado perde sua característica básica de homogeneidade, passando a ser um processo em desenvolvimento com fases individuais diferentes umas das outras (Comrie, 1976:36).

(28) I'm understanding more about quantum mechanics as each day goes by.

Conforme o contexto, verbos que são basicamente de estado perdem a sua característica básica – a homogeneidade – e passam a aceitar a forma progressiva, uma vez que a informação aspectual de uma sentença não é fornecida apenas pelo aspecto lexical do verbo, mas também pela presença de determinados modificadores adverbiais que podem dinamizar a informação – estativa – atribuída ao verbo como unidade léxica (De Miguel, 1999). Assim, eventos normalmente estativos assumem um caráter não homogêneo e dinâmico, podem assumir um caráter ingressivo ou dar uma idéia de repetição. Observem-se os exemplos:

- | | |
|--|-----------------------------------|
| (29) Estou te querendo cada vez mais. | - não homogêneo, dinâmico |
| Estou sabendo cada mais sobre esse teu amigo | - evento ingressivo (inteirar-se) |
| Estou tendo muitos problemas ultimamente. | - repetição |

Ultimamente estou tendo muita sorte.

- evento dinâmico

Além do progressivo, De Miguel (1999) discute alguns outros testes que distinguem os verbos estativos dos dinâmicos.

➤ Os verbos estativos rejeitam o imperativo por necessitarem de um sujeito agente. As duas primeiras sentenças em (30) somente são aceitáveis mediante complemento que denota, por exemplo, finalidade (*Conhece restaurantes para que...*). O imperativo somente é aceitável quando houver a possibilidade do sujeito participar ativamente do evento.

(30) * Conhece restaurantes!

* Odeia teu primo!

Compreenda-me!

Permaneça conosco!

➤ Os verbos estativos rejeitam combinações com advérbios que descrevem atos voluntários.

(31) * Clarisse deliberadamente conhece francês.

* Marisa voluntariamente sabe espanhol.

➤ Os verbos de estado são incompatíveis com um sintagma preposicional com o papel semântico de instrumento.

(32) * Sei inglês com um curso de televisão.

➤ Os verbos de estado são incapazes de serem complementos de verbos como *convencer, obrigar ou persuadir*, uma vez que tais verbos pressupõem a existência de um sujeito com capacidade para decidir e atuar em consequência dessa decisão, situação impossível com os estados, na medida em que não são ativos. Entretanto, uma vez que o sujeito seja dotado de capacidade para intervir no evento, tais construções tornam-se possíveis.

(33) * Convenci Valdomiro de que prefira vinho.

Meu pai me obrigou a ter livros, como outros pais obrigam a chegar em casa a certa hora.

➤ Os verbos estativos no Pretérito Perfeito não aceitam adverbiais dêiticos do tipo *faz x tempo*, uma vez que um estado não é um evento que se dá em um determinado momento, mas sim um evento que se mantém homogêneo durante um período de tempo, o que inviabiliza a focalização do mesmo em um ponto em que ocorreu. Entretanto, os estados combinam bem com uma forma imperfeita ou com um modificador adverbial durativo.

(34) * Faz alguns anos que soube inglês.

Sabia inglês perfeitamente.

Sempre soube inglês.

➤ Um evento estativo não aceita a locução *pouco a pouco*, uma vez que essa locução indica o avanço paulatino de um evento, o que é incompatível com a natureza dos verbos de estado.

(35) * João sabia inglês pouco a pouco.

➤ Os verbos de estado não podem ser usados em orações com infinitivo composto regidas por *depois que*, uma vez que essa expressão caracteriza o término de um evento indicado por um verbo dinâmico, contrariando o princípio de que os verbos estativos primam pela manutenção das condições para que um estado subsista (por exemplo, para que *uma pessoa se chame João e continue se chamando João*). A sentença (36) seria aceitável em contextos que impliquem que o estado denotado pelo predicado subordinado seja concluído para dar lugar a um novo estado que seja produto da conclusão do estado anterior.

(36) * Depois de ter tido livros, João se sentiu melhor.

Depois de ter tido tantos livros, não se acostuma a viver sem eles em seu refúgio na montanha.

➤ Smith (1991, 1997) aponta para o fato de que, embora os verbos de estado admitam advérbios de duração, esses não podem ocorrer com advérbios de duração indireta, os quais sugerem uma atividade (37). Apresenta, ainda, situações em que estados comportam-se como eventos e vice-versa. Em alguns casos, segundo a autora, situações que geralmente são de estado recebem um cunho de dinamicidade e um caráter de atividade ou de processo culminado (38).

(37) * Meu filho lentamente acreditava em bruxas.

(38) Eu estou adorando as aulas de inglês.

Ele estava pensando que ele queria casar com ela.

Vários lingüistas têm tentado, sobretudo para o inglês, uma classificação dos verbos em função da distinção [+/-estativo]. Entretanto, o que parece estar claro é que essa classificação depende do contexto. Tome-se, por exemplo, o verbo *pensar*, o qual pode ser caracterizado tanto como uma capacidade ou convicção, uma situação estática (39), quanto uma situação dinâmica que exige um esforço, que exige a ativação durante mais ou menos o tempo de uma capacidade de que o ser humano dispõe para que se obtenha um resultado evidente (40)

- | | | |
|------|--------------------------------|--|
| (39) | Penso, logo existo. | - situação estática (capacidade) |
| | Pensava que ele era mais novo. | - situação estática (opinião) |
| (40) | Pensar dá muito trabalho! | -situação dinâmica
(ativação de capacidade) |
| | Passei por lá e pensei em ti. | - situação dinâmica (ato único) |
| | Sempre penso em ti. | - situação dinâmica (ato repetido) |

Resumindo, a principal distinção que ocorre entre predicados estativos e predicados dinâmicos, dependendo do contexto, deve-se ao fato de que os primeiros “se dão”, enquanto que os segundos “ocorrem”, progridem no tempo e um estado canônico não é dinâmico nem delimitado, ou seja, está realizado em qualquer momento do período em que ocorre, não admitindo qualquer pausa no todo homogêneo.

1.5.2 Verbos de atividade

As atividades descrevem processos que envolvem algum tipo de atividade mental ou física. São dinâmicas e atéticas, ou seja, o final da ação não é intrínseco ao verbo e a ação em si pode durar para sempre; a atividade não termina, mas cessa, pára (por exemplo, *caminhar no parque, nadar, ler o jornal, andar de bicicleta*). Os verbos de atividade admitem pequenos intervalos na atividade sem que isso ponha em causa o próprio processo. A existência de pequenos lapsos de tempo em que a ação não é realizada não impede que essa ação seja encarada como um processo em si. Observe-se o exemplo a seguir.

(41) Ele trabalhou o dia todo.

Durante o dia todo, o sujeito da oração acima executou a ação de trabalhar, mas isso não significa que essa ação tenha durado vinte e quatro horas. Entretanto, mesmo que a ação de trabalhar tenha sido interrompida eventualmente, permanece o fato de que, na maior parte do tempo, a ação foi realizada.

As atividades são eventos que requerem um certo tempo para serem realizadas, sem a especificação de uma quantidade mínima de tempo para a sua realização. Entretanto, se a ação durar pouco tempo, segundos, intuitivamente evita-se o emprego de tais verbos em situações como *João está nadando* ou *João nadou ontem*.

Da mesma forma que os predicados estativos, os verbos de atividade descrevem eventos homogêneos (Vendler, 1957), ou seja, cada parte do processo é semelhante ao evento como um todo. Tome-se como exemplo o verbo *caminhar*. Se alguém está caminhando por

um determinado período de tempo, cada movimento das pernas é parte de um processo maior chamado *caminhar*.

As atividades são, tipicamente, eventos atéticos com um ponto final arbitrário e cujo fim implica meramente o cessar da atividade. Smith (1997) diz que as atividades não terminam, mas param.

Duarte & Brito (2003) denominam *processos* os verbos de atividades. Uma das características dos processos, segundo as autoras, é a possibilidade de ocorrência desse tipo de verbo em frases imperativas (42), o que não ocorre com os verbos estativos, conforme já citado em 1.4.1. Ainda, “os processos são estados de coisas com uma duração apresentada sem delimitação, pelo que admitem expressões adverbiais durativas como as iniciadas por *durante* (43), mas não expressões adverbiais de realização como as começadas por *em* (44)” (p.192).

(42) Guia o jipe!

Parte o chocolate!

* Está deitado!

(43) A Maria guiou o jipe do Pedro durante dois dias.

A pedra rolou com o vento durante uma hora.

(44) * A Maria guiou o jipe do Pedro em dois dias.

* A pedra rolou com o vento em uma hora.

Verbos meteorológicos (45), verbos de atividade física (46) e verbos de movimento (47) em geral exprimem processos ou atividades. “A modificação através de adverbiais que

exprimem uma leitura durativa, habitual ou interativa (*durante...*, *toda a noite*, *horas*, *de manhã*, etc.) contribui para a expressão de processos”. (p. 195)

(45) Choveu toda a noite.

Nevou na serra em julho.

(46) O bebê chorou horas.

O Pedro e a Maria dançaram a noite toda.

(47) Ela nadou toda a tarde.

O João corre de manhã.

Segundo Duarte & Brito (2003), também verbos transitivos podem exprimir processos, desde que haja a incorporação do objeto (48), plurais simples ou massivos com objetos (49 e 50).

(48) Ele já comeu [a comida].

(49) A Rita pinta [quadros].

(50) A Rita bebe [água] quando tem sede.

1.5.3 Verbos de processo culminado e culminação

Os processos culminados, assim como as culminações, são télicos, com um ponto de culminância, o qual representa a finalização do processo, com uma mudança de estado. Diferenciam-se pelo fato de os verbos de culminação referirem-se a eventos instantâneos, apresentando o começo ou o clímax de um evento (*achar*, *abrir*, *perder*, *trazer*, *começar*), em

vez de uma situação inteira, enquanto que os verbos que representam um processo culminado têm uma duração intrínseca, com estágios sucessivos (*fazer um bolo, desenhar uma gravura, ler um livro, correr uma maratona, construir uma casa*). Assemelham-se pelo fato de que tanto os processos culminados quanto as culminações resultam em uma mudança de estado (por exemplo *comer um pedaço de torta, fazer um vestido, atingir o topo*).

Os verbos de processos culminados diferenciam-se das atividades no sentido em que, enquanto as atividades retratam situações sem um final natural, os processos culminados têm um final pré-determinado, conforme ilustram os exemplos abaixo. Observe-se que, ao se afirmar que alguém está desempenhando a ação de *caminhar até algum lugar* (51), fica implícito o término dessa ação no momento em que se chegue a esse lugar, ao contrário de apenas *caminhar* (52) o que, por si só, não deixa claro quanto tempo dura a ação. Além disso, ao se afirmar que alguém “caminha todos os dias”, a ação de caminhar é realizada mesmo que seja interrompida no decorrer do percurso. Entretanto, se a caminhada até algum lugar for interrompida, pode-se afirmar que o sujeito não caminhou *até* aquele lugar.

- (51) Pedro caminha até a parada de ônibus todos os dias. - processo culminado
 (52) Pedro caminha todos os dias. - atividade

Os processos culminados também se diferenciam das atividades por descreverem processos não homogêneos, ou seja, os estágios internos da ação são diferentes uns dos outros, especialmente o estágio final, o qual denota que o evento está finalizado e completo. Ao se dizer que alguém *fez um bolo* (processo culminado), sabe-se que a ação começou e terminou no momento em que o bolo estava pronto, enquanto que ao se dizer que alguém *faz bolos* (atividade) descreve-se um processo homogêneo sem uma determinação de um início

ou de uma culminação do evento, sugerindo-se que o processo ocorre indefinidamente. É a telicidade que distingue essas duas classes aspectuais, uma vez que ambas são durativas.

As culminações distinguem-se das atividades por envolverem tanto o começo quanto o clímax de um evento, ao invés do evento como um todo. São incompatíveis com verbos e advérbios que expressem duração por denotarem eventos instantâneos.

Além disso, os processos culminados geralmente são expressos por verbos binários ou ternários³, de tipo causativo ou agentivo, geralmente empregados num tempo do passado que contribua para a leitura de perfectividade e em que o argumento interno exprime o resultado ou a entidade criada ou afetada pelo processo (Duarte & Brito, 2003).

(53) A tempestade destruiu as colheitas. (binário)

Resultado: As colheitas estão destruídas.

(54) O João deu o quadro ao filho. (ternário)

Resultado: O quadro agora pertence ao filho do João.

Os verbos de culminação geralmente estão inseridos em predicados unários de movimento, de aparecimento e desaparecimento em cena, de mudança de estado: *chegar, sair, nascer, morrer, falecer, murchar, enegrecer, rejuvenescer*. São os chamados verbos inacusativos, em que o argumento selecionado para o sujeito é o Tema.

(55) O Pedro chegou tarde ao emprego. (aparecimento em cena)

³ A estrutura argumental do predicador verbal é parte do Princípio de Projeção (Chomsky, 1981), segundo o qual as propriedades de seleção de cada núcleo lexical devem ser preservadas nos níveis de representação de estrutura

A vítima do assalto faleceu. (mudança de estado)

Duarte & Brito (2003) apresentam, ainda, outros verbos de culminação, também chamados pontuais: “certos verbos binários, com um argumento externo Agente ou Fonte e um argumento interno Tema e que exprimem processos culminados (na chamada construção ‘causativa’), têm uma variante de um argumento Tema selecionado para sujeito (na construção ‘anticausativa’), passando a ter uma leitura de culminação”. (p. 197)

- (56) a. [O vento] _{Fonte} partiu [o vidro da janela] _{Tema}. - construção causativa
 b. ? [O vidro da janela] _{Tema} partiu. - culminação
 c. [O vidro da janela] _{Tema} partiu-se. - culminação

Igualmente se inserem na classe dos verbos que exprimem culminações alguns predicados binários ou mesmo ternários, com um Agente ou uma Fonte como argumento externo e um Tema como argumento interno em expressões do tipo *ganhar (a corrida)*, *conseguir (o prêmio)*, *pedir (algo)*, *descobrir (a solução)*.

- (57) [O João] _{Fonte} descobriu [a solução do problema] _{Tema}

Verbos unários com um argumento Tema ou Experienciador selecionado para sujeito.

- (58) [A Maria] _{Experienciador} espirrou.

Para Ilari (1997:38), “os processos pontuais não são necessariamente breves como o disparar de um alarme ou o acender de uma lâmpada incandescente”, mas são aqueles que, ao serem expressos no perfeito do indicativo e ao serem acompanhados de adjuntos adverbiais como *naquele exato instante* continuam sendo considerados em seu todo.

Uma característica importante dos predicados pontuais é sua incapacidade de se combinarem com adjuntos de duração. Quando essa combinação acontece, os adjuntos não indicam a duração do processo, mas o período além ou aquém do qual o processo ocorre.

- (59) a. Se o senhor precisar da casa é só me dizer: saio em 3 dias. - prazo
- b. A parede caiu há muitos anos. - tempo decorrido
- c. Saiam cinco minutos, enquanto eu limpo a sala. - tempo para ficar
fora
- d. O alarme disparou a semana toda. - barulho
intermitente
- e. O motor do carro quebrou por alguns dias. - estado resultante

Xiau & McEnery (2004) afirmam que, embora tradicionalmente os processos culminados e as culminações sejam primariamente distinguidos pelos traços [+/-durativo] (Smith, 1997), para eles a principal diferença entre essas duas categorias consiste principalmente em perceber se elas enfatizam ou não o processo que conduz a um resultado. Segundo eles, através desse critério, os processos culminados colocam ênfase no processo (durativo por natureza) que conduz a um resultado. Por outro lado, a consecução do resultado em uma culminação é normalmente pontual, assim os verbos de culminação são intrinsecamente [-durativos]. Processos culminados são verbos com os traços [+dinâmico],

[+durativo], [+limitado], [+téllico] e [-resultativo], uma vez que focam o processo, conduzindo a, mas não necessariamente atingindo, um resultado implícito (por exemplo *comer, escrever*), enquanto que as culminações são verbos com os traços [+dinâmico], [-durativo], [+limitado], [+téllico] e [+resultativo], por focarem no êxito da culminação do processo que conduz a um resultado (por exemplo *chegar, encontrar*).

1.5.4 Valores aspectuais universais

Conforme foi visto anteriormente, os estados não apresentam dinâmica interna ou estágios, têm duração infinita e não apresentam um ponto final claro (*conhecer alguém*, por exemplo). As atividades descrevem processos dinâmicos homogêneos e atélicos que ocorrem em um período indefinido de tempo (*correr*, por exemplo). Os processos culminados são téllicos e dinâmicos e descrevem eventos com duração intrínseca e em estágios sucessivos (*fazer um bolo*, por exemplo), enquanto as culminações são pontuais, instantâneas, téllicas e dinâmicas (*acender a luz*, por exemplo).

De acordo com Comrie (1976) e Smith (1991, 1997) essas categorias diferenciam-se por traços semânticos que formam pares contrastivos responsáveis por distinguirem se um verbo é [+/- dinâmico], [+/-téllico] ou [+/-durativo]. Assim, os estados são [+durativos], [-téllicos] e [-dinâmicos]; as atividades são [+dinâmicas], [-téllicas] e [+durativas]; os processos culminados são [+dinâmicos], [+téllicos] e [+durativos] e as culminações são [+téllicas], [-durativas] e [+dinâmicas].

1.5.4.1 Duração

A duração (ou duratividade) é um traço semântico que revela a presença ou a ausência de intervalos internos em determinada situação. Ao se afirmar que os estados, as atividades e os processos culminados são durativos, isso significa que as situações que denotam duram por um determinado período de tempo, enquanto os verbos de culminação se referem a eventos pontuais, instantâneos e sem estrutura interna.

Segundo Ilari (1997), no paradigma dos morfemas verbais existem oposições que não ficam completamente evidentes quando somente são referidas as relações cronológicas entre os três momentos distinguidos por Reinchenbach (1947) – o momento da fala, o momento da realização da ação expressa pelo verbo e o momento da referência –, especialmente no que diz respeito à oposição entre o Pretérito Perfeito e o Pretérito Imperfeito. Segundo o autor, tal oposição somente fica clara ao se examinar a expressão da duração expressa por tais tempos verbais.

1.5.4.2 Telicidade

Quando um verbo se refere a uma situação com um ponto final inerente (*Denise está tricotando um blusão*, por exemplo), dizemos que o verbo é télico ou que tem o traço [+télico]. Uma vez que os eventos télicos apresentam um objetivo intrínseco e necessariamente chegam a um fim (quando o blusão estiver pronto, terá terminado a ação de tricotar), dizemos que são finitos. Além disso, quando o objetivo de uma situação télica é

alcançado, o evento fica completo, causando uma mudança de estado. Assim, os processos culminados e as culminações são télicas, enquanto as atividades são atélicas.

De acordo com Comrie (1976), a natureza télica de um evento pode ser testada quando esse é combinado com a distinção perfectivo / imperfectivo. Um verbo é atélico se a situação que ele denota pode ser descrita tanto em uma sentença no perfectivo, quanto em uma sentença no imperfectivo, ou seja, a forma imperfectiva de um verbo atélico estaria vinculada a sua forma correspondente no perfectivo. Por exemplo, ao se dizer que *João está nadando na piscina*, fica implícito que *João nadou na piscina*, por isso o verbo *nadar* é considerado atélico. Por outro lado, ao se dizer que *João está construindo uma piscina*, isso não significa que *João construiu uma piscina*, o que faz com que o verbo *construir* seja télico. A forma perfectiva de uma situação descrita por um verbo télico implica a consecução do ponto final do evento, ou seja, a completude da ação.

1.5.4.3 Estatividade

Smith (1991, 1997) classifica os verbos em dois grandes grupos: os estados e os eventos. Os estados são estáticos, homogêneos, com todos estágios internos idênticos. Ao se dizer que se *sabe alguma coisa*, por exemplo, o fato de se saber independe do momento específico em que o falante decide falar sobre isso. A não ser que haja algo alheio ao estado e que force a sua mudança, o estado pode durar indefinidamente. Contrastando com os estados estão os eventos, os quais são dinâmicos, envolvem estágios distintos e mudanças, as quais são obrigatórias. Para a continuidade de uma ação dinâmica, algum esforço é sempre necessário. Se alguém sai para fazer uma caminhada, por exemplo, mesmo que pare para

conversar com amigos ou para olhar vitrines, ainda assim se pode dizer que a ação de *caminhar* aconteceu. Assim, *fazer uma caminhada*, uma situação dinâmica, envolve mudança automática em estágios internos distintos, enquanto *saber*, um verbo de estado, não envolve qualquer mudança.

Comrie (1976) e De Miguel (1999), entretanto, afirmam que, em alguns casos, os verbos de estado podem ter uma interpretação dinâmica⁴. Como exemplo está o verbo *ficar*, o qual pode ser interpretado como estado ou como evento. Ao se dizer que *a estante fica ao lado da janela*, o verbo *ficar* é estativo, enquanto em *o livro fica na estante* o verbo assume um caráter eventivo, uma vez que o livro pode ficar na estante em várias posições e lugares.

1.6 Aspecto gramatical

De acordo com Comrie (1976), a noção de aspecto gramatical está relacionada às formas diferentes de se ver a constituição temporal interna de uma determinada situação, o que geralmente é denotado através de um morfema gramatical anexado a um verbo principal ou a um verbo auxiliar associado ao verbo principal da sentença (as chamadas “perífrases”). A principal distinção entre os tipos de aspecto gramatical refere-se a quanto uma situação fica visível. Em outras palavras, uma situação pode ser vista como um todo sem qualquer distinção de sua estrutura interna ou pode enfatizar a estrutura temporal interna da situação, conforme será explicado mais adiante.

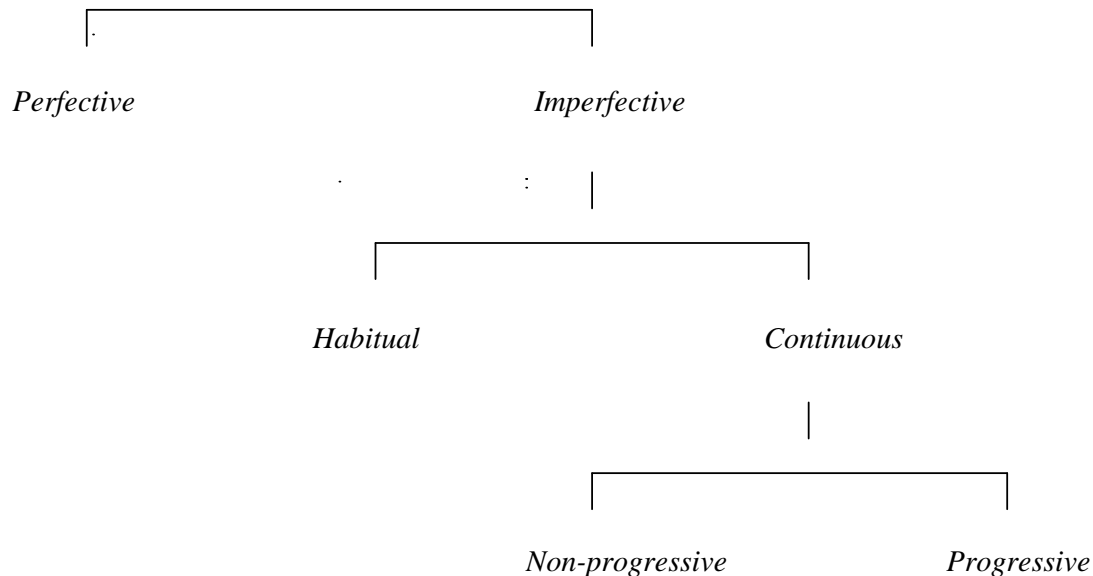
⁴ Ver 1.5.1.

Comrie (1976) e Andersen (1989:4) afirmam que a distinção mais comum encontrada nas línguas é a que diz respeito ao perfectivo e ao imperfeito, conforme exemplos originalmente apresentados em espanhol e aqui traduzidos para o português.

- (60) Presente: Nadie *baila* tan bien como él. - imperfeito
 Ninguém *dança* tão bem como ele.
- (61) Pretérito: Nadie *bailó* tan bien como él. - perfectivo
 Ninguém *dançou* tão bem como ele.
- (62) Imperfeito: Nadie *bailava* tan bien como él. - imperfeito
 Ninguém *dançava* tão bem como ele.

Comrie (1976) inclui, ainda, outras distinções que muitas vezes estão presentes nas línguas: o aspecto habitual e o aspecto progressivo, ilustrados na Tabela 3.

Tabela 3: Classificação das oposições aspectuais segundo Comrie (1976)



O termo gramatical tradicional para a forma que denota aspecto perfectivo em espanhol (bem como em português) é o Pretérito Perfeito, exemplificado com a sentença (61), enquanto que o aspecto imperfectivo é denotado através do Pretérito Imperfeito, como demonstra a sentença (62). Enquanto o aspecto perfectivo trata a situação ou evento como um todo, como um evento fechado que apresenta tanto o ponto inicial quanto o ponto final, o aspecto imperfectivo faz explícita referência à estrutura temporal interna de uma situação, vendo a situação de dentro (Comrie, 1976). As formas de pretérito e de imperfeito somente ocorrem no passado, como é comum nas línguas que apresentam a distinção entre perfectivo *versus* imperfectivo. Entretanto, verbos no presente (sentença 60) também podem ser considerados imperfectivos, uma vez que vêem a situação em termos da estrutura interna da situação e não como um todo contido em si mesmo.

1.6.1 Perfectivo

Como foi visto em 1.6 acima, sentenças no perfectivo são normalmente interpretadas como fechadas em termos de informação, sem distinção entre as fases que caracterizam os eventos. Comrie (1976) aponta para o fato de que, embora o perfectivo seja mais frequentemente caracterizado como uma ação completada, não necessariamente denota uma situação completa, com início, meio e fim. O autor afirma que o termo “completada” põe muita ênfase no término da situação, enquanto que o uso do perfectivo não põe mais ênfase, necessariamente, no fim da situação do que em qualquer outra parte da mesma, apresentando-a como um todo único. É como se a situação fosse vista pelo lado de fora.

Para Comrie (1976:4), “o perfectivo olha para a situação de fora, sem necessariamente distinguir quaisquer das estruturas internas da situação, enquanto que o imperfectivo olha para a situação de dentro e, como tal, preocupa-se crucialmente com a estrutura interna da situação”.

Oliveira (2003) afirma que a perfectividade somente ocorre quando determina a existência de um estado conseqüente, o qual somente fica claro com verbos que denotam eventos de processos culminados e de culminações, os quais já são télicos na sua estrutura básica. O Pretérito Perfeito do português é sempre terminativo, uma vez que marca o momento em que o estado ou o evento terminou, podendo somente nos casos em que há culminação inferir um estado conseqüente, como em (64) e (65): *o livro está escrito* e *a corrida está ganha*, o que não acontece em (63) e (66).

(63) O Jonatan esteve doente.

(64) João Carlos escreveu um livro.

(65) Pedro ganhou a corrida.

(66) Pedro correu.

Smith (1997) defende que a propriedade básica do aspecto perfectivo é a sua capacidade de apresentar a situação como um todo contido em si mesmo, o que torna incompatível sua associação com qualquer interpretação na qual as fases internas particulares de um dado evento são levadas em consideração. Os eventos apresentados no perfectivo são fechados em termos de informação, ou seja, uma sentença no perfectivo normalmente apresenta tanto o ponto inicial quanto o ponto final de uma situação, desconsiderando sua estrutura interna.

(67) Nicole escreveu uma carta.

[//////////]

I F

A sentença (67) permite uma interpretação fechada para um evento que iniciou, terminou e resultou em uma carta.

Além de descrever a ocorrência de um evento como um todo completo, o perfectivo pode enfatizar a descrição do término (completude) de um evento particular. Se o evento for télico (68), o perfectivo denotará a existência de um ponto final natural, enquanto que no caso de um evento atélico (69), denotará a existência de um ponto final arbitrário.

(68) Rosângela fez um pano de prato.

(69) Eduardo correu no parque.

Uma forma perfectiva freqüentemente indica o fim de uma ação quando está explicitamente contrastando com uma forma imperfectiva: uma vez que o imperfectivo indica uma situação em progresso, porque o perfectivo indica uma situação que tem um final, o único elemento semântico novo introduzido pelo perfectivo é aquele que indica o término da situação, conforme exemplos traduzidos do russo para o inglês (Comrie, 1989:19) e, por sua vez, para o português.

(70) on dolgo ugovarival (Ipfv.) menja, no ne ugovoril (pfv.)

He persuaded (Ipfv.) me for a long time, but he didn't persuade (Pfv.) me.

Ele me persuadia por um longo tempo, mas ele não me persuadiu.

As sentenças acima claramente demonstram que ele passou um longo tempo tentando realizar a ação de *persuadir*, mas não houve uma culminação definitiva, uma persuasão de fato. Assim, a finalidade do perfectivo na segunda sentença é a de enfatizar o término (ou o fato de que a ação não foi concluída, uma vez que não houve a persuasão) da ação.

Conforme P. Soares, apud Isabel Leiria (1994:97), “é comum russos que não dominam bem o português cometerem o seguinte erro: “Ontem eu lia as primeiras páginas do relatório”. Ora, *ler as primeiras 50 páginas do relatório* não é igual a ler todo o relatório, não é igual a chegar ao ponto final natural da ação; não é uma culminação definitiva mas uma culminação temporal somente, por isso, em russo, o verbo escolhido é o imperfectivo.

Sentenças em inglês que empregam verbos de estado não são fechadas em termos de informação, uma vez que descrevem situações que não têm um fim claro, conforme exemplos a seguir.

- | | |
|--|----------------------|
| (71) Eduardo <i>ran</i> in the park. | - atividade |
| Eduardo <i>correu</i> no parque. | |
| (72) Luisa <i>made</i> a cake. | - processo culminado |
| Luisa <i>fez</i> um bolo. | |
| (73) Cesar <i>opened</i> the door. | - culminação |
| Cesar <i>abriu</i> a porta. | |
| (74) Douglas <i>knew</i> my phone number. | - estado |
| Douglas <i>sabia</i> o meu número de telefone. | |

As sentenças (71), (72) e (73) apontam para situações fechadas, apenas diferenciando-se pelo fato de terem terminado, possuindo um ponto final arbitrário, ou por serem completadas, com um ponto final natural. Em (71), o evento de *correr* foi terminado, enquanto que em (72) e (73) os eventos de *fazer o bolo* e de *abrir a porta* respectivamente foram completados. Não é o que acontece com a sentença (74), a qual emprega um verbo de estado que pode induzir tanto a uma interpretação aberta quanto fechada. Ao se dizer que *Douglas sabia o meu número de telefone*, pode-se inferir que ele ainda sabe qual é o meu número telefônico (leitura aberta), ou que ele sabia o número decor, mas esqueceu (leitura fechada).

O imperfectivo ocorre com todos os tipos de verbos em português. Castilho (1967) reconhece a existência de três diferentes tipos de imperfectivo: o inceptivo, o cursivo e o terminativo (p.51). De acordo com Costa (1997), o imperfectivo é usado para enfatizar pelo menos uma de três características possíveis de uma situação: sua duratividade, uma de suas fases internas (ou a mera existência delas), ou o fato de que resulta de um processo anterior.

O português brasileiro, ao contrário do inglês, permite uma interpretação fechada com todos os tipos de verbo no perfectivo, inclusive com os verbos de estado. É o que demonstram os exemplos abaixo, originalmente apresentados em Finger (2000:73).

(75) No verão passado, eles *viajaram* para a praia (? E talvez ainda estejam viajando)

Last summer they traveled to the beach (and perhaps they are still traveling)

(76) Mês passado, João *escreveu* um livro (?e talvez ainda esteja escrevendo o livro)

Last month John wrote a book (and perhaps he is still writing the same book).

(77) Ana *abriu* as janelas da casa pela manhã (?e ainda está abrindo as mesmas janelas).

Anna opened the windows of the house in the morning (and she is still opening them)

(78) Maria *esteve* doente hoje de manhã (?e ela ainda está doente agora).

Mary was sick this morning (and she is still sick now).

Tanto no inglês quanto no português, o aspecto perfectivo apresenta um ponto final arbitrário para os verbos de atividade (75), um ponto final natural para os verbos de processo culminado (76) e apresentam as culminações como eventos pontuais (77). Os verbos de estado no perfectivo (78), entretanto, podem sugerir tanto uma interpretação fechada quando aberta, dependendo do contexto.

De acordo com Comrie (1976), nas línguas que possuem a distinção entre perfectivo e imperfectivo, as formas de perfectivo de alguns verbos, em particular dos verbos de estado, podem indicar o começo de uma situação (sentido ingressivo) e não necessariamente o término da mesma, como exemplifica a sentença (78) abaixo.

(79) Ele tornou-se rei.

Para o autor, uma possível análise para esse sentido ingressivo seria que tais verbos, em geral, podem ser tanto de estado quanto ingressivos, ou seja, podem se referir tanto ao estado em si quanto ao começo do estado, como, por exemplo, o verbo *sit* em inglês, o qual pode tanto significar *estar sentado* ou adotar a posição de *sentar*.

O perfectivo também pode indicar o término bem sucedido de uma dada situação (sentido resultativo), conforme exemplo baseado em De Miguel (1999).

(80) Ele converteu-se em missionário religioso.

Considerando-se que a perfectividade envolve a ausência de uma referência explícita da constituição temporal interna de uma situação, as formas perfectivas podem ser usadas com situações que são internamente complexas, mesmo aquelas que duram um período mais longo de tempo ou incluem um número de fases internas distintas, desde que sejam vistas como um todo único.

Embora o aspecto perfectivo normalmente apresente uma situação como pontual, sem dar ênfase aos seus estágios internos ou à sua duração real, a perfectividade não é incompatível com expressões de duração tanto em português quanto em inglês, como é o caso das sentenças abaixo, apresentadas em Finger (2000:74).

(81) Getúlio Vargas governou o Brasil por aproximadamente 20 anos.

Getúlio Vargas governed Brazil for nearly 20 years.

(82) Larry wrote a letter in one hour.

1.6.2 Imperfectivo

O aspecto imperfectivo olha a situação de dentro, ou seja, está relacionado à sua estrutura interna, sem especificar-lhe o começo ou o fim, dando enfoque a algum estágio

interno da mesma. Apresenta as situações como incompletas ou inacabadas, indicando que a ação esteve em progresso em um certo momento no passado, mas não especifica quando ela começou ou se ela teve um desfecho. Refere-se explicitamente às estruturas temporais internas de uma situação, não especificando o começo ou o término de uma situação.

(83) Tobias *cantava* uma linda canção.

[...//...]

I F

A morfologia imperfeita do português *ava* indica que a ação de cantar uma linda canção estava em progresso em algum momento do passado, mas não especifica quando ela começou ou quando terminou. Embora o Pretérito Imperfeito seja um tempo gramatical com informação de passado, não apresenta características temporais em muitas construções por ser um tempo alargado, podendo alterar o tipo de evento, havendo uma sobreposição parcial ou total com um tempo do passado ou mesmo uma relação de inclusão (Oliveira, 2003). É o que demonstram os exemplos a seguir:

(84) Vinícius lia o jornal quando Mateus chegou.

(85) Ontem o Jonatan estava doente.

(86) O Jonatan estava doente às 10 horas da manhã de ontem.

A primeira dessas sentenças mostra que o evento de *ler o jornal* perdeu sua culminação e, ao mesmo tempo, a chegada de Mateus está incluída no período de tempo de ler o jornal, o qual pode ter continuado para além da chegada. As duas sentenças seguintes apresentam verbos de estado acompanhados por adverbiais, os quais interferem na

interpretação das mesmas. Na sentença (85), há uma sobreposição temporal entre os dois intervalos, enquanto na sentença (86) o adverbial está incluído no intervalo de *estar doente*.

O Imperfeito também pode ser utilizado para evidenciar outras formas do passado, como habitualidade, característica de um período de tempo prolongado, de forma que a situação referida seja vista não como uma propriedade incidental do momento, mas como um elemento característico de um período inteiro.

(87) Tobias *cantava* lindas canções todas as manhãs.

Entretanto, o Imperfeito não denota sempre um tempo do passado. Em muitos casos, pode também expressar modalidade, dando idéia de incerteza, de probabilidade.

(88) Larissa, naquele instante, bebia uma Coca Cola.

(89) Estava à tua espera desde ontem.

(90) Se você chegasse a tempo, íamos ao cinema.

(91) Amanhã ia⁵ te visitar, está bem?

O ponto de perspectiva temporal dos dois primeiros exemplos é o tempo da enunciação, o que fica claro com os adverbiais *naquele instante* e *desde ontem* (até o presente momento). Em (89), o evento de *estar à espera* não é relevante no momento da enunciação. O mesmo não acontece em (90), em que a articulação com uma oração condicional projeta a

⁵ Castilho (1996) sugere a possibilidade de uso do Pretérito Imperfeito pelo Futuro do Pretérito quando se quer denotar um fato que seria conseqüência certa e imediata de outro fato que não ocorreu ou que não poderia ocorrer.

ação de *ir ao cinema* para um futuro iminente. Situação semelhante ocorre em (91) através da presença do advérbio *amanhã*.

Uma diferença importante entre o português e o inglês reside no fato de que o contraste perfectivo *versus* imperfectivo não é gramaticalizado em inglês. O português, assim como outras línguas românicas, expressa essa oposição independentemente da oposição progressivo *versus* não-progressivo, o que não acontece com o inglês, o que acarreta implicações cruciais no domínio da interpretação das sentenças. Por não possuir um tempo de passado semelhante ao Pretérito Imperfeito do português, os predicados dinâmicos são quase sempre interpretados como perfectivos no passado simples (*Simple Past*) no inglês.

1.7 Propriedades aspectuais e morfossintáticas dos tempos verbais de passado em inglês e português

A oposição perfectivo/imperfectivo em português é expressa principalmente, embora não exclusivamente, através da morfologia flexional dos tempos Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito. O perfectivo ocorre também em outros tempos, exemplificados aqui através do verbo *preservar*: no Pretérito Perfeito Composto (*tenho preservado*), Futuro do Presente Simples (*preservarei*) e Futuro do Presente Composto (*terei preservado*); o imperfectivo é encontrado também no Gerúndio (*preservando*), no Particípio (*preservado*) e no Pretérito Perfeito Composto (*tenho preservado*).

Em inglês, o tempo que permite uma leitura perfectiva é o *Simple Past*, enquanto que no português brasileiro a interpretação perfectiva é mais comum no Pretérito Perfeito Simples

(*soube*), no Pretérito Perfeito Composto (*tem sabido*), no Futuro do Presente Simples (*saberá*) e no Futuro do Presente Composto (*terá sabido*).

Além disso, o português brasileiro caracteriza-se por permitir a ocorrência tanto do perfectivo quanto do imperfectivo com todos os tipos de verbos e pela existência do aspecto imperfectivo distinto do aspecto progressivo, o qual pode ser aceito inclusive por verbos de estado.

- (92) Márcia *foi/era* muito competente. – verbo de estado
 (93) Anne Marie *escreveu/escrevia* lindos textos. – verbo de atividade
 (94) Cristiane *escreveu/escrevia* dissertação brilhante. – verbo de processo culminado
 (95) Paulo *iniciou/iniciava* a leitura. – verbo de culminação

A língua inglesa não tem tempo verbal equivalente ao Pretérito Imperfeito. Sentenças como (96) podem tanto transmitir uma idéia de evento concluído (*Douglas jogou futebol*), quanto de evento não concluído (*Douglas jogava futebol*), dependendo do contexto. Smith (1997) afirma que o aspecto perfectivo é dominante no inglês principalmente por ser aceito com todos os tipos de verbos. Em (97), observa-se que quando o perfectivo não é a forma adequada para expressar uma situação em andamento no passado o progressivo pode ser usado. A inexistência de tempo equivalente ao Pretérito Imperfeito faz com que os significados de habitualidade e de continuidade sejam expressos pelo uso dos modais *would* ou *used to*, já que, nesses casos, o uso do progressivo é ineficaz, conforme exemplifica a sentença (98).

(96) Douglas played soccer.

(97) Douglas was playing soccer.

(98) Simone would / used to play the piano when she was a child.

Finger (2000) aponta para o fato de que o *Simple Past* do inglês, associado a verbos de estado, pode sugerir tanto uma interpretação fechada quanto aberta, dependendo do contexto (valor neutro). Observe-se a sentença (99):

(99) Juliana knew all the answers to the test /

but she has forgotten them all /

and she still knows them.

Em contraste, os predicados eventivos (processos, culminações ou processos culminados) sugerem sempre uma leitura fechada, diferenciando-se apenas na maneira como é visto o evento: se é um evento terminado, com um ponto final arbitrário, como no caso de *ran in the park* (correu no parque) (100); se é um evento completado, com um ponto final natural, como em *opened the door* (abriu a porta) (101) e *made a sweater* (fez um blusão) (102), eventos concluídos no momento em que porta foi aberta e que o vestido ficou pronto, respectivamente.

(100) Humberto ran in the park.

(101) Egon opened the door.

(102) Denise made a sweater.

De acordo com Oliveira (2003), o Pretérito Imperfeito do português pode até mesmo transformar eventos télicos em atélicos, como vemos na sentença (103). Nesse caso, o aspecto gramatical é mais determinante do que o aspecto lexical. É o caso dos processos culminados e das culminações, que por natureza lexical são télicos e que podem vir a ter sua telicidade modificada quando não há ponto de culminação nem estado conseqüente (104 e 105). Processo semelhante acontece com sentenças equivalentes em inglês, as quais evidenciam um evento em andamento por aceitarem um tempo progressivo para descrever um evento em progresso no passado. Assim, o contexto neutraliza o traço de telicidade inerente ao aspecto lexical dos processos culminados e das culminações.

(103) Salete vendeu/vendia roupas.

(104) Rui morria quando o médico chegou.

Rui was dying when the physician arrived.

(105) Vinícius lia o livro quando Mateus telefonou.

Vinícius was reading the book when Mateus phoned.

Segundo Oliveira, os verbos de estado e os processos (atividades) são inerentemente atélicos e o emprego do Pretérito Imperfeito respeita seu aspecto lexical. Por serem homogêneos, os estados não têm um limite e o emprego do Pretérito Imperfeito com este tipo de verbo não oferece alteração aspectual. Tal fato pode ser verificado na sentença (106), a partir da qual se pode inferir que o sujeito Rui ainda está doente. Entretanto, o emprego do Pretérito Perfeito com verbos de estado pode induzir a uma interpretação fechada, contrária ao caráter aberto do seu aspecto lexical inerente. Assim, em (107), pode-se inferir que Rui não está mais doente, havendo um limite temporal para o estado de estar doente. É aí que reside uma diferença fundamental entre o português e o inglês, objetos de estudo nesta pesquisa.

Uma vez que os verbos de estado não aceitam tempos progressivos em inglês, as sentenças *Rui esteve/estava doente* têm como equivalente uma única sentença *Rui was sick* (108), o que dificulta a apreensão da idéia de telicidade ou atelicidade da mesma em contextos isolados.

(106) Rui estava doente.

(107) Rui esteve doente.

(108) Rui was sick.

No que diz respeito a processos, ou verbos de atividades, inerentemente atélcos, verifica-se que o Pretérito Imperfeito normalmente respeita seu aspecto lexical (109). Por outro lado, o Pretérito Perfeito dá uma idéia de limite e inferência de evento terminado, que contraria a natureza aspectual dos verbos de atividades, que são inerentemente eventos abertos (110).

(109) Cesar escutava músicas românticas na sua adolescência.

(110) Cesar escutou músicas românticas na sua adolescência.

Embora o português não ofereça restrições quanto ao uso do Pretérito Perfeito e do Pretérito Imperfeito com todas as classes de verbo, existem diferenças de interpretação entre frases equivalentes em português e inglês. Com verbos de processos ou atividades, sentenças em inglês no *Simple Past* como (71), citada novamente em (111), assumem um caráter perfectivo, enquanto que suas correspondentes em português (Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito) têm um caráter perfectivo e imperfectivo, respectivamente. O mesmo acontece com verbos de processo culminado (112) e com verbos de estado (99), sentença agora citada em (113). Verbos de culminação (114) parecem não aceitar a interpretação imperfectiva em

português, uma vez que tais verbos são pontuais e uma interpretação aberta exigiria um contexto pragmático ou adverbial especial. A interpretação aberta sugerindo habitualidade só é possível pela presença de um contexto adverbial para dar suporte a essa idéia (115).

- (111) Eduardo ran in the park. - atividade
Eduardo correu/corria no parque.
- (112) Sérgio ran five miles. - processo culminado
Sérgio correu/corria cinco milhas.
- (113) Juliana knew all the answers to the test. - estado
Juliana soube/sabia todas as respostas para o teste.
- (114) Carlos arrived home. - culminação
Carlos chegou em casa.
- (115) Carlos arrived home at eight o'clock every day. - culminação
Carlos chegava em casa às oito horas todos os dias.

À semelhança do espanhol, língua pesquisada por Montrul & Slabakova (2002), o português utiliza o Pretérito Imperfeito para dar idéia de evento em andamento no passado. Por outro lado, por não possuir o Pretérito Imperfeito, o inglês utiliza um tempo progressivo, o *Past Progressive*, para transmitir a idéia de abertura a predicados eventivos, o que não é possível com verbos de estado, os quais são incompatíveis com o progressivo em inglês. Observemos os pares de sentenças em português e inglês, associados aos tipos de verbos.

- (116) Eduardo corria no parque quando sua namorada chegou. - atividade
Eduardo was running in the park when his girlfriend arrived.
- (117) Douglas lia o livro quando Isabel telefonou. - processo culminado

Douglas was reading the book when Isabel phoned.

(118) Igor ganhava a corrida quando alguma coisa aconteceu. - culminação

Igor was winning the race when something happened.

(119) Laís sabia a verdade. - estado

*Laís was knowing the truth. (anomalia semântica)

1.7.1 Os sistemas aspectuais do inglês e do português

Um grande número de testes sintáticos podem ser usados para distinguir o aspecto lexical dos predicados tanto em português como em inglês (Finger, 2000). Alguns desses testes serão apresentados a seguir.

1.7.1.1 Estados

➤ Contrariamente ao inglês, o português aceita o progressivo com verbos de estado (118), excetuando-se as expressões compostas com o verbo *ser* + adjetivo (119).

(120) Alceu está sabendo a resposta certa.

* Alceu is knowing the right answer.

(121) * Romualdo está sendo alto.

* Romualdo is being tall.

➤ Tanto os verbos de estado em português quanto em inglês rejeitam sentenças no imperativo.

(122) * Seja alto!

* Be tall!

➤ Em ambas as línguas, os verbos de estado não são usados como complementos de forçar / *force* e persuadir / *persuade*.

(123) * Eliane persuadiu Lucas a saber italiano.

* Eliane persuaded Lucas to know Italian.

➤ Advérbios que descrevem ações voluntárias são rejeitados tanto em português quanto em inglês.

(124) * Paulo deliberadamente / cuidadosamente sabia francês.

* Paul deliberately / carefully knew French.

➤ Ambas as línguas aceitam o advérbio *por / for*, o que dá aos eventos um caráter de homogeneidade, de ação ininterrupta por um determinado período de tempo.

(125) Isabel amou Mark por sete anos.

Isabel loved Mark for seven years.

- Advérbios de duração indireta não podem ocorrer com verbos de estado.

(126) * Meu primo lentamente acreditou em Papai Noel.

* My cousin slowly believed in Santa Claus.

- Finalmente, verbos de estado não podem ser usados nas construções clivadas.

(127) * O que Lucas fez foi saber italiano.

* What Lucas did was know Italian.

1.7.1.2 Atividades *versus* processos culminados

Testes sintáticos apontam semelhanças entre o português e o inglês em predicados de atividade (atélicos) e em processos culminados (télicos). Alguns deles são:

- Nas duas línguas, predicados de atividade aceitam a preposição *por / for*, mas rejeitam a preposição *em / in*, exatamente o contrário do que ocorre nos processos culminados.

(128) Rose cantou por uma hora.

Rose sang for an hour.

(129) * Rose cantou em uma hora.

* Rose sang in an hour.

(130) ? Toni desenhou uma árvore por uma hora.

? Toni drew a tree for an hour.

(131) Toni desenhou uma árvore em uma hora.

Toni drew a tree in an hour.

➤ Em ambas as línguas, tanto verbos de atividade quanto verbos de processos culminados podem ocorrer como complementos do verbo *parar / stop*, embora com interpretações distintas. Ao se dizer que alguém parou de cantar, sabe-se que a ação de cantar efetivamente ocorreu e que foi interrompida, enquanto que ao se dizer que alguém parou de desenhar uma árvore, o que se sabe é que, em algum momento do passado, o processo foi iniciado, mas não se sabe se foi terminado.

(132) Rose parou de cantar.

Toni parou de desenhar uma árvore.

(133) Rose stopped singing.

Toni stopped drawing a tree.

➤ Atividades e processos culminados aceitam o advérbio *quase / almost*.

(134) O bebê quase falou.

O bebê quase falou “mamãe”.

(135) The baby almost spoke.

The baby almost said “mummy”.

1.7.1.3 Processos culminados *versus* culminações

Basicamente, os processos culminados e as culminações comportam-se da mesma maneira no português e no inglês, como veremos a seguir.

➤ Uma semelhança importante reside no fato de que os processos culminados podem ocorrer, em ambas as línguas, em sentenças introduzidas pelas preposições *em / in* e *por / for* (136), enquanto as culminações admitem apenas a preposição *in* (137) Nesse sentido, distinguem-se das atividades, as quais somente admitem a preposição *por / for* (138).

(136) Ignacinha lavou a louça em uma hora.

Ignacinha did the dishes in one hour.

Ignacinha lavou a louça por uma hora.

Ignacinha did the dishes for one hour.

(137) Cristiane achou sua carteira em uma hora.

Cristiane found her wallet in one hour.

? Cristiane achou sua carteira por uma hora.

? Cristiane found her wallet for one hour.

(138) Maria Alice dirigiu por uma hora.

Maria Alice drove for one hour.

? Maria Alice dirigiu em uma hora.

? Maria Alice drove in one hour.

➤ Nos processos culminados, as línguas estudadas também se assemelham no que concerne à noção de acarretamento (*entailment*)⁶, introduzida por Smith (1991, 1997). Sentenças no perfectivo com verbos de processos culminados implicam sentenças equivalentes no progressivo (139). Entretanto, o contrário não ocorre, ou seja, sentenças no progressivo não implicam necessariamente ações concluídas (140).

(139) Jurema escreveu um livro no mês passado.

Jurema estava escrevendo um livro no mês passado.

(140) Jurema wrote a book last month.

Jurema was writing a book last month.

Ao se afirmar que alguém escreveu um livro no mês passado, pode-se inferir que a ação esteve em andamento em um momento no passado. Entretanto, ao se afirmar que alguém estava escrevendo um livro no mês passado, isso não significa que o processo de escrita esteja concluído.

De acordo com Giorgi & Pianesi (1997), os predicados que envolvem verbos de culminação em línguas românicas podem parecer estranhos para alguns falantes de inglês quando o imperfectivo expressa um evento em andamento no passado. Segundo tais autores, dado que os verbos de culminação têm um ponto final inerente, são incompatíveis com a interpretação aberta que o imperfectivo sugere.

⁶ Na lógica de predicados, uma sentença acarreta outra quando a implica semanticamente. A sentença *Comprei uma rosa*, por exemplo, acarreta a sentença *Comprei uma flor*, mas não vice-versa, pois a flor comprada pode ser um crisântemo, por exemplo e não uma rosa, necessariamente.

Quando as culminações estão envolvidas, não existe qualquer relação desse tipo em ambas as línguas. Se um processo estava em andamento no passado, não significa que necessariamente tenha chegado à sua culminação (141) e (142). Observa-se o mesmo quando a situação é apresentada de forma invertida: se o processo chegou à sua culminação, não significa que esteve em andamento (pode ser um fato imprevisível, instantâneo, um acidente, como é o caso do verbo *morrer*).

(141) A velha senhora estava morrendo no mês passado.

A velha senhora morreu no mês passado.

(142) The old lady was dying last month.

The old lady died last month.

1.8 Conclusão

Em conclusão, o propósito deste capítulo foi revisar as distinções mais essenciais introduzidas na literatura sobre aspecto. A discussão sobre o contraste entre tempo e aspecto foi seguida de uma análise dos dois tipos de aspecto que podem ser encontrados nas línguas, o aspecto lexical e o aspecto gramatical. No que concerne ao aspecto gramatical, a classificação de Vendler foi apresentada em detalhes, caracterizando as propriedades de cada categoria aspectual: os verbos de estado, os verbos de atividades, os verbos de processo culminado e os verbos de culminação. Os tipos de testes normalmente usados para a classificação dos verbos também foram mencionados, bem como sentenças-exemplo em cada tipo de teste. Em adição a isso, foi realizada uma análise de como as propriedades semânticas do aspecto lexical e gramatical se manifestam em inglês e em português, línguas envolvidas neste estudo.

Uma vez que se está investigando a aquisição de aspecto por aprendizes de português como segunda língua, no próximo capítulo será discutido o que a literatura apresenta a respeito da aquisição do tempo e do aspecto por aprendizes de uma língua não-materna.

2 A AQUISIÇÃO DO TEMPO E DO ASPECTO

2.1 Introdução

Neste capítulo, será feita uma revisão sucinta dos estudos que investigaram a aquisição da morfologia tempo-aspecto em língua materna e em segunda língua, bem como será apresentada a Hipótese da Primazia do Aspecto na sua mais recente formulação (Andersen & Shirai, 1996). O estudo realizado por Montrul & Slabakova (2002), cujo experimento sobre a aquisição de distinções aspectuais no espanhol serviu de base para a presente pesquisa, será também revisto, a fim de que se possa verificar, na discussão dos dados que é apresentada no Capítulo 4, a existência de semelhanças e diferenças entre os resultados obtidos em língua espanhola e em língua portuguesa.

2.2 A aquisição de tempo e aspecto – os primeiros estudos

Os primeiros estudos que investigaram a morfologia tempo-aspecto, os chamados *morpheme studies*, foram realizados por Roger Brown (1973), com o intuito de investigar se a aquisição dos morfemas gramaticais segue ou não uma ordem definida. Em um estudo

longitudinal pioneiro, Brown concluiu que quatorze morfemas do inglês como língua materna foram adquiridos por três crianças em uma seqüência semelhante (Adam, Eve e Sarah), conclusão essa que foi ratificada em outra pesquisa realizada por de Villiers & de Villiers, no mesmo ano.

Dulay & Burt (1973) verificaram o que o fato representava na aquisição de uma segunda língua (L2). Estudando um grupo de crianças falantes nativas de espanhol aprendendo inglês como segunda língua, eles apresentaram evidência de que o processo de aquisição de uma segunda língua é semelhante ao de aquisição de língua materna (L1). Eles concluíram que, embora não fosse a mesma ordem encontrada nos estudos de aquisição do inglês como L1, há uma ordem comum de aquisição de certas estruturas da L2. Para explicar essa diferença (veja quadro abaixo), Dulay & Burt perceberam que a ordem de aquisição postulada para aprendizes mais velhos não foi afetada pelo desenvolvimento cognitivo e conceptual pelo qual uma criança passa enquanto adquire sua língua materna. A maioria dos erros cometidos pelos aprendizes do inglês como L2 eram erros “desenvolvimentais”, em vez de uma mera interferência, ou seja, são os mesmos erros cometidos pelos aprendizes de inglês como L1 e não o resultado de uma interferência dos hábitos lingüísticos da L1. Os pesquisadores concluíram, a partir dessas constatações, que tanto a aquisição de L1 quanto a de L2 envolve processamento de dados lingüísticos semelhante.

Tabela 4: Aquisição dos morfemas gramaticais em L1 e L2

Aprendizes de L1 (de Villiers & de Villiers, 1973)	Aprendizes de L2 (Dulay & Burt, 1973)
1. Plural <i>s</i>	1. Plural <i>s</i>
2. Progressivo <i>ing</i>	2. Progressivo <i>ing</i>
3. Passado irregular	3. Cópula contrátil
4. Artigos <i>a/an, the</i>	4. Auxiliar contrátil

5. Cópula contrátil	5. Artigos <i>a/an, the</i>
6. Possessivo <i>s</i>	6. Passado irregular
7. Terceira pessoa do singular <i>s</i>	7. Terceira pessoa do singular <i>s</i>
8. Auxiliar contrátil	8. Possessivo <i>s</i>

Outros pesquisadores dedicaram-se aos estudos da aquisição dos morfemas com aprendizes de inglês falantes nativos de diferentes línguas e idades, a saber: Larsen-Freeman (1975); Bailey (1991) e Krashen (1985). A grande contribuição dos *morpheme studies* foi a constatação de que aprendizes de uma segunda língua parecem adquirir os morfemas gramaticais da mesma maneira que os aprendizes de língua materna e que essa seqüência natural não é determinada somente ou até mesmo principalmente pela primeira língua do aprendiz.

Tais estudos deram origem a uma série de outros estudos (Bloom et al, 1980, Andersen, 1986, 1989, 1991; Andersen & Shirai, 1994, 1996; Robinson, 1990, entre outros) – que serviram de base para a Hipótese do Aspecto, ou Hipótese da Primazia do Aspecto – cujo objetivo era investigar se existe ou não um conjunto de princípios universais que os aprendizes usam para marcar o aspecto verbal tanto em contextos de língua materna quanto em segunda língua. Muitos autores afirmam que o aspecto inerente de um verbo exerce um papel importante na aquisição de morfemas de tempo e aspecto e que os aprendizes tanto de uma L1 quanto de uma L2 adquirem distinções aspectuais antes de adquirirem distinções de tempo.

2.3 Aquisição de tempo e aspecto em segunda língua

Conforme foi mencionado anteriormente, durante os anos 1970 e 1980 muitos experimentos foram realizados com o intuito de verificar a existência ou não de padrões de desenvolvimento universais na aquisição da morfologia verbal. A partir da identificação de estágios particulares na aquisição dos morfemas na língua materna, vários estudos surgiram com o propósito de investigar a existência de estágios também no processo de aquisição de uma segunda língua.

Basicamente, os estudos que investigam a aquisição da morfologia verbal em segunda língua podem ser divididos em dois tipos: os estudos de tradição não-gerativa e os estudos de tradição gerativa.

Os estudos realizados sob uma perspectiva não-gerativa têm como principal característica a investigação da influência do aspecto lexical inerente aos predicados nas escolhas que os aprendizes fazem para marcar distinções de aspecto gramatical. Autores como Andersen & Shirai (1994, 1996) e Bardovi-Harlig (1999), por exemplo, pautaram suas pesquisas na busca de princípios universais que os falantes supostamente utilizam em contextos de aquisição tanto de língua materna quanto de segunda língua. Estudos desse tipo partem da noção de que, nos estágios iniciais de aquisição, tais princípios induzem os aprendizes a relacionarem forma e significado com base no aspecto lexical inerente aos predicados, ao invés do tempo verbal. Dessa forma, a inadequação no uso dos dispositivos gramaticais da segunda língua seria uma mera consequência do papel desempenhado pelo aspecto verbal desde os primeiros estágios do desenvolvimento. Essa é a chamada **Hipótese da Primazia do Aspecto** (*Primacy of Aspect Hypothesis*), a ser descrita no item 2.3.1. De

acordo com tal hipótese, certos padrões no desenvolvimento da marcação de tempo e aspecto gramatical surgem como uma consequência das conexões mentais feitas pelos aprendizes entre a morfologia da língua alvo e o aspecto lexical inerente dos predicados.

Por outro lado, os estudos de tradição gerativa buscam respostas para o comportamento aparentemente desorganizado dos aprendizes com relação à marcação morfológica investigando em que medida existe acesso aos princípios e parâmetros da Gramática Universal (GU) durante o processo de desenvolvimento de uma L2. Mais especificamente, os pesquisadores buscam saber se as Categorias Funcionais⁷ que hospedam morfemas gramaticais relacionados a tempo e aspecto são projetadas desde os estágios iniciais da aquisição. Enquanto alguns afirmam que os aprendizes de L2 não têm acesso ou possuem acesso limitado à GU, outros pesquisadores afirmam que a chamada “variabilidade” na marcação morfológica em estágios da interlíngua resulta do mapeamento incompleto do paradigma morfológico da língua alvo, ao invés de déficit ou ausência de Categorias Funcionais nas gramáticas iniciais. Destacam-se nessa linha de investigação os defensores da *Strong Continuity Hypothesis* (Flynn & Martohardjono, 1994; Epstein, Flynn & Martohardjono, 1996), bem como os defensores da *Missing Inflection Hypothesis* (Grondin & White, 1996; Prévost & White, 1999).

Ambas as visões serão apresentadas a seguir.

⁷ As **categorias lexicais**, que são definidas pela combinação de apenas dois traços distintivos fundamentais: nominal [+/-N] e verbal [+/-V] diferenciam-se das **categorias funcionais** (geralmente manifestados na forma de

2.3.1 A Hipótese da Primazia do Aspecto

Um grande número de estudos foi realizado com o intuito de investigar a aquisição da morfologia tempo e aspecto. Tais estudos examinavam se existe um conjunto de princípios que os aprendizes usam para marcar o aspecto verbal tanto em contextos de primeira como de segunda língua. Muitos autores têm afirmado que o aspecto lexical de um verbo exerce um papel fundamental na aquisição e que tanto aprendizes de língua materna quando aprendizes de segunda língua adquirem distições aspectuais antes de adquirirem distinções temporais. É a chamada Hipótese da Primazia do Aspecto, a qual está sucintamente descrita abaixo.

São quatro as previsões feitas pela Hipótese da Primazia do Aspecto, a qual foi inicialmente desenvolvida por Bloom et al. (1980) e Andersen (1989, 1991) e está apresentada abaixo na sua mais recente formulação (Andersen & Shirai, 1996). Baseada na classificação de Vendler (1957), em nível de descrição, a hipótese prevê as seguintes seqüências para o aparecimento da morfologia verbal no processo de aquisição:

1. Os aprendizes primeiramente usam a marca de passado em verbos de culminação e de processo culminado, eventualmente estendendo seu uso para verbos de atividade e de estado.
2. Em línguas que têm o aspecto progressivo, a marca do progressivo aparece primeiro com verbos de atividades, estendendo-se para verbos de processo culminado e verbos de culminação.
3. Marcas de tempos progressivos não são incorretamente estendidas para verbos de estado.

4. Em línguas que têm a distinção perfectivo-imperfectivo, o imperfectivo aparece mais tarde do que o perfectivo com verbos de estado e de atividades, estendendo-se para verbos de processo culminado e verbos de culminação.

A Hipótese da Primazia do Aspecto prevê (a) a associação do aspecto perfectivo com os verbos eventivos, (b) a correlação dos verbos de estado com o imperfectivo, (c) a associação do aspecto progressivo com os verbos de atividades e (d) a supergeneralização do aspecto progressivo com verbos de estado, conforme segue:

a) A associação do aspecto perfectivo com os verbos de processo culminado e os verbos de culminação

De acordo com os defensores da Hipótese da Primazia do Aspecto, os aprendizes iniciantes de uma segunda língua empregam o perfectivo mais com verbos de culminação e com verbos de processo culminado do que com verbos de atividade ou com verbos de estado. De acordo com Bardovi-Harlig (1999), tal afirmação encontra suporte nos fatos de que a maioria dos estudos sobre o aspecto baseia-se em dados de produção narrativa não-controlada em que parece haver uma incidência grande de verbos de culminação e também no fato de que o morfema de passado é aparentemente o primeiro a ser adquirido.

b) A correlação do aspecto imperfectivo com os verbos de estado

É senso comum na literatura que o aspecto imperfectivo surge após a aquisição do aspecto perfectivo. Andersen (1991) reporta que o pretérito surge depois do imperfeito na aquisição do espanhol; Kaplan (1987) afirma que o *passé composé* do francês surge depois do

imparfait e Giacalone Ramat (1995) apresenta resultados semelhantes na aquisição do italiano.

Andersen (1986, 1991) encontrou uma forte correlação entre os verbos de estado e os verbos de atividade com o imperfectivo, o qual, segundo o autor, é adquirido na seguinte ordem: verbos de estado, verbos de atividade, verbos de processo culminado e, finalmente, verbos de culminação. Segundo Bergström (1995), a aquisição do francês como L2 obedece à ordem semelhante.

Giacalone Ramat (1995), investigando a aquisição do italiano como L2, descobriu que a primeira forma marcada a aparecer na aquisição do idioma, o particípio passado, nem sempre é empregada para marcar o imperfectivo passado. A autora afirma que uma forma não-marcada de presente e, mais tarde, o imperfeito, são usados no lugar disso. Segundo a autora, o imperfectivo surge num estágio posterior no processo, somente após as marcas do perfectivo terem sido adquiridas.

c) a associação do aspecto progressivo com os verbos de atividades

A maioria dos estudos realizados para investigar a aquisição do inglês como segunda língua encontraram significativa evidência de que o morfema progressivo *ing* está fortemente relacionado aos verbos de atividade, numa incidência muito superior do que qualquer outra classe aspectual. Dão suporte a essa afirmação os estudos realizados por Bardovi-Harlig & Reynolds (1995), Collins (1997), Bardovi-Harlig & Bergström (1996) e Bardovi-Harlig (1998).

Robison (1995) encontrou evidências que desafiam a Hipótese da Primazia do Aspecto ao constatar que nativos de Porto Rico, aprendizes de inglês, empregavam a marca do progressivo com verbos de atividade muito mais em níveis elevados do que em níveis iniciantes.

Giocalone Ramat (1997) igualmente encontrou forte associação do progressivo com verbos de atividade no caso do italiano como segunda língua. Shirai & Kurono (1998) também apresentam evidências que comprovam a segunda asserção da Hipótese da Primazia do Aspecto: os sujeitos testados acharam mais fácil reconhecer os usos corretos do progressivo em sentenças nas quais o morfema estava anexado a verbos de atividade do que quando este estava associado a verbos de culminação.

d) Uma supergeneralização do aspecto progressivo com verbos de estado

Um grande número de pesquisadores concluiu que aprendizes de inglês como segunda língua eventualmente usam o morfema *ing* com verbos de estado, embora em percentuais não muito significativos. Os autores justificam tal fenômeno devido à interferência da língua materna na aquisição do inglês. Comprovam tal afirmação os estudos realizados por Robison (1990), Robison (1995), Flashner (1989), Rohde (1996), Bardovi-Harlig & Bergström (1996), Bardovi-Harlig & Reynolds (1995), Collins (1997) e Bardovi-Harlig (1998).

No caso de aprendizes que foram expostos a uma situação formal de aprendizagem, entretanto, estudos como os de Bardovi-Harlig & Bergström (1996), Bardovi-Harlig & Reynolds (1995) e Bardovi-Harlig (1998) não encontraram evidências de progressivo com verbos de estado até mesmo porque poucos predicados estativos foram produzidos pelos

sujeitos nas narrativas orais e nos testes escritos propostos pelos pesquisadores. Além desses, Giacalone Ramat (1997), em pesquisa sobre o italiano, e Shirai (1995) e Shirai & Kurono no japonês também encontraram uma taxa baixa de supergeneralização da flexão do progressivo.

Finger (2000) realizou o primeiro estudo que utilizou instrumentos controlados de coleta de dados na investigação sobre a aquisição do aspecto por falantes nativos de português – diferentemente de todos os outros que se basearam em narrativas orais. Os resultados encontrados na pesquisa de Finger demonstram que a hipótese segundo a qual a utilização da morfologia verbal em períodos iniciais de aquisição é guiada pelas propriedades aspectuais dos verbos (Hipótese da Primazia do Aspecto) não foi confirmada em sua totalidade no caso dos aprendizes testados⁸.

Montrul & Slabakova (2002), cuja investigação sobre a aquisição de distinções aspectuais no espanhol como segunda língua serviu de base para esta pesquisa, entram numa outra perspectiva em termos de estudos sobre a aquisição do aspecto que não é a da Hipótese da Primazia do Aspecto. O trabalho desenvolvido pelas autoras passa a ser descrito a seguir.

2.4 Montrul & Slabakova (2002a, b)

Os estudos realizados por Silvina Montrul e Roumyama Slabakova (2002a,b) exploraram a interface entre a morfossintaxe e a semântica através da investigação de como aprendizes de segunda língua adquirem as conexões entre forma e significado no que diz respeito a tempo e aspecto. Particularmente, investigaram a aquisição de interpretações

aspectuais dos tempos verbais Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito do espanhol por aprendizes dessa língua em níveis intermediário e avançado, falantes nativos de inglês. Embora a aquisição da morfologia relacionada a tempo e aspecto nas línguas românicas já houvesse sido estudada desde a década de 1980⁹, o trabalho desenvolvido pelas autoras caracterizou-se pelo fato de integrar ao modelo de análise de tradição gerativa os resultados encontrados pelos estudos de tradição não gerativa. Em outras palavras, Montrul & Slabakova levam em consideração a interação entre o aspecto lexical e o aspecto gramatical (tradição não gerativa) dentro de uma perspectiva de análise do processo de aquisição de L2 envolvendo Categorias Funcionais (tradição gerativa), através da investigação de se o conhecimento da morfologia dos tempos verbais de passado do espanhol tem relação com o conhecimento da oposição semântica “interpretação fechada / interpretação aberta” que os traços [+/- perfectivo] instanciam nessa língua.

A fim de distinguir o inglês e o espanhol em seus sistemas temporais e aspectuais, as autoras adotaram a análise de Giorgi & Pianesi (1997) com relação às diferenças paramétricas entre línguas germânicas e românicas, uma análise fundamentada na teoria dos traços e das Categorias Funcionais do Programa Minimalista de Chomsky (1995). De acordo com essa teoria, para que ocorra a aquisição de uma língua, as crianças devem selecionar, entre um inventário universal de traços, aqueles que são relevantes para a sua língua, associando, subsequentemente, esses traços aos morfemas. Na aquisição de uma segunda língua, a tarefa dos aprendizes é aprender quais Categorias Funcionais não estão instanciadas em sua língua materna, adquirir traços novos ou aprender que os traços que já estão instanciados em sua

⁸ Para uma discussão mais detalhada a respeito da Hipótese da Primazia do Aspecto e sua aplicação na análise de dados de compreensão e de produção controlada, ver Finger (2000).

⁹ Andersen (1986) em espanhol; Coppieter (1987) e Kaplan (1987) em francês; Wiberg (1996) em italiano e Leiria (1994) em português.

língua materna têm força ou valores diferentes na segunda língua. Em outras palavras, tal modelo de aquisição prevê que toda a variação possível entre as línguas seja explicada a partir das Categorias Funcionais, seus traços e valores. Nesse contexto, as autoras assumem, então, a concepção de que a diferença crucial entre as línguas inglesa e espanhola seria encontrada justamente na composição dos traços e valores da Categoria Funcional AspP, responsável pelas distinções aspectuais das línguas.

Continuando sua revisão teórica, Montrul & Slabakova enfatizam que, no caso do desenvolvimento de uma segunda língua, o acesso aos princípios e parâmetros da Gramática Universal tem sido avaliado a partir da perspectiva de aquisição de novos traços ou da reinstanciação de novos valores de traços e da realização morfológica associada a eles. Os enfoques de acesso à Gramática Universal em segunda língua podem ser, basicamente, classificados em dois grandes grupos: **o acesso total** e **o acesso parcial** à GU.

De acordo com a Hipótese de Acesso Total, as propriedades sintáticas abstratas das gramáticas da língua materna (incluindo as Categorias Funcionais, seus traços e valores) são inicialmente transferidas da língua materna para o sistema da segunda língua no processo de aquisição (Schwartz & Sprouse, 1996), o que significa postular que, embora os aprendizes não se utilizem da morfologia verbal da língua materna na construção de sua interlíngua, eles transferem a especificação dos traços associados a Categorias Funcionais de sua L1 para sua L2. Prévost & White (1998) defendem que, embora as Categorias Funcionais estejam presentes nas gramáticas de L1 e de L2 (em crianças), é possível que elas, inicialmente, não sejam projetadas em todos os tipos de sentenças. Os autores fornecem evidência de que aprendizes adultos de uma L2 exibem marcação flexional assistemática nos vários tipos de sentenças e concluem que a variabilidade revelada pelos aprendizes resulta de uma falta de

associação entre formas superficiais e suas representações subjacentes e não da ausência de projeções de Categorias Funcionais. Essa visão é também conhecida como *Full Transfer / Full Access Hypothesis* (Schwartz & Sprouse, 1996), *Strong Continuity Hypothesis* (Flynn & Martohardjono, 1994; Epstein, Flynn & Martohardjono, 1996. Prévost & White, 1999) ou, ainda, *Missing Inflection Hypotheses* (Grondin & White, 1996; Lardiere, 1998).

Por outro lado, a fim de dar conta da variabilidade atestada em L2 no uso dos morfemas gramaticais associados às Categorias Funcionais, os defensores da Hipótese de Acesso Parcial à GU postulam a sua indisponibilidade aos falantes no processo de construção da gramática da L2 de forma direta e independente. Supõem, portanto, que a reinstanciação dos parâmetros da GU, segundo os valores da língua alvo, nunca é alcançada, pois somente uma subparte da GU estaria disponível aos aprendizes após o período crítico. Um exemplo dessa visão é a chamada *Failed Functional Features Hypotheses* (Hawkins & Chan, 1997), segundo a qual, embora os princípios invariantes da GU estejam permanentemente disponíveis ao aprendiz, o acesso aos parâmetros ainda não instanciados na L1, ou a valores de parâmetros distintos dos que já foram instanciados na L1, é impossível após o período crítico. Dessa forma, a especificação dos traços associados às Categorias Funcionais será sempre aquela determinada pela língua materna, mesmo quando a aprendiz demonstrar a utilização da morfologia correta da língua alvo, uma vez que a reinstanciação dos parâmetros em L2 é impossível. Assim embora o paradigma morfológico da língua alvo possa vir a ser adquirido, nem os traços formais relacionados às Categorias Funcionais, nem as implicações semânticas e sintáticas associadas a eles, serão adquiridos.

Em suma, a Hipótese de Acesso Total difere radicalmente da Hipótese de Acesso Parcial com relação à possibilidade de acesso às Categorias Funcionais na aquisição de L2.

Enquanto a primeira prevê a existência de projeções funcionais, a conseqüente especificação dos traços e valores das Categorias Funcionais, bem como a aquisição do paradigma morfológico da língua alvo no decorrer do desenvolvimento da L2, a segunda prevê que os aprendizes possuam os traços associados às Categorias Funcionais permanentemente sem valores especificados ou com os valores trazidos da L1, sendo incapazes de identificarem as conseqüências sintáticas relacionadas a essas Categorias Funcionais, embora possam, por vezes, associar material morfológico da L2 a valores de traços especificados pela L1.

Com o intuito de investigar como aprendizes de uma segunda língua adquirem conexões entre forma e significado no domínio aspectual e temporal, particularmente no que diz respeito à aquisição da interpretação aspectual do Pretérito Perfeito e do Pretérito Imperfeito no espanhol como segunda língua, Montrul & Slabakova (2002a,b) investigaram 71 adultos falantes nativos de inglês, os quais tinham aprendido ou estavam aprendendo espanhol em ambientes formais e cuja proficiência variava entre os níveis intermediário e avançado, níveis esses comprovados através da adaptação de um teste de proficiência (*Diploma de Espanõl como Lengua Extranjera*, da Embajada de España, sediada em Washington D.C.). A maioria dos participantes foi recrutada entre aprendizes de espanhol em nível intermediário e avançado em duas universidades nos Estados Unidos e os demais sujeitos eram professores de língua e literatura espanhola em nível avançado de proficiência na língua. A idade média dos sujeitos investigados era de 25,93 e a média de idade em que haviam iniciado a aquisição do espanhol como segunda língua era 13,97. Um grupo de 23 falantes nativos de espanhol, com média de idade 37,43, oriundos de diferentes países falantes dessa língua constituiu o grupo de controle.

Dois instrumentos foram criados para testar a aquisição das propriedades morfológicas e semânticas no espanhol. O primeiro teste, denominado Teste Morfológico, consistiu de uma versão adaptada do texto “Psycho” encontrado no livro *Pasajes* (Bretz, Dvorak & Kirschner, 1992, apud Montrul & Slabakova, 2002 a,b). Os participantes tinham que selecionar, entre duas opções, a forma correta do verbo no passado, conforme exemplo original em espanhol: “El jefe le (1) daba / dio dinero a la empleada para depositarlo en el banco. La empleada (2) trabajó / trabajaba para la compañía pero no (3) estuvo / estaba contenta con su trabajo y (4) quiso / quería otro trabajo...”

O objetivo desse teste era verificar se os aprendizes distinguem em uma narrativa a morfologia dos dois tempos verbais investigados. Em um total de 30 pares de verbos pertencentes às quatro categorias lexicais propostas por Vendler (1957) – estados, atividades, processos culminados e culminações –, havia 15 expectativas de respostas no Pretérito Perfeito e 15 no Pretérito Imperfeito.

O segundo instrumento consistiu em um Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças que testava especificamente as implicações semânticas dos dois tempos verbais. O teste consistiu em um total de 56 sentenças coordenadas ligadas pelas conjunções coordenativas *y* (e) e *pero* (mas). Algumas combinações de sentenças faziam sentido (lógicas), enquanto que outras pareciam contraditórias (ilógicas). Os sujeitos tinham que julgar, em uma escala que variava de -2 (ilógica) até +2 (lógica), se as duas orações faziam sentido quando unidas pelas conjunções mencionadas, conforme exemplo abaixo:

(a) *La clase era (imperf.) a las 10 pero empezó a las 10:30.*

-2 -1 0 +1 +2

(b) *La clase fue (pret.) a las 10 pero empezó a las 10:30.*

-2 -1 0 +1 +2

As 56 sentenças (28 lógicas e 28 ilógicas) foram distribuídas em quatro grupos distintos: 14 sentenças com verbos de estado, 14 sentenças com verbos de processo culminado, 14 sentenças com verbos de culminação e 14 sentenças distratoras de atenção. Em cada classe de verbo, 7 verbos estavam no Pretérito Perfeito e 7 no Pretérito Imperfeito. Com o intuito de verificar se os aprendizes conseguiam distinguir sentenças lógicas de sentenças ilógicas, o instrumento também incluiu 14 sentenças distratoras de atenção (7 sentenças lógicas e 7 sentenças ilógicas) usando o Pretérito Perfeito, o Pretérito Imperfeito e outros tempos.

(c) *Ayer fui a trabajar a pie pero llegué en bicicleta.*

-2 -1 0 +1 +2

(d) *Maria trabaja en una panadería y hace tortas.*

-2 -1 0 +1 +2

Resultados gerais revelaram que existe uma relação importante entre a aquisição da morfologia tempo / aspecto e a aquisição da distinção semântica fechado / aberto associada com esses tempos em espanhol, a saber: (1) os traços formais associados à categoria funcional AspP são adquiridos e inalterados na aquisição de uma segunda língua; (2) o conhecimento da morfologia precede o conhecimento da semântica no que diz respeito ao aspecto, uma vez que os aprendizes que não conseguiam marcar corretamente a distinção morfológica entre o Pretérito e o Imperfeito não pareciam ser sensíveis ao contraste semântico entre os dois

tempos, especialmente com verbos de culminação e verbos de estado; e (3) a aquisição do contraste semântico é um processo de desenvolvimento gradual.

A fim de distinguir entre as visões de “acesso total” e de “acesso parcial” à GU, as autoras consideraram, em primeiro lugar, os resultados dos aprendizes avançados, os quais pareciam ter adquirido tanto as implicações morfossintáticas quanto as semânticas, associadas com os traços [+/- perfectivo] de AspP, com todas as classes aspectuais dos verbos. Com exceção de sentenças com predicados de culminação no Pretérito Imperfeito, os aprendizes avançados se comportaram conforme as previsões das autoras e manifestaram tendência a rejeitar a combinação dessa classe lexical com o Imperfeito, enquanto que os falantes nativos tiveram tendência a aceitá-la. Considerando que os falantes não-nativos têm intactas as propriedades morfossintáticas e interpretativas de AspP, eles podem não ter a habilidade de evitar um conflito entre os traços semânticos da classe aspectual lexical (télica) e aquelas relativas ao tempo (não limitado), o que sustentaria a Hipótese de Acesso Total.

Partindo do princípio de que falantes nativos de inglês, aprendizes de espanhol como segunda língua, apóiam-se no traço [+progressivo] – que também pertence à Categoria Funcional AspP – para interpretar predicados com verbos de processo culminado e de culminação, as autoras sugerem que é concebível que os aprendizes de espanhol em nível avançado não tenham adquirido o contraste perfectivo/imperfectivo com verbos de estado. Os resultados sugeriram que esses aprendizes não adquiriram o traço [-perfectivo] do espanhol com os verbos de estado, revelando, entretanto, ter conhecimento do contraste semântico entre o Pretérito Perfeito e o Pretérito Imperfeito com outros predicados simplesmente porque fazem o mapeamento correto dos traços formais de [+perfectivo] com a morfofonologia do Pretérito Perfeito e de [-perfectivo] com a morfofonologia do Pretérito Imperfeito. Isso

significa que os aprendizes de espanhol investigados foram capazes de associar os acarretamentos semânticos envolvidos com cada um dos valores ([+perfectivo] = idéia de fechamento semântico; [-perfectivo]= idéia de abertura semântica) com os morfemas flexionais dos tempos Pretérito Perfeito e Imperfeito respectivamente. Ainda no que diz respeito aos verbos de estado, é possível considerar a possibilidade de que os aprendizes tenham transferido o valor neutro do *Simple Past* do inglês com predicados de estado, os quais podem ter interpretações perfectivas ou imperfectivas (*Mary was sick and is still sick / Mary was sick and is no longer sick*).

Os resultados do grupo intermediário mostraram que existe uma diferença entre a aquisição de paradigmas morfológicos do Pretérito Perfeito e do Pretérito Imperfeito e suas interpretações semânticas associadas. Os aprendizes desse grupo revelaram ser mais precisos com a morfologia (Teste Morfológico) do que com as implicações semânticas (Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças) dos dois tempos, o que sugere que a aquisição e o uso da morfologia dos tempos investigados pode preceder a aquisição das propriedades semânticas associadas com esses tempos de passado (pelo menos com aprendizes com instrução explícita, caso específico dos sujeitos testados). A explicação encontrada para a não aquisição do contraste semântico foi que, em estados iniciais de aquisição, essa Categoria Funcional tem apenas um valor [+perfectivo] e nenhum contraste pode ser estabelecido sem o valor [-perfectivo]. Talvez a aquisição da morfologia do Pretérito Imperfeito acione a aquisição do traço [-perfectivo] e, uma vez que esse traço seja adquirido, emerja na interlíngua.o contraste entre os dois tempos.

Concluindo, as autoras constataram que a aquisição da morfologia associada ao Pretérito Perfeito/Pretérito Imperfeito parece estar relacionada à aquisição do aspecto

gramatical instanciado através dos traços [+/-perfectivo]. Os resultados do estudo demonstraram que a aquisição do contraste entre os dois tempos encontra-se sob o domínio da Gramática Universal e que não está sujeita a um período crítico.

2.4 Conclusão

Neste capítulo, foi apresentada uma revisão dos estudos que investigaram a aquisição da morfologia tempo / aspecto em língua materna e em segunda língua. Os denominados *morpheme studies*, realizados principalmente na década de 1970, ao investigarem se a aquisição dos morfemas gramaticais segue ou não uma ordem definida, constataram que os aprendizes de uma segunda língua, seja ela qual for, parecem adquirir os morfemas gramaticais da mesma maneira que os aprendizes de uma língua materna, embora não exatamente na mesma ordem.

Uma vez que muitos autores afirmam que o aspecto inerente de um verbo exerce um papel importante na aquisição de morfemas de tempo e aspecto e que os aprendizes tanto de uma L1 quanto de uma L2 adquirem distinções aspectuais antes de adquirirem distinções de tempo e considerando que o presente trabalho investiga se há intervenção das propriedades dos predicadores na seleção do morfema de Pretérito Perfeito ou de Pretérito Imperfeito, foi apresentada a Hipótese da Primazia do Aspecto, cujo objetivo é investigar se existe ou não um conjunto de princípios universais que os aprendizes usam para marcar o aspecto verbal tanto em contextos de língua materna quanto em segunda língua.

Além disso, ênfase foi dada para a apresentação dos estudos desenvolvidos por Montrul & Slabakova (2002 a,b), que consideram a interação entre o aspecto lexical e o aspecto gramatical (investigados tradicionalmente pelos estudos não gerativistas) sob uma

perspectiva de análise do processo de aquisição de L2 envolvendo Categorias Funcionais (tradição gerativa). Mais especificamente, as autoras analisam em que medida, ao demonstrarem conhecimento da morfologia dos tempos verbais de passado do espanhol, os aprendizes demonstram o conhecimento da oposição semântica “interpretação fechada / interpretação aberta” que os tempos verbais associados aos aspectos perfectivo e imperfectivo, respectivamente, instanciam nessa língua. Vale ressaltar que a análise dessa oposição semântica – neste caso, a respeito do português – serviu de base para o desenvolvimento da investigação que deu origem à presente dissertação.

No próximo capítulo, o estudo realizado será apresentado com uma descrição detalhada da metodologia empregada, dos sujeitos envolvidos na pesquisa, da coleta de dados e dos critérios para analisá-los.

3 O ESTUDO

3.1 Introdução

No primeiro capítulo, foram apresentadas as teorias que tratam de aspecto verbal e discutiu-se, com algum detalhe, as propriedades aspectuais e morfossintáticas dos tempos verbais de passado em inglês e em português. A seguir, no segundo capítulo, foi feita uma revisão sucinta dos estudos que investigaram a aquisição da morfologia relacionada a tempo e aspecto em língua materna e em segunda língua, dando destaque para o estudo que serviu de base para a pesquisa relatada nesta dissertação.

Neste capítulo, serão retomados os objetivos gerais que guiaram a investigação em questão, bem como serão apresentadas as questões norteadoras e as hipóteses da pesquisa. Será apresentada, ainda, a metodologia que foi empregada, com descrição detalhada dos grupos de participantes envolvidos, dos instrumentos e procedimentos utilizados para a coleta de dados, seguidos de uma explicação dos critérios utilizados para a análise dos mesmos.

3.2 Objetivo geral

O objetivo geral que norteou a presente investigação foi o seguinte:

➤ verificar se um grupo de falantes nativos de inglês, aprendizes de português como segunda língua, reconhecem os acarretamentos semânticos dos traços [+perfectivo] e [-perfectivo] do Pretérito Perfeito e do Pretérito Imperfeito do português brasileiro.

3.3 Objetivos específicos

A partir do objetivo geral exposto acima, pergunta-se em que medida um grupo de falantes nativos de inglês, aprendizes de português como segunda língua, demonstraria ser capaz de:

➤ perceber que existem diferenças entre as implicações semânticas derivadas dos tempos Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito no português, uma vez que tais diferenças não existem em sua língua materna por essa não possuir um tempo verbal equivalente ao Pretérito Imperfeito;

➤ compreender o significado intrínseco – idéia de fechamento semântico – do Pretérito Perfeito do português brasileiro que se assemelha ao *Simple Past* do inglês quando este está associado a verbos eventivos;

➤ compreender o significado intrínseco – idéia de abertura semântica – do Pretérito Imperfeito do português brasileiro;

➤ identificar as relações de interação entre os traços aspectuais que compõem os tempos verbais Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito do português brasileiro e os traços constituintes do aspecto lexical dos predicados.

3.4 Hipóteses

Em consonância com o que a literatura relata a respeito dos estudos realizados sobre a aquisição do aspecto, previa-se que:

a) a aquisição do contraste semântico entre o Pretérito Perfeito e o Pretérito Imperfeito demonstrasse ser um processo de desenvolvimento gradual; assim, quanto maior o nível de proficiência dos aprendizes, maior seria o percentual de acertos nas sentenças envolvendo todos os tipos de verbo nos dois testes;

b) no caso do imperfectivo, que não ocorre em inglês, o percentual de acertos dos iniciantes seria menor do que o percentual de acertos dos intermediários e que o percentual desses, por sua vez, seria menor do que o dos nativos em ambos os testes;

c) não houvesse diferença significativa entre o comportamento dos dois grupos experimentais e o de controle quanto à marcação do Pretérito Perfeito, uma vez que o aspecto perfectivo é instanciado no inglês;

d) os aprendizes de português como L2 tivessem dificuldade em reconhecer que o Pretérito Perfeito possui a idéia de fechamento em português também com estados e não somente com os outros tipos de verbos, como ocorre no inglês. Assim, esperava-se que os aprendizes tivessem maior dificuldade em distinguir o aspecto perfectivo do aspecto imperfectivo com verbos de estado do que com outros tipos de verbos obtendo, assim, um menor índice de acertos com o Pretérito Perfeito associado a verbos de estado do que a verbos de processo culminado e verbos de culminação no Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças e também a verbos de atividade no Teste Morfológico;

e) no caso dos verbos eventivos (verbos de processo culminado, de culminação e de atividade), os aprendizes demonstrassem preferência significativa pelo perfectivo, tendo um número maior de acertos nas sentenças em que esses tipos de verbos aparecem em ambos os

testes, uma vez que, como se viu em 1.6.2, o contraste perfectivo *versus* imperfectivo não é gramaticalizado em inglês e, por não possuir um tempo de passado semelhante ao Pretérito Imperfeito do português, os predicados dinâmicos são quase sempre interpretados como perfectivos no passado simples (*Simple Past*) no inglês;

f) no caso específico dos verbos de culminação, os aprendizes possuíam dificuldade em reconhecer o caráter de abertura semântica do Pretérito Imperfeito quando associado a esse tipo de verbo, uma vez que, conforme apontam Giorgi & Pianesi (1997), os predicados que envolvem verbos de culminação em línguas românicas podem parecer estranhos para alguns falantes de inglês quando o imperfectivo expressa um evento em andamento no passado. Segundo tais autores, dado que os verbos de culminação têm um ponto final inerente, são incompatíveis com a interpretação aberta que o imperfectivo sugere.

3.5 A amostra e os informantes

Através do Programa de Intercâmbio de Jovens do Rotary Internacional, o Brasil recebe anualmente um número significativo de estrangeiros em programas de longa duração.

Os programas de longa duração prevêem um período suficiente para que o estudante frequente uma escola regular enquanto resida com famílias do país anfitrião como se fosse membro da mesma. Os estudantes devem frequentar pelo menos dois semestres letivos em séries compatíveis àquelas em que se encontravam no país de origem, podendo esse período de estudos ser ou não oficialmente aproveitado na sua vida acadêmica quando regressa ao país de origem.

Os estudantes de intercâmbio no Brasil, falantes de língua inglesa, nem sempre têm seus estudos aproveitados quando retornam a seus países, ou seja, retornam à escola na mesma série em que estavam quando ingressaram no programa. Isso se deve ao fato de que muitos países não reconhecem os estudos realizados no exterior. Entretanto, considerando-se que maioria desses intercambistas participa do programa após a conclusão da *High School*, o programa assume um caráter mais cultural do que educacional.

Quinze, de um total de dezoito sujeitos falantes de língua inglesa pesquisados aqui, todos participantes de um programa de longa duração, tiveram seus dados coletados no dia vinte e dois de maio de dois mil e quatro, quando estavam participando de uma viagem ao sul do Brasil, mais precisamente na cidade de Canela. Após contatos prévios com os organizadores da excursão e com a concordância dos intercambistas, quinze jovens participaram da coleta escrita de dados nesse dia, respondendo ao Teste de Julgamento de Sentenças e ao Teste Morfológico (a serem descritos mais adiante) e três desses estudantes, canadenses residentes no Brasil por um período superior a nove meses, participaram da coleta de dados de produção espontânea, ocasião em que tiveram suas falas gravadas, respondendo a perguntas e relatando fatos cotidianos e pitorescos da sua vida – a infância, o início da vida escolar, a vida cotidiana no país de origem, a vida familiar, momentos marcantes, os primeiros dias na condição de intercambistas e a participação em festas e eventos típicos em seus países. Além da preocupação em se criar contexto para a produção dos verbos estudados, as entrevistas foram conduzidas no sentido de que os aprendizes fossem espontâneos e agissem com naturalidade, falando de fatos significativos de seu passado e que envolvessem emoção, evitando, assim, o auto-monitoramento.

No mês de novembro de dois mil e quatro, mais três estudantes americanas residentes no Rio Grande do Sul por um período aproximado de três meses participaram da pesquisa respondendo aos dois instrumentos escritos e tendo sua produção oral gravada nos mesmos moldes dos três estudantes canadenses acima mencionados.

Entre os dezoito participantes, um mesmo sujeito, que chegou ao Brasil em janeiro de dois mil e quatro, procedente da Nova Zelândia, teve sua produção oral gravada em três momentos distintos: aos quatro meses de residência no Brasil, aos sete e aos dez meses nesse país. Testes de produção escrita foram realizados na primeira e na última seção, ou seja, no início do período de aquisição do português (aos quatro meses) e no momento em que a mesma já estava conseguindo se comunicar com fluência no idioma (aos dez meses).

No total, dezoito estudantes de intercâmbio do Programa de Intercâmbio de Longa Duração do Rotary Internacional participaram da pesquisa. A idade dos participantes no momento da coleta de dados variava entre 16 a 18 anos, sendo todos falantes nativos de língua inglesa aprendendo português como segunda língua. Seus países de origem incluíam Estados Unidos, Canadá, Nova Zelândia, Austrália, Inglaterra, África do Sul e Filipinas e a residência no Brasil abrangia estados como Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Mato Grosso e Piauí.

Os aprendizes foram classificados em dois grupos, iniciantes e intermediários, conforme o tempo de permanência no Brasil.

a) grupo de iniciantes: estudantes estrangeiros falantes nativos de língua inglesa residindo no Brasil por um período de três a quatro meses.

b) grupo intermediário: estudantes estrangeiros falantes nativos de língua inglesa residindo no Brasil por um período de nove a dez meses.

Devido à dificuldade em se encontrar sujeitos que se adequassem ao perfil desejado, à extensão dos testes escritos e ao tempo disponível para a coleta de dados, descartou-se a possibilidade de aplicação de um teste de proficiência escrito, optando-se pela classificação dos grupos em função do tempo de permanência no Brasil.

A Tabela 5 abaixo ilustra a procedência dos intercambistas classificados como iniciantes, o tempo de residência no Brasil e a cidade em que residiam no momento da coleta de dados. A Tabela 6 apresenta o mesmo tipo de dados relativos aos intercambistas classificados como intermediários.

Tabela 5: Perfil dos intercambistas iniciantes

Iniciais	Sexo	Idade	Meses no Brasil	País de origem	Residência no Brasil
CAS	Feminino	18 anos	03	Filipinas	Juiz de Fora, Minas Gerais
NS	Feminino	18 anos	03	África do Sul	Nova Friburgo, Rio de Janeiro
RD	Masculino	16 anos	04	Nova Zelândia	Juiz de Fora, Minas Gerais
ZC	Feminino	17 anos	04	Austrália	Londonópolis, Mato Grosso
VN	Feminino	18 anos	04	Nova Zelândia	Jaguarão, Rio Grande do Sul
GC	Masculino	17 anos	04	Austrália	Formiga, Minas Gerais
KB	Feminino	17 anos	03	Estados Unidos	Uruguaiana, Rio Grande do Sul
EA	Feminino	17 anos	03	Estados Unidos	Bagé, Rio Grande do Sul
JVL	Feminino	17 anos	03	Estados Unidos	Cachoeira do Sul, Rio Grande do Sul

Tabela 6: Perfil dos intercambistas intermediários

Iniciais	Sexo	Idade	Meses no Brasil	País de origem	Residência no Brasil
JR	Masculino	16 anos	10	Estados Unidos	Belo Horizonte, Minas Gerais
SKM	Feminino	18 anos	09	Canadá	Cuiabá, Mato Grosso
PAR	Masculino	16 anos	10	Canadá	Parnaíba, Piauí
DS	Feminino	17 anos	09	Canadá	Belo Horizonte, Minas Gerais
JÁ	Feminino	17 anos	09	Canadá	Cachoeira do Sul, Rio Grande do Sul
WMF	Feminino	17 anos	10	Estados Unidos	Juiz de Fora, Minas Gerais
DT	Masculino	18 anos	09	Inglaterra	Belo Horizonte, Minas Gerais
WH	Masculino	17 anos	10	Canadá	Carmo do Paranaíba, Paraíba
MBO	Masculino	17 anos	10	Estados Unidos	Birigui, São Paulo

3.6 Instrumentos e procedimentos de coleta utilizados

Tendo como referência pesquisa semelhante realizada por Montrul e Slabakova (2002) sobre a aquisição do aspecto verbal em espanhol por falantes nativos de inglês, dois instrumentos foram adaptados para testar a aquisição das propriedades morfológicas e semânticas da marcação aspectual no português.

O primeiro instrumento de coleta de dados, denominado **Teste Morfológico** (Anexo 1), consistiu em um texto narrativo especialmente criado pela autora deste trabalho para a coleta de dados, o qual deveria ser completado com formas verbais de passado, formas a serem selecionadas entre duas opções em cada lacuna, sendo a primeira opção sempre no Pretérito Perfeito e a segunda sempre no Pretérito Imperfeito. Entre os quarenta pares de possibilidades para completar as lacunas, havia dez pares de cada um dos tipos de verbos: atividade, estado, de processo culminado e de culminação. Para cinco pares de cada tipo de

verbo, a resposta desejada exigia o uso do Pretérito Perfeito e outros cinco pares requeriam o uso do Pretérito Imperfeito. Embora os verbos de atividade não estivessem sendo especificamente testados, sua presença deve-se à dificuldade em se idealizar um texto narrativo sem esse tipo de verbos.

O exemplo a seguir é o parágrafo introdutório do texto.

Naquele dia, Daniela Santos (1) *correu / corria* para chegar em casa mais cedo do que ela sempre (2) *chegou / chegava*. Há muitos anos, ela (3) *trabalhou / trabalhava* em uma empresa jornalística, mas, como não (4) *esteve / estava* feliz em seu casamento, (5) *desejou / desejava* muito arrumar emprego em um lugar bem distante. A mulher (6) *quis / queria* recomeçar sua vida longe de todos os problemas causados pelo marido. Decidida, ela (7) *fez / fazia* a mala e, antes de partir, (8) *redigiu / redigia* um bilhete de despedida para o companheiro. Pensando em tudo, ela (9) *chorou / chorava* muito.

A Tabela 7 a seguir ilustra a configuração do Teste Morfológico e a Tabela 8 apresenta os verbos testados, com a respectiva numeração em que aparecem no texto.

Tabela 7: Configuração do Teste Morfológico

VERBOS DE ATIVIDADE	VERBOS DE ESTADO	VERBOS DE PROCESSO CULMINADO	VERBOS DE CULMINAÇÃO
5 respostas esperadas no Pretérito Perfeito	5 respostas esperadas no Pretérito Perfeito	5 respostas esperadas no Pretérito Perfeito	5 respostas esperadas no Pretérito Perfeito
5 respostas esperadas no Pretérito Imperfeito	5 respostas esperadas no Pretérito Imperfeito	5 respostas esperadas no Pretérito Imperfeito	5 respostas esperadas no Pretérito Imperfeito

Tabela 8: Verbos testados no Teste Morfológico

VERBOS DE ATIVIDADE	VERBOS DE ESTADO	VERBOS DE PROCESSO CULMINADO	VERBOS DE CULMINAÇÃO
correu (1)	houve (17)	redigiu (8)	chegou (10)
chorou (9)	teve (28)	fez (7)	abriu (11)
tremeu (18)	manteve (32)	leu (12)	partiu (16)
socorreu (19)	soube (33)	escreveu (24)	assinou (25)
falou (30)	foi (34)	fumou (40)	entregou (26)
trabalhava (3)	estava (4)	fumava (13)	chegava (2)
ventava (15)	desejava (5)	tomava (14)	trancava (35)
desviava (20)	queria (6)	lia (22)	acendia (36)
respirava (21)	desprezava (29)	rezava (23)	abria (37)
tomava (39)	amava (31)	aplicava (27)	começava (38)

Na tabulação dos dados do **Teste Morfológico**, realizada numa planilha Excel, para cada resposta coincidente com a resposta desejada foi atribuído um ponto e para cada resposta diferente da resposta desejada foi atribuído zero ponto.

O segundo instrumento, denominado **Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças** (Anexo 2) e com critério de pontuação semelhante ao Teste Morfológico, foi uma adaptação de instrumento semelhante criado por Montrul e Slabakova (2002a,b) para testar especificamente as implicações semânticas do Pretérito Perfeito e Imperfeito. O instrumento consistiu num conjunto de cinquenta e seis sentenças, combinações de orações simples através de conjunções aditivas e adversativas, preferencialmente **e** e **mas**, conjunções essas escolhidas com o único propósito de criar um contexto para a primeira oração, cujos verbos foram objeto de análise da pesquisa. Apesar de todas as sentenças serem gramaticalmente corretas, algumas podiam soar estranhas e/ou contraditórias, enquanto que outras podiam parecer totalmente

aceitáveis. Na maioria dos casos, havia pares mínimos com o verbo da primeira sentença no Pretérito Imperfeito ou no Pretérito Perfeito. O uso do Pretérito Imperfeito da primeira sentença fazia com que a sentença fosse lógica, enquanto que o Pretérito Perfeito conduzia a uma interpretação inaceitável da mesma.

Testes-piloto revelaram que o critério de julgamento adotado por Montrul e Slabakova (-2, -1, 0, +1, +2, conforme fossem lógicas – sinal positivo, ou ilógicas – sinal negativo, ou não soubessem responder – zero) não se mostrou adequado e pareceu confundir alguns sujeitos, mesmo os nativos¹⁰. Sendo assim, optou-se por oferecer alternativas de interpretação das sentenças, o que forneceria uma visão mais clara de como os sujeitos interpretariam cada frase.

Os exemplos a seguir ilustram o emprego do verbo de estado *ser*. A resposta desejada está assinalada.

- a) O filme era (Pretérito Imperfeito) às 7h, mas começou às 7h30min.
- () O filme começou meia hora mais cedo.
 - (x) O filme começou meia hora mais tarde.
 - () Combinação de oração sem sentido.
- b) A aula foi (Pretérito Perfeito) às 10h, mas começou às 10h30min.
- () A aula começou meia hora mais tarde.
 - () A aula começou meia hora mais cedo.
 - (x) Combinação de oração sem sentido

¹⁰ Vale lembrar que os testes-piloto foram realizados com outros sujeitos senão os sujeitos da pesquisa.

Dentre as cinquenta e seis sentenças, vinte e oito eram lógicas e as outras vinte e oito eram ilógicas. Somente foram testados verbos de estado, de processos culminados e culminações, sendo excluídos os verbos de processo (ou atividade), uma vez que esse tipo de verbo dificulta a construção de sentenças desse tipo. No instrumento, verbos de atividade foram usados somente nas sentenças distratoras.

Para cada tipo de verbo, havia quatorze sentenças-teste, sendo sete sentenças-teste no Pretérito Perfeito (lógicas) e sete sentenças-teste no Pretérito Imperfeito (ilógicas). Além disso, havia quatorze sentenças distratoras, envolvendo os tempos verbais testados e outros com diferentes tipos de verbos, inclusive os de atividade, com intuito de verificar se os aprendizes efetivamente conseguiam distinguir sentenças lógicas de sentenças ilógicas¹¹.

Os verbos testados são apresentados na tabela abaixo, com a respectiva numeração no teste. Nos casos em que há dois números, o primeiro número refere-se a uma sentença-teste no Pretérito Imperfeito e, o segundo, a uma sentença-teste no Pretérito Perfeito. O mesmo acontece com os verbos repetidos na tabela: o primeiro verbo mencionado estava no Pretérito Imperfeito e, o segundo, no Pretérito Perfeito.

Tabela 9: Verbos utilizados no Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças

VERBOS DE ESTADO	VERBOS DE PROCESSO CULMINADO	VERBOS DE CULMINAÇÃO
ser (40, 15)	participar da corrida (55)	abrir (35, 29)
custar (28, 47)	correr a maratona (04)	ganhar (13, 46)
durar (37, 02)	levar o pacote (31, 39)	casar (43, 06)
levar (03, 21)	tomar uma Coca Cola (53)	partir (52, 25)
contar (51, 34)	tomar um copo de cerveja (42)	buscar (56, 18)
faltar (27, 50)		morrer (16, 09)

¹¹ Ver a classificação das sentenças do Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças no Anexo 3.

bastar (49, 19)	construir um edifício (41) construir uma casa inteira (26) escrever uma novela (08) escrever um poema (22) ler um livro (20, 32) ir ao lago (10) ir ao rio (17)	partir (11, 38)
-----------------	---	-----------------

Um terceiro instrumento consistiu em gravações de produção espontânea de seis desses intercambistas, três em estágio inicial de aquisição do português (três meses residindo no Brasil) e três com relativa fluência após nove meses de residência nesse país. Com o intuito de criar um contexto para o emprego dos tempos verbais alvo, os intercambistas foram solicitados a relatar fatos de seu passado, conforme já foi mencionado em 3.5.

Ainda, uma intercambista da Nova Zelândia foi entrevistada em três momentos distintos, a fim de que fosse verificado seu progresso na aquisição da noção de flexão no passado, especialmente do Pretérito Imperfeito. As entrevistas orais foram conduzidas por três pessoas diferentes com o intuito de se evitar que fossem muito repetitivas. A coleta de dados da referida intercambista foi assim distribuída:

c) Gravação de produção espontânea: aos quatro, sete e dez meses de Brasil.

Vale ressaltar que, devido à extensão do trabalho, os dados das gravações não serão analisados exaustivamente e serão utilizados, quando for necessário, para negar ou corroborar as análises realizadas a partir dos testes controlados.

3.7 Conclusão

Em resumo, o propósito deste capítulo foi apresentar uma descrição da investigação realizada a fim de verificar se os falantes nativos de inglês, aprendizes de português como segunda língua, reconhecem os acarretamentos semânticos dos traços [+perfectivo] e [-perfectivo] do Pretérito Perfeito e do Pretérito Imperfeito do português brasileiro. Em primeiro lugar, o objetivo geral do trabalho, as questões norteadoras e as hipóteses foram apresentados. A seguir, os informantes que constituíram a amostra da pesquisa foram descritos, bem como foram introduzidos os instrumentos utilizados na coleta de dados. No próximo capítulo, os resultados alcançados nesta investigação serão descritos e discutidos detalhadamente.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Introdução

As seções neste capítulo estão organizadas como segue. Primeiramente, serão apresentados e discutidos os resultados gerais do Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças e do Teste Morfológico com o intuito de investigar a relação entre o desempenho dos grupos em ambos os testes considerando os diferentes níveis de proficiência. A seguir, serão apresentadas análise e discussão detalhadas dos resultados demonstrados pelos participantes da pesquisa em cada um dos testes. Vale ressaltar que o desempenho dos nativos servirá apenas como ponto de referência, não se constituindo, por si só, objeto independente de análise. Cada seção está organizada em consonância com as hipóteses e as questões norteadoras levantadas no Capítulo 3.

4.2 Resultados gerais

Com o intuito de relatar o desempenho dos participantes pertencentes aos diferentes grupos testados, os resultados gerais envolvendo o Teste Morfológico (Teste 1) e o Teste de

Julgamento de Conjunção de Sentenças (Teste 2) serão apresentados, num primeiro momento, em conjunto.

Conforme já foi descrito no capítulo anterior, dois grupos de falantes nativos de inglês, aprendizes de português como segunda língua e residentes temporariamente no Brasil na condição de intercambistas em programa de intercâmbio de estudos de longa duração do Rotary Internacional, responderam às questões dos referidos testes: nove intercambistas falantes nativos de língua inglesa, residentes no Brasil por um período de três a quatro meses (aqui denominados **iniciantes**), e nove intercambistas na mesma condição residindo no Brasil por um período de nove a dez meses (aqui denominados **intermediários**). Um grupo de controle constituído de trinta falantes nativos de português também foi submetido aos testes escritos. Fizeram parte do grupo de controle (aqui denominados **nativos**) trinta estudantes brasileiros concluindo o terceiro ano do Ensino Médio de uma escola particular da cidade de Cachoeira do Sul, Rio Grande do Sul, com idades entre 16 e 18 anos, faixa etária equivalente à dos aprendizes testados, sendo treze desses estudantes do sexo masculino e dezessete do sexo feminino.

A Tabela 10 abaixo mostra as médias e desvio padrão dos três grupos de sujeitos no Teste Morfológico.

Tabela 10: Resultados gerais no Teste Morfológico (número total de questões = 40)

	Média (percentual) de acertos	Desvio padrão
Iniciantes	18,8 (47,2%)	3,257
Intermediários	24,7 (61,9%)	3,666
Nativos	33,5 (83,8%)	3,311

Conforme o esperado, os resultados foram maiores quanto maior o nível de proficiência, havendo uma progressão no número de acertos dos iniciantes para os intermediários e desses para os nativos. De um total de 40 questões, os iniciantes obtiveram uma média de 18,8 acertos, o que representa 47,2% de acertos. Os intermediários acertaram em média 24,7 questões (61,9%), 14,7% a mais de acertos do que os iniciantes. Não houve variação no desvio padrão entre os três grupos.

Passemos, agora, aos resultados gerais do Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças, conforme a tabela abaixo.

Tabela 11: Resultados gerais no Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças (número total de questões = 56)

	Média (percentual) de acertos	Desvio padrão
Iniciantes	28,1 (50,2%)	7,218
Intermediários	34,8 (62,3%)	6,827
Nativos	49,6 (88,6%)	3,614

Da mesma forma que no Teste Morfológico, confirmou-se a expectativa de que o número de acertos fosse maior quanto maior o nível de proficiência. As 56 questões incluíam verbos de estado, verbos de processo culminado, verbos de culminação e as sentenças distratoras (as quais continham também verbos de atividade). Do total de questões, os iniciantes obtiveram uma média de 28,1 acertos, o que representa um percentual médio de 50,2% acertos. Os intermediários, com um período de, pelo menos, seis meses a mais de exposição diária ao português, obtiveram uma média de 34,8 acertos, ou seja, um percentual médio de 62,3% de acertos. Os nativos, por sua vez, acertaram, em média, 49,6 das respostas, o que representa 88,6% de respostas corretas. É interessante notar que, quanto menor o nível

de proficiência na língua, maior o desvio padrão, ou seja, os iniciantes demonstraram variação maior do que os intermediários, os quais, por sua vez, ficaram distantes dos nativos, que demonstraram maior uniformidade nas respostas.

O acompanhamento do processo de aquisição do português por uma mesma intercambista em três momentos distintos revela um maior número de produções adequadas nos tempos testados quanto maior o tempo de residência no Brasil¹². Vale lembrar que as três entrevistas foram realizadas por entrevistadores diferentes e foram direcionadas para a produção de verbos no passado, especialmente no Pretérito Imperfeito. Os dados coletados foram como segue: aos quatro meses no Brasil, não houve produção adequada de verbos em ambos os tempos e, dentre 23 produções de verbos em contexto obrigatório no Pretérito Imperfeito, 17 produções estavam no Presente (tempo o qual, segundo Oliveira (2003), assim como o Pretérito Imperfeito, oferece uma leitura preferencial de **estado habitual**, numa iteração não limitada), 5 no Infinitivo e 1 no Pretérito Perfeito (o que revela que a noção de passado estava adquirida ou em processo de aquisição). Aos sete meses, em uma entrevista mais breve do que as outras duas, houve duas produções corretas em contexto obrigatório de Pretérito Perfeito e nenhuma produção com Pretérito Imperfeito (entretanto, a intercambista demonstrava ter adquirido a noção de passado ao responder afirmativamente às perguntas a ela feitas nesses tempos). Dentre as 24 produções incorretas em contexto obrigatório no Pretérito Imperfeito, 4 estavam no Pretérito Perfeito, 2 no Infinitivo e 18 no Presente. Na terceira entrevista, a mais longa de todas, com bastante fluência aos 10 meses no Brasil, num contexto obrigatório de 37 verbos no Pretérito Perfeito, houve a produção de 28 verbos corretos e 9 produções incorretas (8 no Presente e 1 no Infinitivo); em um contexto obrigatório de 63 verbos no Pretérito Imperfeito, 18 produções foram corretas e 45 foram

incorretas (31 verbos no Presente, 5 verbos no Infinitivo e 9 verbos no Pretérito Perfeito). A tabela abaixo ilustra os dados obtidos.

Tabela 12: Desempenho oral da mesma intercambista em três momentos distintos

	1. Contexto obrigatório Pret. Imp.	Produções adequadas	Produções inadequadas no Presente	Produções inadequadas no Infinitivo	Produções inadequadas no Pret. Perf.	2. Contexto obrigatório Pret. Perf.	Produções adequadas	Produções inadequadas no Presente	Produções inadequadas no Infinitivo
4 meses	23	0	17	5	1	0	0	0	0
7 meses	24	0	18	2	4	2	2	0	0
10 meses	63	18	31	5	9	37	28	8	1

Embora o percentual médio de acertos alcançado pelos nativos no Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças tenha sido superior ao percentual alcançado no Teste Morfológico, as questões que envolviam verbos de estado no perfectivo (variância de 2,13) parecem ter contribuído para que a média de acertos não tenha sido muito superior (ver Tabela 13 abaixo).

Após a sessão de coleta de dados, muitos aprendizes comentaram que tiveram dificuldades para realizar os testes, dizendo que se sentiam inseguros a respeito de suas respostas. De fato, o resultado alcançado pelos nativos em ambos os testes confirmam, de certa forma, que os testes não eram fáceis.

Na maioria dos estudos, os nativos geralmente obtêm percentuais de acertos por volta de 90%, sendo os eventuais erros resultado de distração, desempenho ou, até mesmo, incerteza. Um escore de 100% pode indicar que todos os sujeitos estavam em acordo com

¹² Ver mapeamento dos verbos utilizados em cada entrevista no Anexo 4.

todos os itens do teste e pode ser uma evidência de que o teste era muito fácil. Entretanto, em nenhum dos testes propostos nesta pesquisa, os nativos atingiram percentuais máximos, talvez porque os testes exigiam sutilezas de interpretações semânticas em vez de um julgamento de gramaticalidade óbvio. A Tabela 13 a seguir revela os percentuais gerais de acertos de cada grupo com os tipos de verbos testados especificamente nos dois testes: os verbos de estado, os verbos de processo culminado e os verbos de culminação.

Tabela 13: Percentuais gerais de acertos com verbos de estado, verbos de processo culminado e verbos de culminação no Teste 1 e no Teste 2

	T1 estados	T1 processos culminados	T1 culminações	T2 estados	T2 processos culminados	T2 culminações
iniciantes	47%	22,3%	48,8%	50%	56,3%	41,3%
intermed.	47%	57,8%	72,2%	52,4%	73,9%	51,5%
nativos	71,1%	87%	99%	82,8%	92%	85,4%

No Teste Morfológico (T1), o percentual médio de acertos dos nativos foi de 71,1% para os verbos de estado, 87% para os verbos de processo culminado, 99% para os verbos de culminação e 78% para os verbos de atividade (os quais não constam na tabela comparativa acima). No Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças (T2), o percentual de acertos dos nativos foi de 82,8% para os verbos de estado, 92% para os verbos de processo culminado, 85,4% para os verbos de culminação e 93,1% para as sentenças distratoras (que igualmente não aparecem na tabela acima). Tais percentuais de acurácia demonstram que os instrumentos utilizados em nossos testes foram confiáveis, mas não necessariamente fáceis.

Nesse contexto, acredita-se que haja, ainda, três probabilidades de situações que possam ter interferido no desempenho dos nativos no Teste Morfológico:

a) uma certa artificialidade do texto, o qual privilegia os tempos simples em circunstâncias em que é possível que um falante nativo optasse por usar uma forma composta (*tinha falado* em vez de *falou*, na alternativa número 30 do texto (ver Anexo 1, por exemplo);

b) por serem fluentes no idioma, os nativos podem ter lido o texto com certa velocidade, sem prestar total atenção aos elementos coesivos, os quais geralmente são sinalizadores do tempo verbal a ser usado.

c) o fato de haver 50% de probabilidades de acertos nas respostas pode ser um fator que induza os sujeitos a responderem às questões com menos seriedade.

4.3 Resultados por instrumento

Nesta seção, serão apresentados e descritos os resultados gerais do Teste Morfológico (Teste 1) já descrito em 2.5.

4.3.1 Teste Morfológico

A Tabela 14 abaixo fornece uma visão geral dos resultados, os quais serão detalhados e analisados a seguir.

Tabela 14: Média e percentual de acertos no Teste Morfológico

	ESTADO			PROCESSO CULMINADO			CULMINAÇÃO			ATIVIDADE			TOTAL
	Perf. N=5	Imp. N=5	Méd. N=10	Perf. N=5	Imp. N=5	Méd. N=10	Perf. N=5	Imp. N=5	Méd. N=10	Perf. N=5	Imp. N=5	Méd. N=10	Méd. N=40
Inic.	2 40%	2,7 53,3%	4,7 47%	3,56 71,1%	0,9 17,8%	4,6 44,6%	3,7 73,3%	1,2 24,4%	4,9 49%	3,44 68,9%	1,4 28,9%	4,8 48%	4,7 47,1%
Interm.	2,3 46,7%	2,44 48,9%	4,7 47,4%	4 80%	1,8 35,6%	5,8 58%	4,6 91,1%	2,7 53,3%	7,3 73%	4 78%	3 60%	7 70%	6,2 62,1%
Nat.	3,2 63,3%	3,97 79,3%	7,1 71,1%	4,6 92,5%	4,1 81,3%	8,7 87%	5 100%	4,9 98,7%	9,9 99%	4,1 82%	3,7 74%	7,8 78%	8,3 83,7%

Para cada tipo de verbo (verbos de estado, de processo culminado, de culminação e de atividade), havia um total de 10 questões, sendo desejadas cinco respostas para essas questões no Pretérito Perfeito e cinco no Pretérito Imperfeito. Nesse contexto, previa-se que, em todos os tipos de verbo, haveria diferença entre os índices de acertos obtidos pelos aprendizes dos dois grupos experimentais, sendo que dos aprendizes classificados como de nível iniciante esperava-se que obtivessem percentuais mais baixos de acertos do que os aprendizes de nível intermediários e esses últimos, por sua vez, deveriam obter escores menores do que os nativos.

Como se pode ver na Tabela 12, essa previsão foi confirmada: quanto maior o nível de proficiência, mais elevado o percentual de acertos por tipo de verbo. Os resultados foram calculados fazendo-se uma média dos acertos obtidos por tipo de verbo.

A partir de agora, serão descritos os resultados obtidos em cada nível de proficiência, estabelecendo uma relação entre as respostas dadas para as sentenças no perfectivo e no imperfectivo com cada tipo de verbo.

4.3.1.1 Iniciantes

4.3.1.1.1 Verbos de estado

De um total de 5 possibilidades de acertos em cada tempo testado, os iniciantes obtiveram uma média de 2 acertos (40% de acertos) nos verbos de estado no perfectivo contra uma média de 2,7 acertos (53,3% de acertos) no imperfectivo. Testes-t apontaram uma variância de 2,25 para o perfectivo e 1,5 para o imperfectivo. Embora não tenha havido diferença estatisticamente significativa entre os escores obtidos, muito provavelmente devido ao número reduzido de questões, houve uma preferência pelo imperfectivo, conforme o esperado.

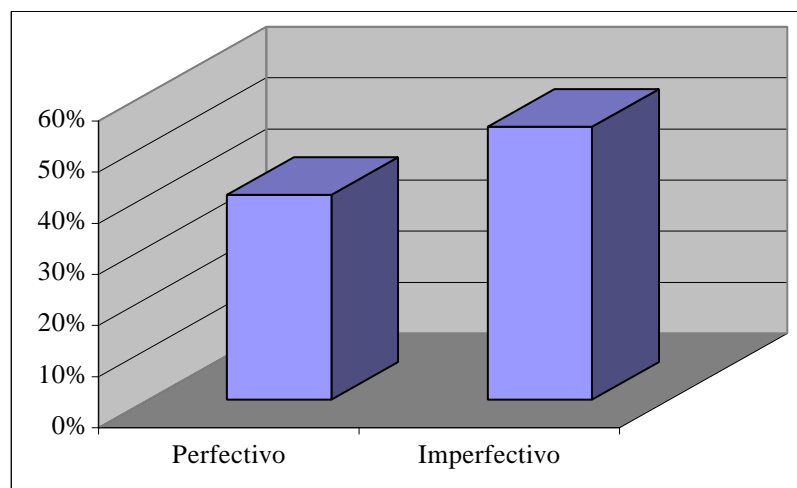


Gráfico 1: Desempenho dos iniciantes no Teste 1 com verbos de estado

Conforme foi discutido na seção 1.7.1.1 do referencial teórico, os verbos de estado são inerentemente atélicos e o emprego do Pretérito Imperfeito normalmente respeita seu aspecto lexical. Por serem homogêneos, os estados não têm um limite determinado e o emprego do

Pretérito Imperfeito com esse tipo de verbo não oferece alteração aspectual. No inglês, o aspecto imperfectivo pode ser associado com eventos (verbos de atividade, de processo culminado e de culminação) através do aspecto progressivo e de modais tais quais *used to* e *would*. Entretanto, o aspecto progressivo não pode ser associado a estados, pois com esse tipo de verbo o *Simple Past* é responsável pela idéia de abertura semântica. No português, por outro lado, essa distinção não ocorre, uma vez que o imperfectivo pode ser associado aos quatro tipos de verbos. Sendo assim, esperava-se que os aprendizes de português como L2 teriam dificuldade em reconhecer que o Pretérito Perfeito possui a idéia de fechamento em português também com estados e não somente com os outros tipos de verbos, como ocorre no inglês. Portanto, previa-se que os aprendizes iniciantes teriam dificuldade em distinguir o perfectivo do imperfectivo com verbos de estado e que obteriam um menor índice de acertos com o Pretérito Perfeito associado a verbos de estado do que com verbos de processo culminado e verbos de culminação. Previa-se, também, que os iniciantes obteriam um percentual de acertos maior no imperfectivo com os verbos de estado do que com os demais tipos de verbos. O gráfico abaixo demonstra os resultados obtidos na comparação entre os quatro tipos de verbos.

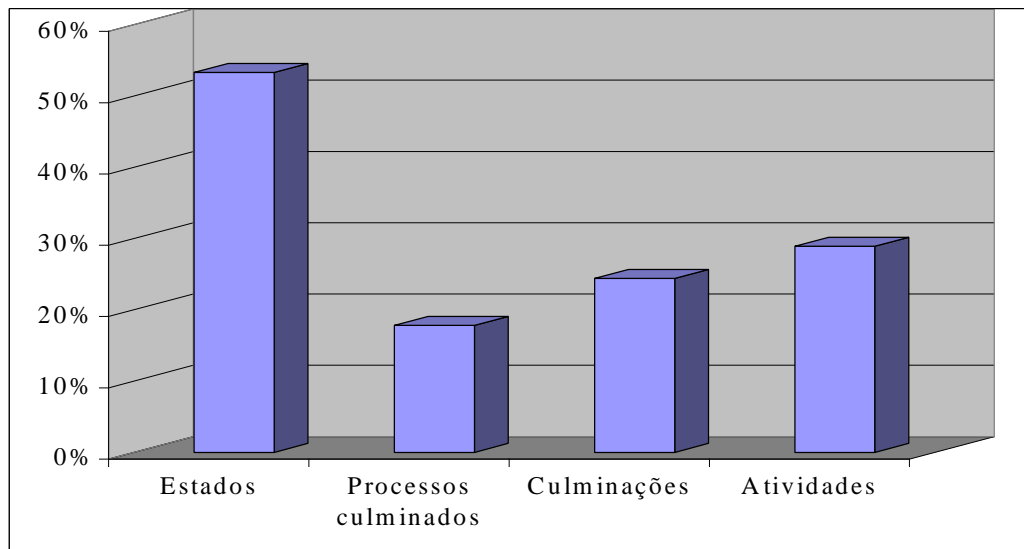


Gráfico 2: Desempenho dos iniciantes no Teste 1 no imperfeito com os 4 tipos de verbos

Como se pode ver no gráfico acima, conforme o esperado, no caso dos aprendizes iniciantes o índice de acertos de verbos de estado no imperfeito (53,3% de respostas corretas) foi muito superior ao índice obtido no mesmo tempo pelos verbos de processo culminado (17,8% de respostas corretas), os verbos de culminação (24,4% de respostas corretas) e os verbos de atividade (28,9% de respostas corretas). Vale ressaltar que os verbos de atividade, os quais são inerentemente atéllicos tais quais os verbos de estado, obtiveram o segundo escore mais alto. Testes ANOVA realizados com os dados apontam uma diferença estatisticamente significativa na comparação entre os quatro tipos de verbos no imperfeito ($F(3,32)=3,555$, $p<0,05$)

Vale observar que o verbo estativo *estar* foi o que alcançou o percentual mais elevado de acertos no imperfeito: 7 entre 9 sujeitos iniciantes acertaram a questão de número 4, o que representa um percentual de 77,7% de acertos. As gravações revelaram que, provavelmente por interferência do inglês, os aprendizes usaram o verbo *estar* como sinônimo de *ser* e que esse

verbo foi um dos primeiros a ser empregado no imperfectivo pelos sujeitos entrevistados, em um estágio de aquisição em que, praticamente, não houve produção de outros verbos no imperfectivo.

As transcrições abaixo representam todas as produções de imperfectivo dos três iniciantes entrevistados. Como se pode perceber, praticamente todas as produções são de verbos de estado (*ser, estar, gostar e querer*) com apenas um verbo de processo culminado (*fazer algo*). A letra I representa a fala do intercambista.

I: ai / eu / tava muito difícil / hã / meus pais minha família que não fala nada de inglês e aí tava muito difícil

I: quando eu tava criança?

I: (risos) eu acho que todo Brasil tava Amazônia

I: não / eu tava sophomore

I: era sim

I: oh / gostava muito

I: hã / porque eu queria viajar

I: hã / o que eu / o que eu fazia?

Acredita-se que a preferência pelo imperfectivo deve-se ao fato de que um grande número dos verbos de estado presentes na fala dos nativos, especialmente os verbos *ser, estar e querer* (as ocorrências que aparecem na produção espontânea dos aprendizes iniciantes), são normalmente empregados no imperfectivo, respeitando-se seu traço lexical de [+atélico]. A

evidência confirma o que Leiria (1994:98) aponta: os verbos estativos (juntamente com os verbos de atividades e aos quais a autora denomina “verbos de processo”) parecem ser os que têm uma relação mais estreita com o Pretérito Imperfeito.

4.3.1.1.2 Verbos de processo culminado e de atividade

Por possuírem características semelhantes, diferenciando-se apenas pelo traço [+/-atélico], os verbos de processo culminado e as atividades serão analisados conjuntamente.

Conforme mostra o Gráfico 3 abaixo, de um total de 5 possibilidades de acertos, os iniciantes obtiveram uma média de 3,56 acertos (71,1% de acertos) nos verbos de processo culminado no perfectivo contra 0,9 acertos (17,8% de acertos) no imperfectivo, o que representa uma diferença estatisticamente significativa ($t(8) = 4,131$, $p < 0,005$). A análise revelou, ainda, uma variância da amostra de 1,27 para o perfectivo com verbos de processo culminado e 1,36 para o imperfectivo.

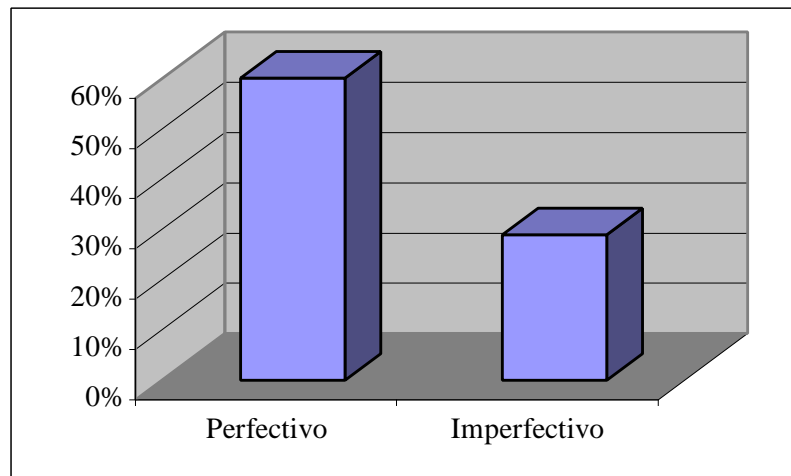


Gráfico 3: Desempenho dos iniciantes no Teste 1 com verbos de processo culminado

No que diz respeito aos verbos de atividade (Gráfico 4), de um total de 5 possibilidades de acertos, os iniciantes obtiveram uma média de 3,44 acertos (68,9% de acertos) no perfectivo contra 1,4 acertos (28,9% de acertos) no imperfectivo, o que revela significância estatística ($t(8)=2,353$, $p<0,05$). A análise revelou ainda uma variância da amostra de 2,27 para o perfectivo com verbos de atividade e 1,52 para o imperfectivo.

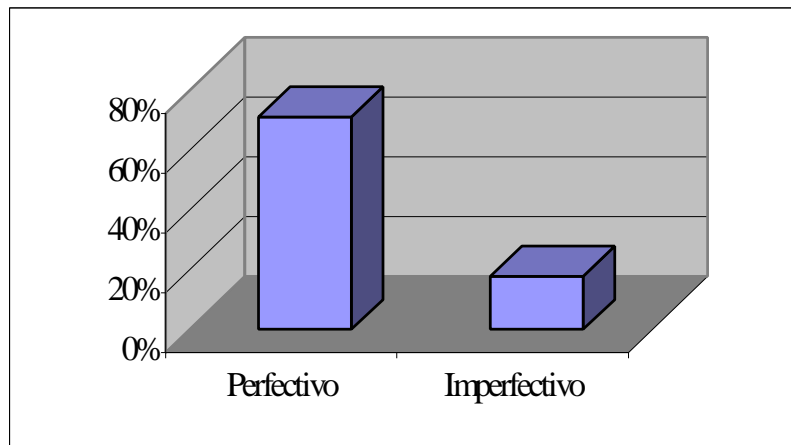


Gráfico 4: Desempenho dos iniciantes no Teste 1 com verbos de atividade

No caso dos verbos de processo culminado e dos verbos de atividade, previa-se que os aprendizes teriam preferência pelo perfectivo uma vez que, conforme confirmam as gravações (ver item 4.2.1.1.1), a noção de imperfectivo parece ser adquirida mais tardiamente com esses tipos de verbos. Tal previsão foi confirmada pelo baixo índice de acertos nas questões em que a expectativa de resposta era no imperfectivo. Entretanto, é interessante notar que a variância maior

no perfectivo do que no imperfectivo com os verbos de atividade revela mais homogeneidade nas respostas no imperfectivo com esse tipo de verbo. Vale lembrar que as gravações revelaram uma única ocorrência de verbo de processo culminado no imperfectivo: o verbo *fazer*.

As evidências apresentadas nas gravações parecem confirmar o fato de que a opção pelo perfectivo se deve a um processo de interferência da língua materna uma vez que no inglês, porque este não possui um tempo de passado semelhante ao Pretérito Imperfeito do português, os predicados dinâmicos são quase sempre interpretados como perfectivos no passado simples (*Simple Past*). Andersen (1986) afirma que a língua em aquisição tem necessariamente importância no sistema que o falante não-nativo desenvolve e que quando a segunda língua, diferentemente da língua materna, marca a distinção entre o perfectivo e o imperfectivo, existe uma preferência pelo perfectivo. Durante uma das entrevistas gravadas, por exemplo, uma aprendiz, quando queria ter certeza de que realmente havia entendido a pergunta feita, reproduzia a mesma em inglês. Essas reproduções revelam o entendimento da pergunta feita em português. Questionada sobre suas emoções e impressões ao chegar ao Brasil, a intercambista sistematicamente reproduzia a pergunta no *Simple Past*. A letra E refere-se à entrevistadora e a letra I, à intercambista.

E: o que tu sentiu quando viu aqueles teus colegas / as pessoas te esperando?

I: hã / how did I feel when I saw them?

Ao ser questionada sobre o que eles faziam no Natal quando ela era pequena e se ainda acreditava na existência do Papai Noel, a intercambista reproduziu a pergunta também usando o *Simple Past* do inglês.

E: o que que vocês faziam?

I: what did I do when I was really little?

Quando solicitada a falar sobre o que costumava fazer nos fins-de-semana, a intercambista produziu a seguinte sentença:

I: what did I do on weekend?

As evidências confirmam o que a revisão bibliográfica aponta: em inglês, embora o *Simple Past* associado a verbos de estado possa sugerir tanto uma interpretação fechada quanto aberta, com os predicados eventivos normalmente sugerem uma leitura fechada.

4.3.1.1.3 Verbos de culminação

De um total de 5 possibilidades de acertos, os iniciantes obtiveram uma média de 3,7 acertos (73,3% de acertos) nos verbos de culminação no perfectivo contra 1,2 acertos (24,4% de acertos) no imperfectivo, o que representa uma diferença estatisticamente significativa ($t(8)=2,986$, $p < 0,05$). A análise revelou, ainda, uma variância de 2 para o perfectivo com verbos de culminação e 1,69 para o imperfectivo. Tais resultados aparecem no Gráfico 5 abaixo.

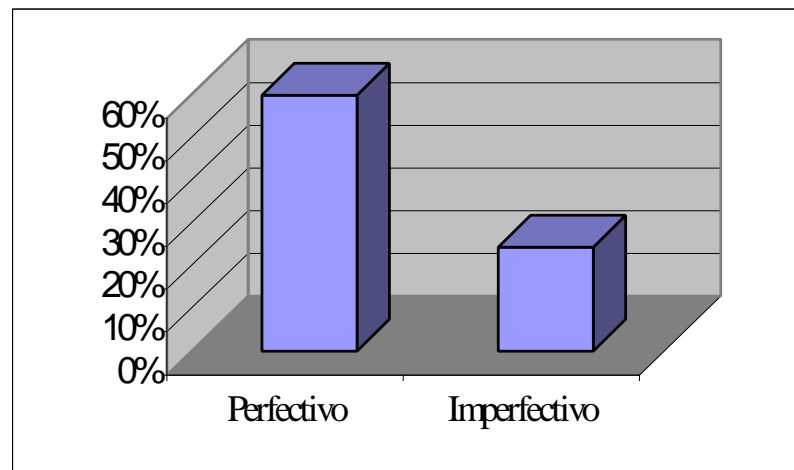


Gráfico 5: Desempenho dos iniciantes no Teste 1 com verbos de culminação

De acordo com Comrie (1976), a habitualidade (que pode ser expressa pelo imperfectivo no português) não pode ser expressa pelo progressivo em inglês, sendo necessário o emprego do *Simple Past*. Uma sentença no imperfectivo tem uma interpretação genérica no português (por exemplo, *O dinossauro comia algas*), enquanto que a mesma sentença no perfectivo tem uma interpretação específica (*O dinossauro comeu algas*). Entretanto, ambas as sentenças são traduzidas no *Simple Past* em inglês (*The dinosaur ate kelp*). Ainda, segundo Giorgi & Pianesi (1997), os predicados que envolvem verbos de culminação em línguas românicas podem parecer estranhos para alguns falantes de inglês quando o imperfectivo expressa um evento em andamento no passado. Segundo tais autores, uma vez que os verbos de culminação têm um

ponto final inerente, são incompatíveis com a interpretação aberta que o imperfectivo sugere, a não ser que haja um contexto pragmático específico ou um adverbial que enfatize que o processo está sendo conduzido a um resultado (por exemplo, *João alcançava o topo quando uma rajada de vento o impediu / Juan was reaching the top when a strong wind prevented him from reaching it*).

No caso dos verbos de culminação presentes no Teste Morfológico, previa-se que os aprendizes iniciantes possuiriam dificuldade em reconhecer o caráter de abertura semântica do Pretérito Imperfeito quando associado a esse tipo de verbo. Tal previsão foi confirmada pelo baixo índice de acertos (1,2 acertos em um total de 5 questões, o que representa 24,4% de acertos) nas questões em que a expectativa de resposta era no imperfectivo. O percentual de acertos significativo dos iniciantes no perfectivo com verbos de culminação (3,7 acertos em um total de 5 questões, o que representa 73,3% de acertos) sinaliza o fato de que a idéia de fechamento semântica com verbos pontuais soe mais natural para os falantes nativos de língua inglesa.

4.3.1.2 Intermediários

4.3.1.2.1 Verbos de estado

De um total de 5 possibilidades de acertos, os intermediários obtiveram uma média de 2,3 acertos (46,7% de acertos) nos verbos de estado no perfectivo contra 2,44 acertos (48,9% de acertos) no imperfectivo, havendo um equilíbrio entre os dois tempos verbais, o que não representou diferença estatisticamente significativa. Além disso, a amostra revelou uma variância de 0,75 para os verbos de estado no perfectivo e de 1,27 para o imperfectivo, indicando que o grupo de sujeitos foi mais homogêneo em suas respostas no perfectivo. O Gráfico 6 representa os resultados obtidos.

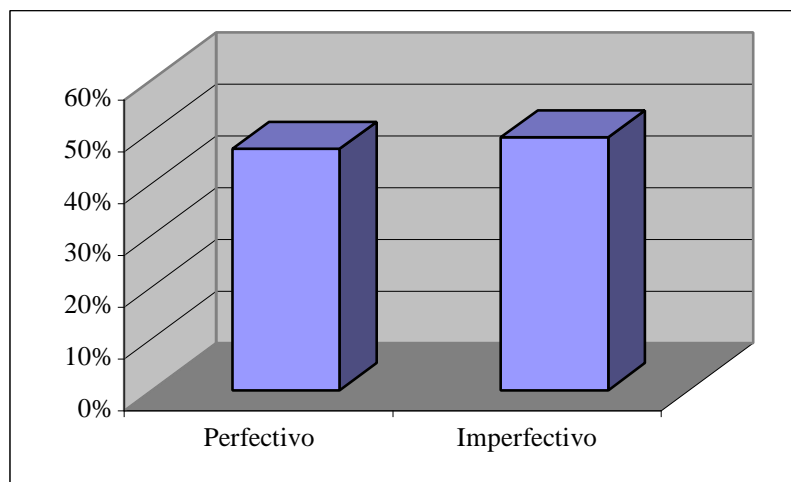


Gráfico 6: Desempenho dos intermediários no Teste 1 com verbos de estado

Não houve diferença estatisticamente significativa na comparação do desempenho dos intermediários com os iniciantes no emprego de verbos de estado, o que indica que os dois grupos se comportaram da mesma forma em relação a esse tipo de verbo. Entretanto, uma pequena

elevação no percentual de acertos com os verbos no perfectivo em relação aos iniciantes sugere que os intermediários já começavam a perceber, embora muito sutilmente, que a noção de fechamento semântico também pode ser aplicada a verbos de estado. O Gráfico 7 abaixo mostra o desempenho dos intermediários no perfectivo com os quatro tipos de verbos.

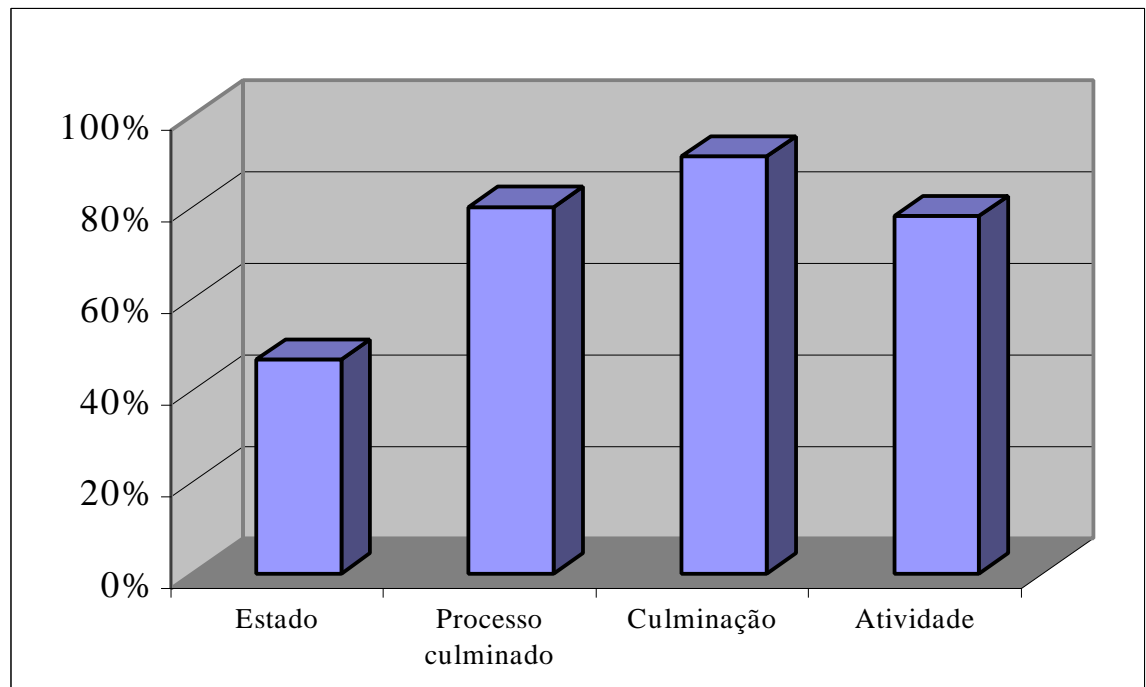


Gráfico 7: Desempenho dos intermediários no perfectivo no Teste 1 com os quatro tipos de verbos

É interessante observar que os intermediários reagiram da mesma forma com o outro tipo de verbo atélico testado, os verbos de atividade (a serem relatados posteriormente), apesar desse último ter tido percentuais de acertos mais elevados em ambos os tempos.

As gravações revelaram que os intermediários empregaram corretamente alguns verbos de estado tanto no perfectivo quanto no imperfectivo, diferentemente do que ocorreu no caso dos

aprendizes iniciantes. Entre os verbos de estado produzidos corretamente no perfectivo, encontramos os verbos *gostar, querer, ser, conhecer, achar, ficar, amar, esquecer, conseguir* e, no imperfectivo, encontramos *estar, ter, saber, ser, achar e conhecer*. Entretanto, embora os intermediários tenham demonstrado serem capazes de usar o imperfectivo também com os outros tipos de verbos, os verbos de estado foram os preferidos para o emprego do Pretérito Imperfeito.

4.3.1.2.2 Verbos de processo culminado e de atividade

De um total de 5 possibilidades de acertos, os intermediários obtiveram uma média de 4 acertos (80% de acertos) nos verbos de processo culminado no perfectivo contra 1,8 acertos (35,6% de acertos) no imperfectivo, o que representa uma diferença estatisticamente significativa ($t(8)=2,793, p < 0,05$). Além disso, foi encontrada uma variância de 1,75 para o perfectivo e 1,94 para o imperfectivo na amostra. O Gráfico 8 representa os resultados obtidos.

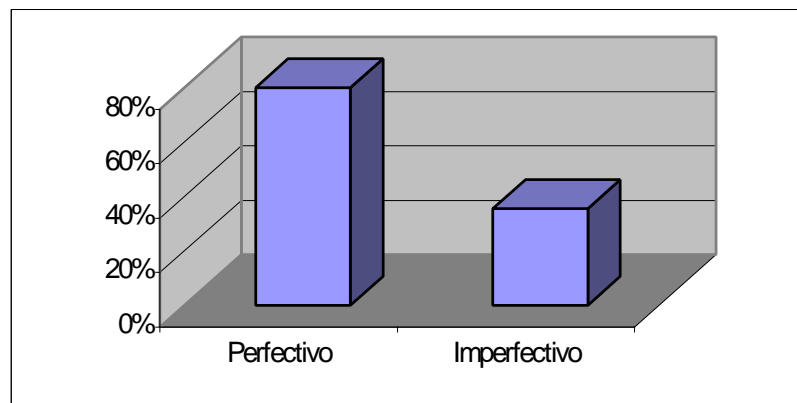


Gráfico 8: Desempenho dos intermediários no Teste 1 com verbos de processo culminado

No que diz respeito aos verbos de atividade, os resultados obtidos são os que seguem: uma média de 4 acertos (de um total de 5) para os verbos no perfectivo (78% de acertos) e 3 acertos (60%) para o imperfectivo, o que não representou diferença estatisticamente significativa. A variância encontrada foi de 0,5 para o perfectivo e 1,25 para o imperfectivo, o que indica que o grupo foi muito mais homogêneo em suas respostas no perfectivo, contrariamente ao desempenho dos iniciantes, os quais foram mais constantes em suas respostas no imperfectivo.

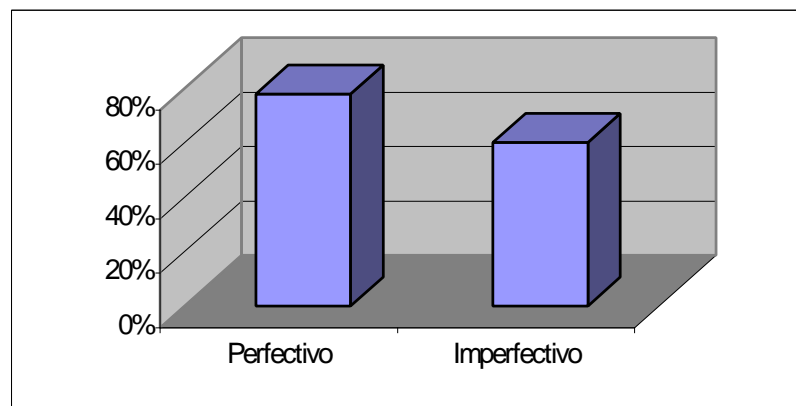


Gráfico 9: Desempenho dos intermediários no Teste 1 com verbos de atividades

Relembrando Andersen (1986), a língua em aquisição tem necessariamente importância no sistema que o falante não-nativo desenvolve e quando a segunda língua, diferentemente da língua materna, marca a distinção entre o perfectivo e o imperfectivo, existe uma preferência pelo perfectivo. A opção pelo perfectivo com os verbos de atividade parece confirmar a interferência da língua materna, uma vez que, no inglês, porque este não possui um tempo de passado semelhante ao Pretérito Imperfeito do português, os predicados dinâmicos são quase sempre interpretados como perfectivos no passado simples (*Simple Past*). Os dados revelam que os intermediários variaram menos no perfectivo e mais no imperfectivo, pois estão em processo de aquisição dessa noção. Entretanto, apesar dessa leve preferência pelo perfectivo (o que não

representa diferença estatisticamente significativa), os verbos de atividade foram os que obtiveram o segundo percentual de acertos mais elevado no imperfectivo, sendo superados apenas pelos verbos de estado (também inerentemente atélicos).

4.3.1.2.3 Verbos de culminação

De um total de 5 possibilidades de acertos, os intermediários obtiveram uma média de 4,6 acertos (91,1% de acertos) nos verbos de culminação no perfectivo contra 2,7 acertos (53,3% de acertos) no imperfectivo, o que representa uma diferença estatisticamente significativa ($t(8)=2,981$, $p < 0,05$). A análise revelou também uma variância de 1,02 para o perfectivo e 2,75 para o imperfectivo, processo semelhante ao ocorrido nos resultados relatados acima. Os percentuais de acertos em ambos os tempos e a variância maior no imperfectivo parecem confirmar a dificuldade, apontada pela literatura, que os aprendizes têm em associar a idéia de abertura semântica aos verbos de culminação. O Gráfico 12 representa os resultados obtidos.

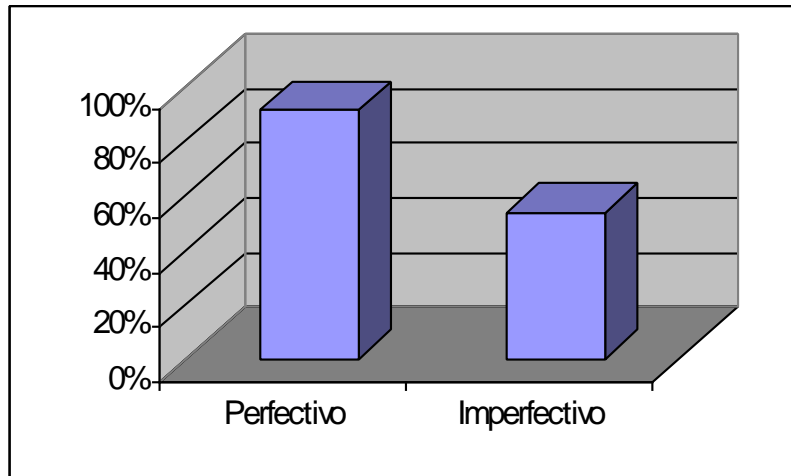


Gráfico 10: Desempenho dos intermediários no Teste 1 com verbos de culminação

4.3.2 Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças

O Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças (já descrito em 3.5) testou as implicações semânticas do Pretérito Perfeito e do Pretérito Imperfeito e os resultados obtidos serão apresentados e analisados nesta seção.

A Tabela 15 fornece uma visão geral dos resultados obtidos no referido teste, considerando-se somente as sentenças-alvo. A Tabela 16 apresenta os resultados das respostas dadas às sentenças distratoras.

Tabela 15: Média de acertos no Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças – Sentenças-alvo

	ESTADO			PROCESSO CULMINADO			CULMINAÇÃO			TOTAL
	Perfectivo (n = 7)	Imperfectivo (n = 7)	Média (n = 14)	Perfectivo (n = 7)	Imperfectivo (n = 7)	Média . (n = 14)	Perfectivo (n = 7)	Imperfectivo (n = 7)	Média (n = 14)	MÉD.TOT. (42 acertos)
INICIANTES	2,3 (33,3%)	4,7 (66,7%)	7,3 (51,6%)	4,2 (60,3%)	3,7 (52,4%)	7,9 (56,3%)	3,8 (54%)	2 (28,6%)	5,8 (41,3%)	21 (50%)
Acertos / total	23 / 63	42 / 63	65 / 126	38 / 63	33 / 63	71 / 126	34 / 63	18 / 63	52 / 126	188 / 378
INTERMEDIÁRIOS	2,11 (30,2%)	5,22 (74,6%)	7,33 (52,4%)	5 (71,4%)	5,33 (76,2%)	10,33 (73,8%)	4,88 (69,8%)	2,33 (33,3%)	7,21 (51,55%)	24,9 (59,26%)
Acertos / total	19 / 63	47 / 63	66 / 126	45 / 63	48 / 63	93 / 126	44 / 63	21 / 63	65 / 126	224 / 378
NATIVOS	5 (71,4%)	6,6 (94,3%)	11,5 (82,8%)	6,2 (89%)	6,7 (96%)	13 (92,75%)	6,1 (88%)	5,8 (82,8%)	11,9 (85%)	36,4 (86,83%)
Acertos / total	150 / 210	198 / 210	348 / 420	187 / 210	202 / 210	389 / 420	185 / 210	174 / 210	359 / 420	1096 / 1260

Tabela 16: Média de acertos no Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças – Sentenças distratoras

	PERFECTIVO		IMPERFECTIVO		MÉDIA TOTAL	Acertos / total
	(n = 7)		(n = 7)		(n = 14)	
INICIANTES (n=9)	3,3 (50%)	21 / 42	3,8 (54,8%)	23 / 42	7,3 (52,4%)	44 / 84
INTERMEDIÁRIOS (n=9)	5,1 (73%)	46 / 63	4,9 (69,8%)	44 / 63	10 (71,4%)	90 / 126
NATIVOS (n=30)	6,3 (90,5%)	190 / 210	6,7 (95,7%)	201 / 210	13 (93,1%)	391 / 420

A seguir, será efetuada uma análise dos resultados obtidos no Teste 2 para cada nível de proficiência, relacionados aos tipos de verbos.

4.3.2.1 Iniciantes

4.3.2.1.1 Verbos de estado

De um total de 7 possibilidades de acertos, os iniciantes obtiveram uma média de 2,5 acertos (33,3% de acertos) nos verbos de estado no perfectivo contra uma média de 4,7 acertos (66,7% de acertos) no imperfectivo. Vale notar que não houve diferença estatisticamente significativa entre os resultados dos iniciantes associados a estados, embora essa diferença tenha ficado próxima a níveis de significância ($p=0,059$), uma vez que os resultados em favor do imperfectivo sejam visivelmente maiores, conforme ilustra o Gráfico 11 abaixo:

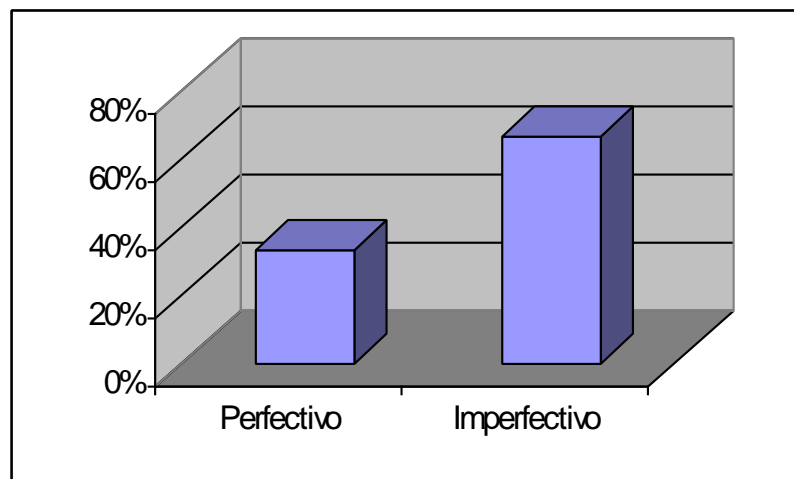


Gráfico 11: Desempenho dos iniciantes no Teste 2 com verbos de estado

A análise apontou uma variância de 3,52 para os verbos de estado no perfectivo e de 2,5 no imperfectivo, indicando que o grupo foi mais homogêneo em suas respostas no imperfectivo.

Conforme foi discutido na seção 1.7.1.1 do referencial teórico, no inglês o aspecto imperfectivo pode ser associado com eventos através do aspecto progressivo e de modais tais quais *used to* e *would*. Entretanto, o *Simple Past* é o responsável pela idéia de abertura semântica uma vez que o aspecto progressivo não pode ser associado a estados. No português, por outro lado, essa distinção não ocorre, uma vez que o imperfectivo pode ser associado aos quatro tipos de verbos. Sendo assim, previa-se que os aprendizes de português como L2 teriam dificuldade em reconhecer que o Pretérito Perfeito possui a idéia de fechamento em português também com estados e não somente com os outros tipos de verbos, como ocorre no inglês. Portanto, esperava-se que os aprendizes iniciantes tivessem dificuldade em distinguir o perfectivo do imperfectivo com verbos de estado e que obtivessem um menor índice de acertos com o Pretérito Perfeito associado a verbos de estado do que a verbos de processo culminado e a verbos de culminação, previsão essa que foi confirmada pelos dados, conforme demonstra o Gráfico 12 abaixo.

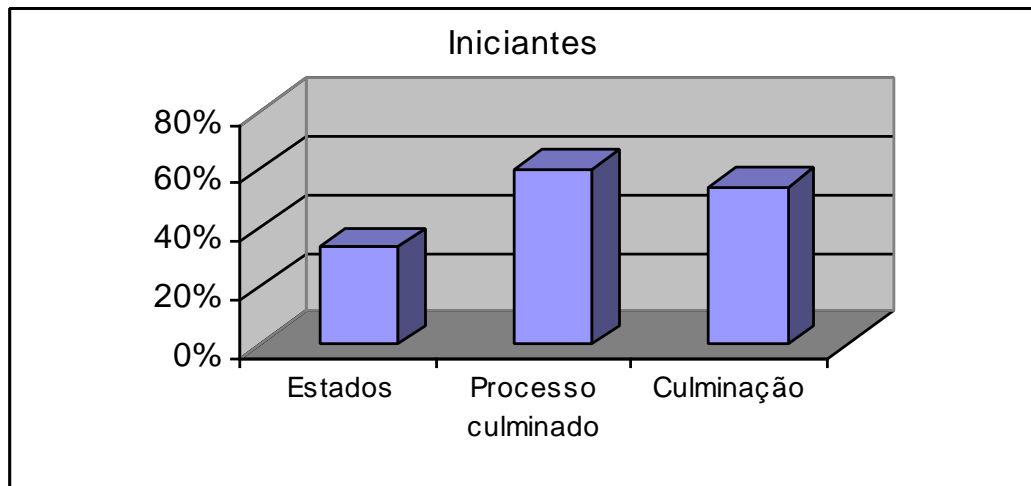


Gráfico 12: Desempenho dos iniciantes no perfectivo no Teste 2 com os 3 tipos de verbos

Como se pode ver no gráfico, no caso dos aprendizes iniciantes, o índice de acertos de verbos de estado no perfectivo (33,3% de respostas corretas) foi inferior ao índice obtido no mesmo tempo nas sentenças envolvendo tanto verbos de processo culminado (60,3% de respostas corretas) quanto verbos de culminação (54% de respostas corretas), embora testes ANOVA tenham revelado a não-significância estatística na comparação entre os três tipos de verbos no perfectivo. Os resultados, no entanto, levam a crer que, numa amostragem envolvendo um número maior de sujeitos, tal significância seria revelada.

4.3.2.1.2 Verbos de processo culminado

Os resultados obtidos no Teste 2 relativos aos verbos de processo culminado serão relatados e analisados a seguir.

Conforme mostra o Gráfico 15 abaixo, de um total de 7 possibilidades de acertos, os iniciantes obtiveram uma média de 4,2 acertos (60,3% de acertos) nos verbos de processo culminado no perfectivo contra 3,7 acertos (52,4% de acertos) no imperfectivo, o que não representa uma diferença estatisticamente significativa. É interessante notar que foi encontrada uma variância de 3,94 com verbos de processo culminado no perfectivo e 2 no imperfectivo, o que demonstra que as respostas no imperfectivo, embora com uma média menor do que no perfectivo, foram mais homogêneas.

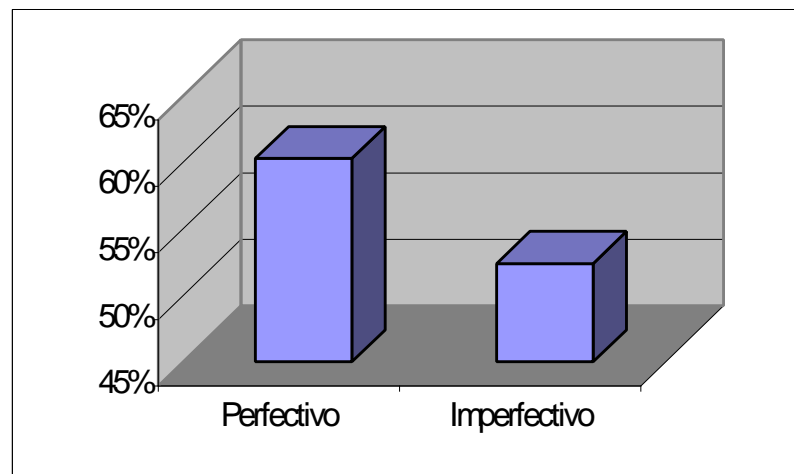


Gráfico 13: Desempenho dos iniciantes no Teste 2 com verbos de processo culminado

No caso dos verbos de processo culminado, previa-se que os aprendizes teriam preferência pelo perfectivo uma vez que a noção de imperfectivo parece não estar totalmente adquirida com esse tipo de verbo. Embora as previsões tenham sido confirmadas em termos de percentuais de acertos, a não significância estatística na comparação dos índices de acertos nas sentenças que associavam verbos de processo culminado com Pretérito Perfeito e com Pretérito Imperfeito e a variância maior no perfectivo (3,94) do que no imperfectivo (2) com os verbos de processo culminado (o que revela mais homogeneidade nas respostas no imperfectivo) instigou a

uma análise minuciosa de tais sentenças, especialmente das sentenças que obtiveram um percentual mais baixo de acertos em sentenças ilógicas no perfectivo, como é o caso da sentença 26 do teste. A resposta desejada está assinalada.

(26) O pedreiro construiu uma casa inteira, mas não construiu a cozinha, a sala e o quarto.

() A casa está inteiramente construída.

() O serviço foi interrompido antes do final.

(x) Combinação de orações sem sentido.

Acredita-se que os aprendizes possam ter concentrado sua atenção na oração coordenada, o que fez com que cinco (entre nove) estudantes interpretassem a sentença como um serviço interrompido antes do final. Apenas três concluíram que se tratava de sentença sem sentido (resposta desejada) e um entendeu que a casa estava inteiramente construída.

4.3.2.1.3 Verbos de culminação

Os resultados obtidos pelos iniciantes no Teste 2 relativos aos verbos de culminação serão relatados e analisados a seguir.

Conforme mostra o Gráfico 14 abaixo, de um total de 7 possibilidades de acertos, os iniciantes obtiveram uma média de 3,8 acertos (54% de acertos) nos verbos de culminação no perfectivo contra 2 acertos (28,6 de acertos) no imperfectivo, uma diferença que, embora não seja

estatisticamente significativa, é bastante relevante. A variância da amostra foi de 5,6 para o perfectivo e 1 para o imperfeito. Uma vez que a média de acertos no imperfeito foi baixa e houve pouca variância nas respostas, os dados parecem indicar que os iniciantes realmente não reconhecem como corretas sentenças no imperfeito com verbos de culminação.

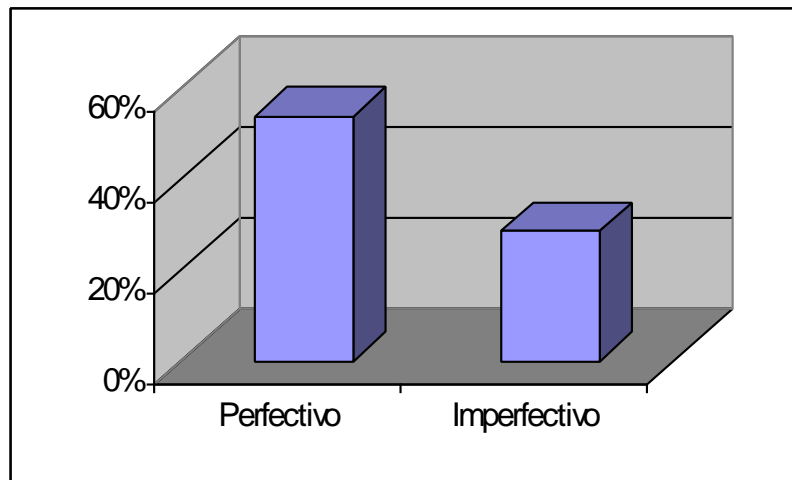


Gráfico 14: Desempenho dos iniciantes no Teste 2 com verbos de culminação

Como se pode ver, as sentenças com verbos de culminação obtiveram um percentual inferior de respostas corretas no imperfeito do que no perfectivo, conforme o esperado. De acordo com o que aponta a literatura, sentenças isoladas que envolvem verbos de culminação no imperfeito podem soar estranhas para alguns falantes se essas não estiverem em contexto apropriado (Maria # *vendeu / vendia* o apartamento, mas ninguém o comprou; Maria # *sold / was selling* the flat but nobody bought it). Confirmação disso são as sentenças (13), (16) e (43) do Teste 2 (ver Anexo 2), as quais obtiveram os escores mais baixos entre os nove sujeitos testados: zero, um e dois acertos, respectivamente. Tais sentenças foram reproduzidas abaixo a título de ilustração:

(13) O time do Brasil ganhava aquele campeonato de futebol, mas ficou em segundo lugar.

(16) Meu tia morria de câncer, mas finalmente se recuperou

(43) Carlos e Adriana casavam ontem, mas hoje continuam solteiros.

4.3.2.2 Intermediários

4.3.2.2.1 Verbos de estado

De um total de 7 possibilidades de acertos, os intermediários obtiveram uma média de 2,11 acertos (30,2% de acertos) nas sentenças que continham verbos de estado no perfectivo contra uma média de 5,22 acertos (74,6% de acertos) nas sentenças envolvendo o imperfectivo. A análise estatística apontou uma diferença estatisticamente significativa ($t(8)=-3,5$, $p < 0,01$) entre as médias e uma variância de 2,61 para o perfectivo e 3,19 para o imperfectivo. O Gráfico 15 ilustra tais resultados:

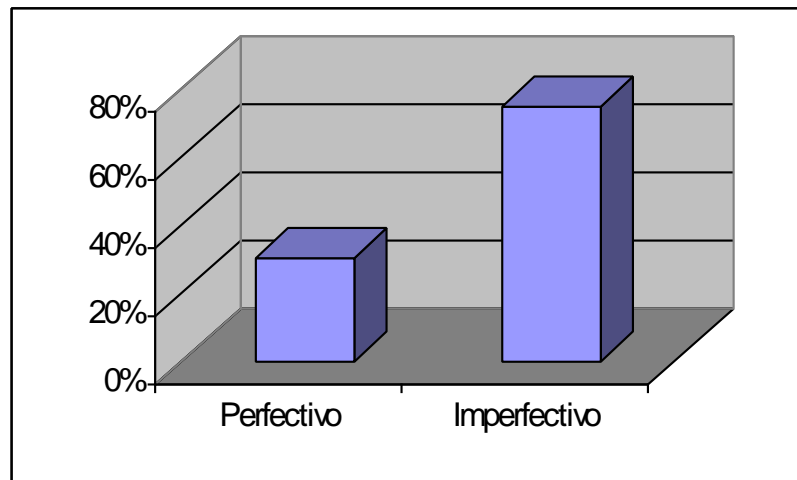


Gráfico 15: Desempenho dos intermediários no Teste 2 com verbos de estado

Testes ANOVA realizados com os dados dos intermediários apontam uma diferença estatisticamente significativa no perfectivo na comparação entre os resultados associados aos três tipos de verbos ($F(2,24)= 8,292$, $p < 0,002$) e no imperfectivo ($F(2,24)=9,832$, $p < 0,001$).

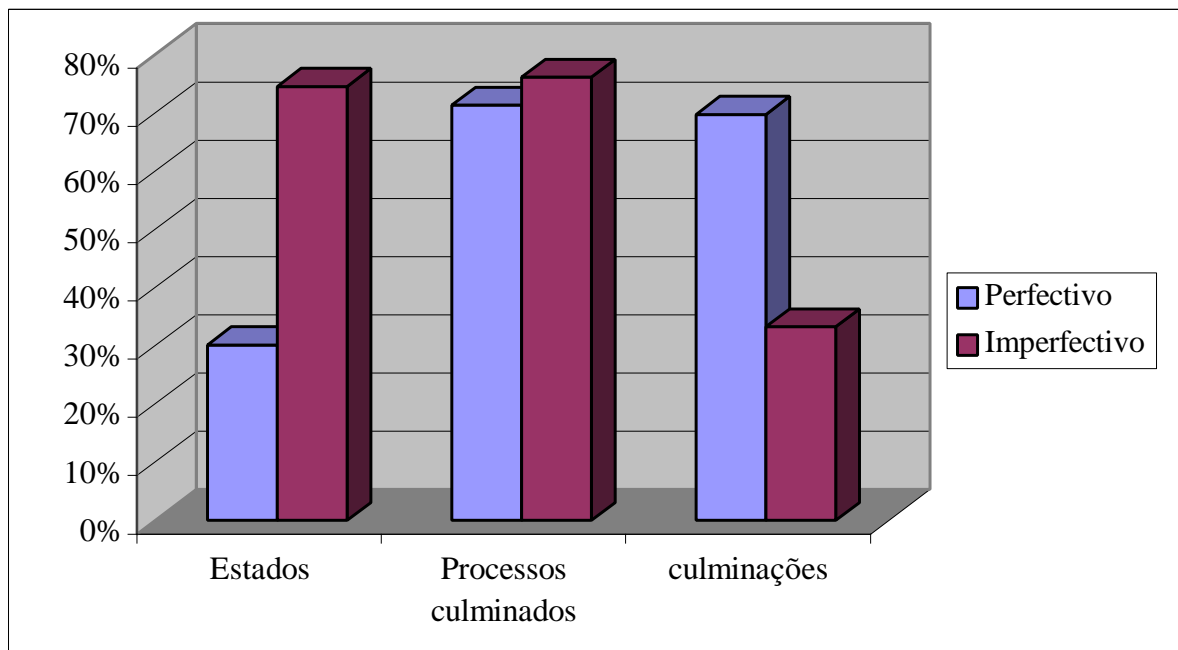


Gráfico 16: Desempenho dos intermediários no Teste 2 no perfectivo e no imperfectivo com os 3 tipos de verbos

Conforme o esperado, o percentual de acertos no imperfeito com os verbos de estado foi muito superior do que o demonstrado no perfectivo.

4.3.2.2.2 – Verbos de processo culminado

De um total de 7 possibilidades de acertos, os intermediários obtiveram uma média de 5 acertos (71,4% de acertos) nos verbos de estado no perfectivo contra uma média de 5,33 acertos (76,2% de acertos) no imperfeito, o que não representou diferença estatisticamente significativa. A variância encontrada foi de 4 para os verbos de processo culminado no perfectivo e 2,5 para o mesmo tipo de verbo no imperfeito.

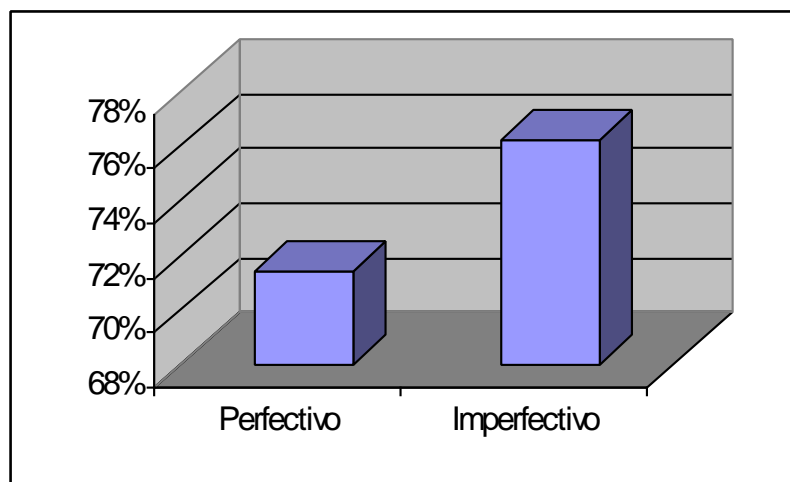


Gráfico 17: Desempenho dos intermediários no Teste 2 com verbos de processo culminado

Surpreendentemente, houve uma heterogeneidade maior da amostra no perfectivo do que no imperfeito e um percentual de acertos maior no imperfeito do que no perfectivo, fato

parecido com o que aconteceu com os iniciantes com o mesmo tipo de verbos, embora os intermediários tenham atingido percentuais de acertos muito mais elevados do que os iniciantes.

Analisando as sentenças propostas no imperfeito, cujo percentual de acertos foi mais elevado do que o esperado, acredita-se que a concentração no significado da oração coordenada possa ter contribuído para a escolha da alternativa que contempla a interpretação desejada. Esse parece ter sido o caso das sentenças sob números 20 e 41, pelo menos. As respostas desejadas estão assinaladas.

(20) Gabriel lia um livro à tarde, mas não chegou ao final.

() Gabriel leu o livro inteiro.

(x) Gabriel não leu todo o livro.

() Combinação de orações sem sentido.

(41) A empresa construía um edifício, mas não conseguiu terminá-lo.

() O edifício está pronto.

(x) O edifício não está pronto.

() Combinação de orações sem sentido.

4.3.2.2.2 Verbos de culminação

De um total de 7 possibilidades de acertos, os intermediários obtiveram uma média de 4,88 acertos (69,8% de acertos) nos verbos de culminação no perfectivo contra uma média de 2,33 acertos (33,3% de acertos) no imperfectivo, o que representou diferença estatisticamente significativa ($t(8)=2,892$, $p < 0,05$). A variância da amostra foi de 2,22 para os verbos de processo culminado no perfectivo e 2,25 para o mesmo tipo de verbo no imperfectivo. O Gráfico 18 ilustra os resultados obtidos.

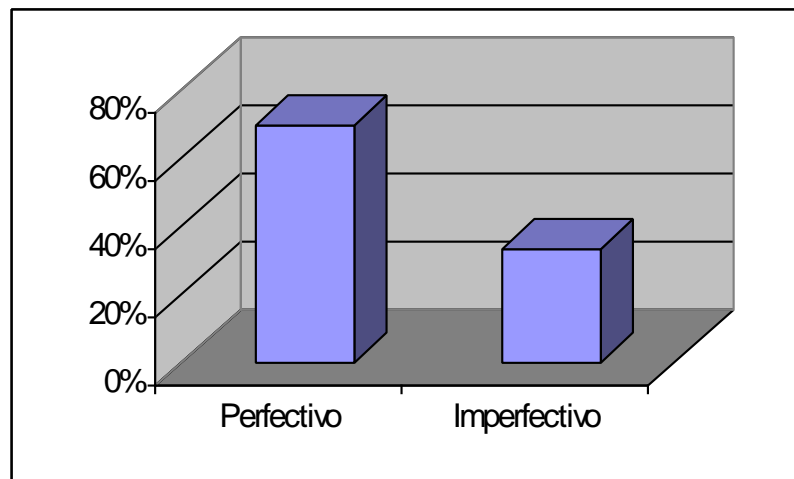


Gráfico 18: Desempenho dos intermediários no Teste 2 com verbos de culminação

Mais uma vez confirmou-se a expectativa de que os intermediários obteriam um maior número de acertos com verbos de culminação no perfectivo do que no imperfectivo, uma vez que a idéia de abertura semântica com verbos pontuais talvez soe estranha para alguns falantes nativos de língua inglesa.

Para uma visão geral dos resultados, a Tabela 17 apresenta os resultados comparativos entre o Teste 1 e o Teste 2.. Os itens sublinhados indicam significância estatística.

Tabela 17: Resultados comparativos entre o Teste 1 e o Teste 2

T 1		T 2		T 1		T 2		T 1		T 2	
Estado		Estado		Processo culminado		Processo culminado		Culminação		Culminação	
PERF.	IMP.	PERF.	IMP.	PERF.	IMP.	PERF.	IMP.	PERF.	IMP.	PERF.	IMP.
(n = 5)	(n = 5)	(n=7)	(n=7)	(n = 5)	(n = 5)	(n=7)	(n=7)	(n = 5)	(n = 5)	(n=7)	(n=7)
2	2,7	2,5	4,7	<u>3,56</u>	<u>0,9</u>	4,2	3,7	<u>3,7</u>	<u>1,2</u>	3,8	2
40%	53,3%	33,3%	66,7%	<u>71,1%</u>	<u>17,8%</u>	60,3%	52,4%	<u>73,3%</u>	<u>24,4%</u>	54%	28,6%
<u>2,3</u>	<u>2,44</u>	<u>2,11</u>	<u>5,22</u>	<u>4</u>	<u>1,8</u>	5	5,33	<u>4,6</u>	<u>2,7</u>	<u>4,88</u>	<u>2,33</u>
46,7%	48,9%	<u>30,2%</u>	<u>74,6%</u>	<u>80%</u>	<u>35,6%</u>	71,4%	76,2%	<u>91,1%</u>	<u>53,3%</u>	<u>69,8%</u>	<u>33,3%</u>
<u>3,2</u>	<u>3,97</u>	<u>5</u>	<u>6,6</u>	<u>4,6</u>	<u>4,1</u>	<u>6,2</u>	<u>6,7</u>	5	4,9	6,1	5,8
<u>63,3%</u>	<u>79,3%</u>	<u>71,4%</u>	<u>94,3%</u>	<u>92%</u>	<u>81,3%</u>	<u>89%</u>	<u>96%</u>	<u>99,3%</u>	<u>98,7%</u>	88%	82,8%

4.4 Resumo e discussão das principais constatações

A presente pesquisa tinha como objetivo geral verificar se um grupo de falantes nativos de inglês, aprendizes de português como segunda língua, reconheciam os acarretamentos semânticos

dos traços [+perfectivo] e [-perfectivo] do Pretérito Perfeito e do Pretérito Imperfeito do português brasileiro.

A partir do objetivo geral retomado acima, perguntou-se em que medida um grupo de falantes nativos de inglês, aprendizes de português como segunda língua, demonstraria ser capaz de:

- perceber que existem diferenças entre as implicações semânticas derivadas dos tempos Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito no português, uma vez que tais diferenças não existem em sua língua materna por essa não possuir um tempo verbal equivalente ao Pretérito Imperfeito;

- compreender o significado intrínseco – idéia de fechamento semântico – do Pretérito Perfeito do português brasileiro que se assemelha ao *Simple Past* do inglês quando este está associado a verbos eventivos;

- compreender o significado intrínseco – idéia de abertura semântica – do Pretérito Imperfeito do português brasileiro;

- identificar as relações de interação entre os traços aspectuais que compõem os tempos verbais Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito do português brasileiro e os traços constituintes do aspecto lexical dos predicados.

A seguir, serão retomadas todas as hipóteses levantadas e serão apresentadas e discutidas as principais constatações da investigação em questão.

Hipótese (a): A aquisição do contraste semântico entre o Pretérito Perfeito e o Pretérito Imperfeito demonstraria ser um processo de desenvolvimento gradual; assim, esperava-se que quanto maior fosse o nível de proficiência dos aprendizes, maior seria o percentual de acertos nas sentenças envolvendo todos os tipos de verbo nos dois testes.

A hipótese acima foi confirmada, na medida em que, no Teste Morfológico, os iniciantes obtiveram um percentual médio geral de 47,2% de acertos, os intermediários atingiram 61,9% de acertos e os nativos (estatisticamente considerados o *padrão-ouro*, ou seja, os que obtiveram percentuais de acertos mais elevados) alcançaram 83,8% de acertos. No Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças, os iniciantes obtiveram um percentual médio geral de 50,2% de acertos, os intermediários atingiram 62,3% de acertos e os nativos (padrão-ouro) alcançaram 88,6% de acertos. Em cada tipo de verbo (verbo de estado, verbo de processo culminado, verbo de culminação e verbo de atividade) e em cada um dos tempos testados (Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito), os índices de acertos alcançados pelos intermediários foram superiores aos alcançados pelos iniciantes.

Hipótese (b): No caso do imperfectivo, que não ocorre em inglês, esperava-se que o percentual de acertos dos iniciantes seria menor do que o percentual de acertos dos intermediários e o percentual desses, por sua vez, seria menor do que o dos nativos em ambos os testes.

Com exceção dos iniciantes no uso dos verbos de estado no imperfectivo, todos os dados comprovam a hipótese de que a aquisição do Pretérito Imperfeito é um processo gradual. Os iniciantes obtiveram menos acertos no imperfectivo com todos os tipos de verbos (menos com

verbos de estado) do que os intermediários e esses, por sua vez, obtiveram menos acertos que os nativos.

Serão apresentados em primeiro lugar os resultados do Teste Morfológico. O desempenho com os verbos de estado no imperfectivo foi como segue: 53,3% de acertos para os iniciantes, 48,9% para os intermediários e 79,3% para os nativos. Com os verbos de processo culminado os resultados são os que seguem: 17,8% para os iniciantes, 35,6% para os intermediários e 81,3% para os nativos. Já com os verbos de culminação, os resultados foram os seguintes: 24,4% para os iniciantes, 53,3% para os intermediários e 98,7% para os nativos. Os verbos de atividade apresentaram os seguintes resultados no T1: 28,9% para os iniciantes, 60% para os intermediários e 74% para os nativos.

No Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças, com os verbos de estado os iniciantes obtiveram 66,7% de respostas corretas no imperfectivo, os intermediários conseguiram 74,6% e os nativos atingiram 94,3% das respostas certas. Com os verbos de processo culminado, os iniciantes atingiram 52,4% de acertos, os intermediários obtiveram 76,2% de respostas certas e os nativos, 96%. Com os verbos de culminação, os iniciantes alcançaram 28,6% de respostas certas, os intermediários obtiveram 33,3% de acertos e os nativos conseguiram alcançar 82,8% de acertos.

Hipótese (c): A previsão era de que não haveria diferença entre o comportamento dos dois grupos experimentais e o de controle quanto à marcação do Pretérito Perfeito, uma vez que o aspecto perfectivo é instanciado no inglês.

Os dados sugerem não haver diferença¹³ na comparação do desempenho no Pretérito Perfeito entre os dois grupos experimentais e o grupo de controle, especialmente com os verbos eventivos. No Teste Morfológico, o desempenho dos iniciantes com os verbos de processo culminado nesse tempo foi equivalente a 71,1% de acertos; os intermediários obtiveram 80% de acertos com o mesmo tipo de verbo, enquanto que os nativos alcançaram 92% de acertos. Nos verbos de culminação, os iniciantes obtiveram 73,% de acertos no T1, os intermediários alcançaram 91,1% e os nativos, 99,3% de acertos. Nos verbos de atividade, os iniciantes alcançaram 68,9% de acertos no perfectivo, os intermediário conseguiram 78% de acertos e os nativos atingiram 82% do total de acertos.

No Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças, os resultados se assemelham: os iniciantes alcançaram 60% de acertos no perfectivo com verbos de processo culminado, os intermediários atingiram 71,4% de acertos, enquanto que os nativos acertaram 89% das questões. Com os verbos de culminação, os resultados foram os seguintes: 54% de acertos para os iniciantes, 69,8% de acertos para os intermediários e 88% de acertos para os nativos.

Entretanto, os verbos de estado constituíram problema para os aprendizes no perfectivo. No Teste 1, os iniciantes alcançaram 40% de acertos, os intermediário conseguiram 46,7% de acertos e os nativos atingiram 63,3% das respostas corretas. No Teste 2, a diferença foi maior:

¹³ Ressalta-se que não foi feita comparação através de testes estatísticos entre os três grupos de sujeitos, porque o número de participantes dos dois grupos experimentais é diferente do número de participantes do grupo de controle.

33,3% de acertos para os iniciantes, 30,2% de acertos para os intermediários e 71,4% de acertos para os nativos.

Da mesma forma que na pesquisa desenvolvida por Montrul & Slabakova (2002a, b), e partindo do princípio de que falantes nativos de inglês, aprendizes de português como segunda língua, apóiam-se no traço [+progressivo] – também pertence à Categoria Funcional AspP – para interpretar predicados com verbos de processo culminado e de culminação, é possível que os aprendizes de português em ambos os níveis não tenham adquirido satisfatoriamente o contraste perfectivo / imperfectivo com verbos de estado.

Hipótese (d): Os aprendizes de português como L2 teriam dificuldade em reconhecer que o Pretérito Perfeito possui idéia de fechamento em português também com estados e não somente com os outros tipos de verbos, como ocorre no inglês. Assim, previa-se que os aprendizes tivessem maior dificuldade em distinguir o aspecto perfectivo do aspecto imperfectivo com verbos de estado do que com outros tipos de verbos obtendo, dessa forma, um menor índice de acertos com o Pretérito Perfeito associado a verbos de estado do que a verbos de processo culminado e verbos de culminação no Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças e também a verbos de atividade no Teste Morfológico.

Efetivamente, os resultados obtidos no perfectivo com os verbos de estado, tanto pelos iniciantes quanto pelos intermediários, foram inferiores aos alcançados com os outros tipos de verbos, conforme Gráficos 2 e 12 . A dificuldade em reconhecer que os verbos de estado, inerentemente atélicos, também podem possuir idéia de fechamento semântico ficou

particularmente evidenciada no Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças, em que os iniciantes obtiveram 33,3% de acertos com os verbos de estado no perfectivo *versus* 66,7% de acertos no imperfectivo (com uma tendência à significância estatística – $p=0,059$); os intermediários alcançaram apenas 30,2% de acertos com o mesmo tipo de verbo no perfectivo, enquanto alcançaram 74,6% de acertos no imperfectivo, o que representou diferença estatisticamente significativa ($t(8)=-3,5$, $p < 0,01$).

Os resultados sugerem que esses aprendizes talvez não tenham adquirido plenamente o traço [-perfectivo] do português com os verbos de estado, revelando, entretanto, ter conhecimento do contraste semântico entre o Pretérito Perfeito e o Pretérito Imperfeito com outros predicados simplesmente porque fazem o mapeamento correto dos traços formais de [+perfectivo] com a morfofonologia do Pretérito Perfeito e de [-perfectivo] com a morfofonologia do Pretérito Imperfeito. Isso significa que os aprendizes de português investigados foram capazes de associar os acarretamentos semânticos envolvidos com cada um dos valores ([+perfectivo] = idéia de fechamento semântico; [-perfectivo]= idéia de abertura semântica) com os morfemas flexionais dos tempos Pretérito Perfeito e Imperfeito respectivamente. Ainda no que diz respeito aos verbos de estado, é possível considerar a possibilidade de que os aprendizes tenham transferido o valor neutro do *Simple Past* do inglês com predicados de estado, os quais podem ter interpretações perfectivas ou imperfectivas (*Mary was sick and is still sick / Mary was sick and is no longer sick*).

Hipótese (e): No caso dos verbos eventivos (verbos de processo culminado, de culminação e de atividade), a expectativa era de que os aprendizes demonstrassem preferência

significativa pelo perfectivo, tendo um número maior de acertos nas sentenças em que esses tipos de verbos aparecem em ambos os testes, uma vez que, como foi visto em 1.6.2, o contraste perfectivo *versus* imperfectivo não é gramaticalizado em inglês e, por não possuir um tempo de passado semelhante ao Pretérito Imperfeito no português, os predicados dinâmicos são quase sempre interpretados como perfectivos no passado simples no inglês. O português, assim como outras línguas românicas, expressa tal oposição independentemente da oposição progressivo *versus* não-progressivo, o que não acontece com o inglês, o que acarreta implicações cruciais no domínio da interpretação das sentenças. No inglês, entretanto, a ausência de um tempo de passado semelhante ao Pretérito Imperfeito do português induz os predicados dinâmicos a serem interpretados como perfectivos no *Simple Past* no inglês.

No Teste Morfológico, os aprendizes claramente demonstraram ter mais segurança no emprego do perfectivo com verbos de processo culminado, com verbos de culminação e com verbos de atividade do que com verbos de estado. Analisando os resultados obtidos na comparação do desempenho no perfectivo com os outros tipos de verbos, verificou-se que os aprendizes iniciantes alcançaram 71,1% de acertos com os verbos de processo culminado, 73,3% de acertos com verbos de culminação, 68,9% de acertos com verbos de atividade e apenas 40% de acertos com verbos de estado. Os aprendizes intermediários, com um desempenho superior ao dos iniciantes, igualmente demonstraram ter mais dificuldade em associar o traço [+perfectivo) com verbos de estado (apenas 46,7% de acertos) do que com verbos de processo culminado (80% de acertos), com verbos de culminação (91,1% de acertos) e com verbos de atividades (68,9% de acertos).

No Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças, os sujeitos comportaram-se de forma semelhante. Ao se comparar os resultados alcançados pelos aprendizes no perfectivo com os outros tipos de verbos, percebe-se que os iniciantes atingiram os percentuais mais elevados com os verbos de processo culminado (60,3% de acertos), com os verbos de culminação (54% de acertos) e com os verbos de atividade (50% de acertos), obtendo o escore mais baixo com os verbos de estado (33,3% de acertos). Como se afirmou acima, tais resultados revelam que a nossa hipótese foi confirmada.

Hipótese (f): No caso específico dos verbos de culminação, a expectativa era de que os aprendizes possuiriam dificuldade em reconhecer o caráter de abertura semântica do Pretérito Imperfeito quando associado a esse tipo de verbo, uma vez que, conforme apontam Giorgi & Pianesi (1997), os predicados que envolvem verbos de culminação em línguas românicas podem parecer estranhos para alguns falantes de inglês quando o imperfectivo expressa um evento em andamento no passado. Segundo tais autores, dado que os verbos de culminação têm um ponto final inerente, são incompatíveis com a interpretação aberta que o imperfectivo sugere.

Tal previsão foi confirmada pelos baixos índices de acertos alcançados nas questões que envolviam tal tipo de verbos. Nas sentenças que continham verbos de culminação no Teste Morfológico, os iniciantes alcançaram um percentual de 24,4% de acertos no imperfectivo, contra 73,3% de acertos no perfectivo, o que representa diferença estatisticamente significativa ($t(8)=2,986, p<0,05$) e os intermediários atingiram um percentual de 53,3% de acertos no imperfectivo, contra 91,1% de acertos no perfectivo, o que também revela diferença estatisticamente significativa ($t(8)=2,981, p<0,05$).

Por outro lado, no Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças, os iniciantes alcançaram um percentual de 28,6% de acertos no imperfectivo, contra 54% de acertos no perfectivo, diferença essa não significativa, enquanto que os intermediários atingiram um percentual de 33,3% de acertos no imperfectivo, contra 69,8% de acertos no perfectivo, o que constituiu diferença estatisticamente significativa de $(t(8)= 2,891, p<0.05)$.

4.5 Conclusão

Em resumo, as evidências apresentadas acima parecem comprovar que, quanto maior o nível de proficiência, maior o número de acertos. Os dados também parecem apontar para o fato de que os aprendizes possam ser inicialmente influenciados pelo aspecto lexical na aquisição do aspecto gramatical, especialmente com os verbos eventivos, o que será discutido na conclusão do trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 Introdução

O objetivo geral deste estudo era investigar se um grupo de falantes nativos de inglês, aprendizes de português como segunda língua, reconhecem os acarretamentos semânticos dos traços [+perfectivo] e [-perfectivo] do Pretérito Perfeito e do Pretérito Imperfeito do português brasileiro. Tendo em vista esse objetivo geral, pretendia-se investigar em que medida esses grupos de falantes nativos de inglês, aprendizes de português como segunda língua, seriam capazes de compreender a implicação semântica ou significado intrínseco do Pretérito Imperfeito do português, bem como de identificar a interação entre os traços que compõem os tempos verbais Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito e os traços constituintes do aspecto lexical dos predicados. Para tanto, foram testados dezoito falantes nativos de inglês, com idades variando entre 16 e 18 anos, todos estudantes de intercâmbio do Rotary Internacional residentes no Brasil por um período não inferior a três meses e não superior a dez meses, tempo mínimo para que consigam se comunicar satisfatoriamente em português e tempo em que, pelas características do

referido intercâmbio, os estudantes começam a voltar para seus países, respectivamente. De acordo com o tempo de permanência no Brasil, os estudantes foram classificados como iniciantes ou como intermediários. Um grupo de trinta falantes nativos de português na mesma faixa etária dos aprendizes foi igualmente testado.

Dois instrumentos escritos foram usados para a coleta de dados: o Teste Morfológico e o Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças, ambos descritos no Capítulo 3. Além disso, foram feitas gravações de produção espontânea de três falantes classificados como iniciantes e de três falantes classificados como intermediários e uma mesma intercambista teve sua fala gravada em três momentos distintos: aos quatro, sete e dez meses no país.

Este último capítulo resume as principais constatações no que diz respeito a cada uma das hipóteses levantadas, sugere algumas possíveis explicações para os resultados, apresenta as limitações do trabalho e direciona para futuras pesquisas.

5.2 Resumo e discussão das principais constatações

As principais constatações da presente pesquisa serão resumidas a seguir, em consonância com as hipóteses levantadas.

A primeira hipótese previa que a aquisição do contraste semântico entre o Pretérito Perfeito e o Pretérito Imperfeito demonstrasse ser um processo de desenvolvimento gradual;

assim, quanto maior o nível de proficiência dos aprendizes, maior seria o percentual de acertos nas sentenças envolvendo todos os tipos de verbo nos dois testes, o que veio a ser comprovado pelos dados.

A segunda hipótese, igualmente confirmada, afirmava que, no caso do imperfectivo, que não ocorre em inglês, o percentual de acertos dos iniciantes seria menor do que o percentual de acertos dos intermediários e que o percentual desses, por sua vez, seria menor do que o percentual alcançado pelos nativos em ambos os testes.

A terceira hipótese previa que não haveria diferença entre o comportamento dos dois grupos experimentais e o de controle quanto à marcação do Pretérito Perfeito, uma vez que o aspecto perfectivo é instanciado no inglês e foi igualmente confirmada.

Como quarta hipótese, previa-se que os aprendizes de português como L2 tivessem dificuldade em reconhecer que o Pretérito Perfeito possui a idéia de fechamento em português também com estados e não somente com os outros tipos de verbos, como ocorre no inglês. Assim, esperava-se, como de fato aconteceu, que os aprendizes tivessem maior dificuldade em distinguir o aspecto perfectivo do aspecto imperfectivo com verbos de estado do que com outros tipos de verbos obtendo, assim, um menor índice de acertos com o Pretérito Perfeito associado a verbos de estado do que a verbos de processo culminado e verbos de culminação no Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças e também a verbos de atividade no Teste Morfológico.

A quinta hipótese previa que, no caso dos verbos eventivos (verbos de processo culminado, de culminação e de atividade), os aprendizes demonstrassem preferência significativa pelo perfectivo, tendo um número maior de acertos nas sentenças em que esses tipos de verbos aparecem em ambos os testes, uma vez que, como se viu em 1.6.2, o contraste perfectivo *versus* imperfectivo não é gramaticalizado em inglês e, por não possuir um tempo de passado semelhante ao Pretérito Imperfeito do português, os predicados dinâmicos são quase sempre interpretados como perfectivos no passado simples (*Simple Past*) no inglês. Tal hipótese foi confirmada.

A sexta e última hipótese previa (e comprovou-se) que, no caso específico dos verbos de culminação, os aprendizes possuíam dificuldade em reconhecer o caráter de abertura semântica do Pretérito Imperfeito quando associado a esse tipo de verbo, uma vez que, conforme apontam Giorgi & Pianesi (1997), os predicados que envolvem verbos de culminação em línguas românicas podem parecer estranhos para alguns falantes de inglês quando o imperfectivo expressa um evento em andamento no passado. Segundo tais autores, dado que os verbos de culminação têm um ponto final inerente, são incompatíveis com a interpretação aberta que o imperfectivo sugere.

Embora as evidências relatadas aqui tenham comprovado as hipóteses levantadas, os percentuais de acertos em cada item testado variaram de um para outro teste. A coincidência feliz de não haver diferença entre formas esperadas e formas obtidas não deve, no entanto, ser interpretada como indícios de uma adequação absoluta às exigências do contexto. A adoção de dois instrumentos distintos para a coleta de dados deveu-se ao fato de se acreditar ser necessário

testar níveis diferentes de conhecimento da linguagem – produção *versus* compreensão. Enquanto o Teste Morfológico requeria um comportamento automático e menos metalingüístico (conhecimento mais inconsciente), o Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças dava aos sujeitos a possibilidade de pensar nas sentenças e de analisar as respostas possíveis (conhecimento mais consciente).

Uma das principais constatações deste estudo diz respeito aos verbos de estado. Embora os aprendizes tenham se comportado conforme o esperado no Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças (demonstrando percentuais bem mais elevados de acertos no imperfeito), houve um certo equilíbrio nas respostas no perfectivo e no imperfeito no Teste Morfológico tanto para os iniciantes (40% de acertos no perfectivo e 53,3% de acertos no imperfeito) quanto para os intermediários (46,7% de acertos no perfectivo e 48,9% de acertos no imperfeito), o que não representou diferença estatisticamente significativa. Os percentuais acima do esperado no perfectivo e os percentuais abaixo do esperado no imperfeito parecem estar relacionados com a natureza do texto utilizado, o qual, por ser uma narrativa (tipo de texto que geralmente tem em primeiro plano o Pretérito Perfeito) e por exigir habilidade de percepção (mais automática e menos consciente), pode ter levado os sujeitos a estenderem a interpretação fechada a situações estativas. Uma outra explicação para os percentuais alcançados com os verbos no perfectivo pode ser o fato de que alguns verbos que geralmente são estativos podem, às vezes, apresentar o traço [+dinâmico], aos quais, geralmente, é atribuído um caráter de fechamento semântico no passado. Esse foi o caso do verbo *ter* em *ter certeza* (questão 28), o qual é estativo no imperfeito, mas pode tornar-se um verbo de culminação no Pretérito Perfeito, recebendo uma interpretação incoativa, instantânea, no sentido de que *Daniela teve certeza (naquele momento)*. Ainda, é

possível considerar a possibilidade de que os aprendizes tenham transferido o valor neutro do *Simple Past* do inglês com predicados de estado, os quais podem ter interpretações perfectivas ou imperfectivas, (*Mary was sick and is still sick / Mary was sick and is no longer sick*), conforme descrito em 1.7.

Outro fator que chamou a atenção foi o percentual elevado de acertos no imperfectivo com verbos de processo culminado no Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças, tanto no caso dos iniciantes (52,4% de acertos no imperfectivo contra 60,3% de acertos no perfectivo), quanto dos intermediários (76,2% de acertos no imperfectivo contra 71,4% de acertos no perfectivo). Uma análise minuciosa das frases que envolviam sentenças com verbos de processo culminado sugere que os aprendizes possam ter concentrado sua atenção na oração coordenada, a qual pode ter induzido a uma interpretação correta das sentenças. Talvez a maneira como as sentenças foram elaboradas, bem como as sentenças que testavam a interpretação, tenha contribuído para o alcance de percentuais acima dos esperados, constituindo-se em uma das limitações do presente trabalho.

Todos os demais dados parecem corroborar a hipótese de que a aquisição do contraste semântico entre o Pretérito Perfeito e o Pretérito Imperfeito é um processo de desenvolvimento gradual e de que existe uma forte conexão entre a aquisição da morfologia tempo / aspecto e a aquisição da distinção semântica fechado / aberto associada a esses tempos.

5.3 Limitações do trabalho

Embora o tratamento dispensado a este *corpus* tenha conduzido a constatações interessantes, nossos resultados são limitados de alguma forma. A primeira restrição deve-se ao tempo para a realização da pesquisa (dois anos), o que não permitiu correções de possíveis inadequações nos instrumentos de coleta de dados. Embora testes-piloto tenham sido realizados com um número de sujeitos inclusive superior ao da amostra aqui analisada (25 sujeitos falantes nativos de inglês, residindo no Brasil na condição de missionários religiosos), a dificuldade em se conseguir sujeitos dispostos a se submeter a testes longos e a distância geográfica entre os locais em que residem os intercambistas foi outra limitação do trabalho. Vale salientar que correções significativas foram realizadas nos instrumentos de coleta de dados após os testes-piloto, especialmente na forma de julgamento das sentenças no Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças e na redação do Teste Morfológico, os quais foram totalmente reelaborados após uma primeira testagem. Percebeu-se posteriormente, entretanto, que persistiram alguns problemas na estrutura dos testes, especialmente no que diz respeito às sentenças distratoras do Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças, as quais teriam sido mais efetivas se fossem exclusivamente construídas com outros tempos verbais, senão os testados, uma vez que essas objetivavam avaliar apenas se os sujeitos distinguem sentenças lógicas de sentenças ilógicas. Outra limitação do trabalho foi a dificuldade em se encontrar textos autênticos que privilegiassem os quatro tipos de verbos em proporções iguais nos dois tempos testados. Tal fato demandou a elaboração de um texto com uma certa artificialidade, o qual pode ter soado pouco natural, principalmente para os falantes nativos. Ainda no que diz respeito aos sujeitos testados, acredita-

se que dados de um número maior de participantes permitiriam o alcance de resultados mais consistentes.

Entretanto, acredita-se que tais problemas não tenham comprometido os resultados, uma vez que praticamente todas as hipóteses levantadas no trabalho foram possíveis de serem testadas e confirmadas e permitiram conhecer um pouco mais desse processo tão interessante que é a aquisição de uma segunda língua.

Como este trabalho demonstra, línguas de origens diversas podem ser coincidentes em muitos pontos e divergentes em outros. Assim, existe a necessidade de os professores de línguas não-maternas estarem atentos a esse fato, recorrendo, sempre que necessário, às informações lingüísticas que possam dar suporte a seu trabalho. Tal postura investigativa constituiria passo importante nos estudos e no ensino-aprendizagem do português como segunda língua, bem como serviria de suporte para a elaboração de materiais didáticos sérios e que levassem em conta a maneira como ocorre a aprendizagem de uma língua não-materna, principalmente quando essa aprendizagem se dá em contextos formais. E conscientes desse processo, perceberiam a beleza de produções pitorescas como a de uma intercambista, a qual, ao ser perguntada a respeito de como se sentiu ao chegar na cidade em que morava, disse: “Eu **sinto** mais alegre, mas saudade, eu **sinto** mais, eu **sentei** mais bem-vindo”. E mais adiante, “eu **sintotei** mais alegre e nervoso”.

BIBLIOGRAFIA

ANDERSEN, R. El desarrollo de la morfología verbal en el español como segundo idioma. In: JURGEN, Meisel (Ed.), *Acquisition del lenguaje – Aquisição da linguagem*. Frankfurt: Klaus-Dieter Vervuert Verlag, 1986.

ANDERSEN, R. The acquisition of verbal morphology. Los Angeles. Universidade da Califórnia. Publicada na Espanha como “La adquisición de la morfología verbal”. *Linguística*, v. 1, p.89-141, 1989.

ANDERSEN, R. Developmental sequences: the emergence of aspect marking in second language acquisition. In: HUEBNER, T. & FERGUSON, C. A. (Eds.) *Cross-currents in second language acquisition and linguistic theories*. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

ANDERSEN, R. Developmental sequences: the emergence of aspect marking in second language acquisition. In: HUEBNER, T. & FERGUSON, C. ^a (Eds.) *Cross-currents in second language acquisition and linguistic theories*. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

ANDERSEN, R. & SHIRAI, Y. Discourse motivations for some cognitive acquisition principles. In: *Studies in second language acquisition*, v. 16, p. 133-156, 1994.

ANDERSEN, R. & SHIRAI, Y. Primacy of aspect in first and second language acquisition: the pidgin/creole connection. In: BHATIA, T. K. & RITCHIE, W. (Eds.). *Handbook of second language acquisition*. V.2. San Diego, CA: Academic Press, 1996.

BARDOVI-HARLIG, K. From morpheme studies to temporal semantics: Tense-aspect research in SLA. In: *Studies in Second Language Acquisition*, v. 21, p. 341,382, 1999.

BAYLEY, R. *Variation theory and second language learning: Linguistic and social constraints on interlanguage tense marking*. Unpublished doctoral dissertation, Stanford University, CA, 1991.

BERGSTRÖM, A. The expression of past temporal reference by English-speaking learners of French. Unpublished Ph.D dissertation. The Pennsylvania State University, 1995.

BLOOM, L. & HARNER, L. On the developmental contour of child language: A reply to Smith & Weist. *Journal of Child Language*, v. 16, p. 207-216, 1989.

BLOOM, L.; LIFTER, K. & HAFITZ, j. Semantics of verbs and the development of verb inflection in child language. *Language*, v. 56, p. 386-412, 1980.

BRETZ, M., DVORAK, T. & KIRSCHNER, Carl. *Pasajes: Lengua*. 3 ed.. New York: Mc Graw Hill, 1992.

BROWN, Roger. *A First Language, The Early Stages*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1973.

BYRNES, H. (Ed.) *Learning foreign and second languages: perspectives in research and scholarship*. New York: Modern Languages Association of America, 1998.

CAMPOS, Odete et al. A flexão modo-temporal no português culto do Brasil: formas de Pretérito Perfeito e Imperfeito do indicativo. In: CASTILHO, Ataliba & BASÍLIO, M. (Orgs.) *Gramática*

do português falado. Volume IV: Estudos descritivos: Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, p. 25-62, 1996.

CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. MIT Press, 1995.

CHOMSKY, N. *Knowledge of language: Its nature, origin and use*. Westport, CT: Praeger, 1986.

COLLINS, L. *The development of tense and aspect*. Paper presented at the Second Language Research Forum, Michigan State University, East Lansing, MI, 1997.

COMRIE, B. *Aspect*. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1976.

COOK, V. *Second Language Learning and Language Teaching*. London: Edward Arnold, 1991.

COPPIETERS, Rene. Competence differences between native and near-native speakers. *Language*, 63:544-573, 1987.

COSTA, S. B. B. *O aspecto em português*. São Paulo: Contexto, 1997.

De Miguel, Elena. El aspecto léxico. In: BOSQUE, Ignacio & DEMONTE, Violeta (Orgs.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Volume 2: Las construcciones sintácticas fundamentales; relaciones temporales, aspectuales y modales. Madrid: Espasa Calpe, SA, 1999.

DEPRAETERE, Ilse. On the necessity of distinguishing between (un) boundedness and (a) telicity. In: *Linguistics and Philosophy*, n° 18, p. 1-19, 1995.

DE VAL, Manuel Criado. El verbo. In: DE VAL, Manuel Criado. *La imagen del tiempo: verbo y relatividad*. Madrid: Ediciones Istmo, SA, p. 25-49, 1992.

De VILLIERS, J. G. & de VILLIERS, P. *A cross-sectional study of the acquisition of grammatical morphemes. Journal of Psycholinguistic Research* 2: 267-78, 1973.

DOWTY, D. *Word meaning and Montague grammar*. Dordrecht: Reidel, 1979.

DUARTE, Inês & BRITO, Ana Maria. Predicação e classes de predicadores verbais. In: MIRA MATEUS, Maria Helena; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês & FARIA, Isabel Hub. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, p. 179-203, 2003.

DULAY, H. & BURT, M. Should we teach children syntax? *Language Learning*, v. 23, p. 245-258, 1973.

ELLIS, Rod. *Understanding Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1986.

ELLIS, Rod. *The Study of Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1994.

EPSTEIN, S., FLYNN, S. & MARTOHARDJONO, G. Second language acquisition: theoretical and experimental issues in contemporary research. *Brain and behavioral sciences*, v.19, n.4, p. 677-758, 1996.

FINGER, Ingrid. *Acquisition of L2 English verb morphology: the aspect hypothesis tested*. Porto Alegre: PUCRS, 2000. Tese (Doutorado em Letras: Lingüística e Letras), Instituto de Letras e Artes, Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2000.

FLYNN, S. & MARTOHARDJONO, G. Mapping from the initial state to the final state: the separation of universal principles and language specific properties. In: LUST, B. Et. Al. (Eds.) *Syntactic theory and first language acquisition: crosslinguistic perspectives: Vol 1 Phrase structure*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1994.

GASS, S. & SELINKER, L. *Second Language Acquisition: an introductory course*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1994.

GIACALONE RAMAT, A. Tense and aspect in learner Italian. In: BERTINETTO, P. M.; BIANCHI, V.; DAHL, O.; SQUARTINI, M. (Eds.) *Temporal reference, aspect and actionality*. Vol 2: Typological perspectives. Torino: Rosenberg & Sellier, 1995.

GIORGI, A. & PIANESI, F. *Tense and aspect: from semantics to morphosyntax*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

GRONDIN, N. & WHITE, L. Functional categories in L2 acquisition of French. *Language Acquisition*, v. 5, p. 1-34, 1996.

HATCH, E. *Second Language Acquisition*. New York: Newbury House, 1978.

HAWKINS, Roger & CHAN, C. The partial availability of Universal Grammar in second language acquisition: the failed functional features hypothesis. *Second Language Research* 13, 187-226, 1997.

HAWKINS, ROGER. A Framework for studying second language syntax. In: *Second language syntax: a generative introduction*. Oxford: Blackwell, p. 01-33, 2001.

HAWKINS, ROGER. The second language acquisition of grammatical morphology. In. *Second language syntax: a generative introduction*. Oxford: Blackwell, p. 38-40, 2001.

ILARI, Rodolfo. *A expressão do tempo em português*. São Paulo: Contexto, p. 38-50, 1997.

ILARI, Rodolfo. Aspecto. In: *Introdução à Semântica*. São Paulo: Contexto, p. 19-50, 2001.

KAPLAN, M. A. Developmental patterns of past tense acquisition among foreign language learners of French. In: VAN PATTEN, B., DVORAK, T. R. & LEE, J. F. (Eds.) *Foreign language learning: A research perspective*. Rowley, MA: Newbury House, 1987.

KRASHEN, S. *The input hypothesis: Issues and implications*. London: Longman, 1985.

LARDIERE, Donna. Case and Tense in the fossilized steady state: *Second Language Research* 14, 1-16, 1998a.

LARDIERE, Donna. Dissociating syntax from morphology in a divergent end-state grammar. *Second Language Research* 14, 359-375, 1998b.

LARSEN-FREEMAN, D. *The acquisition of grammatical morphemes by adult learners of English as a second language*. Unpublished doctoral dissertation, University of Michigan, Ann Arbor, 1975.

LARSEN-FREEMAN, D. & LONG, M. *An introduction to Second Language Acquisition Research*. New York: Longman, 1991.

LIGHTBOWN, P. & SPADA, N. *How languages are learned*. Oxford, UK: OUP, 1997.

LONG, M. *An introduction to second language acquisition research*. New York: Longman, 1991.

LEIRIA, ISABEL. Aquisição do aspecto verbal por falantes não-nativos de português europeu: o exemplo dos Pretéritos Perfeito e Imperfeito. In: *Revista Internacional de língua portuguesa*, nº 11, p. 74-112, 1994.

MASTER, Peter Antony. *Systems in English Grammar: an introduction for language teacher*. New Jersey: Prentice Hall Regents, 1996.

MIOTO, C. SILVA, M.C.F.; LOPES, R.E.V. *Manual de Sintaxe*, 2 ed. Florianópolis, Insular, 2000.

MONTRUL, S. & SLABAKOVA, R. Acquiring morphosyntactic and semantic properties of aspectual tenses in L2 Spanish. In: Perez-Leroux, A. T. & Liceras, J. (Eds.). *The acquisition of Spanish morphosyntax. The L1/L2 connection*. Dordrecht: Kluwer, 2002a.

MONTRUL, Silvina & SLABAKOVA, Roumyama. Acquiring semantic properties of preterite and imperfective tenses in L2 Spanish. In: *Proceedings of the 24th Annual Boston University Conference on Language Development*, vol 1. Somerville, MA: Cascadilla Press, 2002b

MONTRUL, Silvina & SLABAKOVA, Roumyama. *Competence similarities between native and near-native speakers: an investigation of the Preterite-Imperfect contrast in Spanish*. In: *Studies in Second Language Acquisition*. USA: Cambridge, n° 25, p. 351-398, 2003.

OLIVEIRA, Fátima et al. Tempo e aspecto. In: MIRA MATEUS, Maria Helena; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês & FARIA, Isabel Hub (Orgs.). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, p. 127-177, 2003.

REINCHEMBACH, H. *Elements of symbolic logic*. New York, Macmillan, 1947.

ROBISON, R. The Primacy of Aspect: aspectual marking in English interlanguage. *Studies in Second Language Acquisition*, v. 12, p. 315-330, 1990.

ROBISON, R. The aspect hypothesis revisited: a cross-sectional study of tense and aspect marking in interlanguage. *Applied Linguistics*, v. 16, n.3, p.344-370, 1995 a.

ROBISON, R. Verb inflections in native speaker speech: Do they mean what we think? In: PISCHWA, H. & MAROLDT, K. (Eds.) *The development of morphological systematicity. A cross-linguistic perspective*. Tübingen, p. 199-224, 1995b.

ROHDE, A. The aspect hypothesis and the emergence of tense distinctions in naturalistic L2 acquisition. *Linguistics*, v. 34, p. 1115-1137, 1996.

PRÉVOST, P. & WHITE, L. Truncation and the Missing Inflection in second language acquisition. In: FRIEDMANN, F. RIZZI, L. (Eds.) *The acquisition of syntax*. New York: Longman, 1998.

SLABAKOVA, Roumyama. Semantic evidence for functional categories in interlanguage grammars. In: *Second language research*, v. 19, n° 1, p. 42-75, 2003.

SHIRAI, Y. Tense-aspect marking by L2 learners of Japanese. In: MACLAUGHLIN, D. MCEWEN, S. (Eds.) *Proceedings of 19th Annual Boston University Conference in Language Development*. Vol. 1. Somerville, MA: Cascadilla Press, 1995.

SHIRAI, T. & KURONO, A. The acquisition of tense-aspect marking in Japanese as a second language. *Language Learning*, v. 48, n.2, p. 245-279, 1998.

SMITH, C. A theory of aspectual choice. *Language*, v.59, p. 479-501, 1983.

SMITH, CARLOTA. *The parameter of aspect*. Dordrecht: Kluwer, 1991.

SMITH, Carlota. *The parameter of aspect*. Dordrecht: Kluwer, 1997.

SOARES, M.A.B.P. *A semântica do aspecto verbal em russo e português*. Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987.

VAINIKKA, A. & YOUNG-SCHOLTEN, M. Direct access to X⁰-theory: evidence from Korean and Turkish adults learning German. In: HOEKSTRA, T. & SCHWARTZ, B. (Eds.) *Language acquisition studies in generative grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1994.

VAN PATEN, Bill. The relevance of input processing to second language theory and second language teaching. In : GLASS, W. & PÉRES-LEROUX, A. T. *Contemporary Perspectives on the acquisition of Spanish*. Volume 2: production, processing and comprehension. Boston, MA: Cascadillo, Press, 1997.

VAN PATEN, Bill. Cognitive Characteristics of Adult Second Language Learners. In: BYRNES, H. (Ed.). *Learning foreign and second languages: perspectives in research and scholarship*. New York: Modern Languages Association of America, p. 105-160, 1998.

VENDLER, Zeno. Verbs and times. In: *Philosophical Review*, n° 66, p. 143-160, 1957.

XIAU, Zhonghua. & McENERY, Anthony. A corpus-based two-level model of situation aspect. In: *J. Linguistics*, n° 40, p. 325-363, 2004.

WIBERG, E. Reference to past events in bilingual Italian Swedish children of school age. *Linguistics* 34, 1087-1114, 1996.

WHITE, Lydia. *Second Language Acquisition and Universal Grammar*. Cambridge: University Press, 2003.

ANEXOS

Anexo 1 – Teste Morfológico



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LINGÜÍSTICA APLICADA

Participante nº

- (1) Nome:
- (2) Data de nascimento (dia, mês e ano)// 19..... Sexo () F () M
- (3) Nacionalidade:
- (4) País onde mora Estado
- (5) Língua materna (Cite todas as que você aprendeu até os 6 anos de idade)
.....
- (6) Que idade você tinha quando começou a aprender português?
- (7) Há quanto tempo mora no Brasil? anos meses
- (8) Há quanto tempo você estuda português? anos meses
- (9) Com que freqüência você fala português?
() quase todo o tempo () às vezes () raramente
- (10) Quais outras línguas você fala? Com que idade começou a aprendê-las?
.....
- (11) Você já veio para o Brasil com o Ensino Médio completo? () Sim () Não
- (12) Que série você está cursando no Brasil?
() 2º ano do Ensino Médio () 3º ano do Ensino Médio () Universidade
- (13) Qual é o tipo de intercâmbio que você está fazendo?
() Rotary () Outro (.....)
- (14) Qual é a cidade e o estado em que você mora no Brasil?
- (15) E-mail:

Teste Morfológico

A seguir, você lerá um texto sobre a fuga de Daniela Santos. Selecione a forma correta do verbo no passado.

Daniela Santos **(1) correu / corria** para chegar mais cedo em casa do que ela sempre **(2) chegou / chegava**. Ela **(3) trabalhou / trabalhava** para uma empresa jornalística, mas não **(4) esteve / estava** feliz em seu casamento nem em seu trabalho e **(5) desejou / desejava** arrumar outro emprego. Há algum tempo, a mulher **(6) planejou / planejava** ir para uma cidade maior, para outro país, talvez. Decidida, ela **(7) fechou / fechava** a mala e **(8) chamou / chamava** um táxi. Daniela **(9) chegou / chegava** muito cedo ao aeroporto e, muito nervosa com a espera angustiante, ela **(10) comprou / comprava** uma revista e **(11) leu / lia** a reportagem de capa enquanto **(12) fumou / fumava** um cigarro e **(13) tomou / tomava** uma Coca Cola. **(14) Ventou / Ventava** muito, mas mesmo assim o avião **(15) partiu/ partia** na hora. Durante o vôo, **(16) houve / havia** um incidente com um dos passageiros. Um senhor idoso passou muito mal, **(17) tremeu / tremia** por intermináveis cinco minutos, até que um membro da tripulação o **(18) levou / levava** para o fundo da aeronave para os primeiros socorros. Tomada de surpresa, sua esposa **(19) chorou / chorava** muito por causa do problema inesperado. Traumatizada desde a infância com problemas de saúde em sua família, em situações como essa Daniela **(20) olhou / olhava** para o lado, **(21) respirou / respirava** fundo, **(22) leu / lia** um salmo bíblico e **(23) rezou / rezava** uma prece. Cumprido o ritual e por estar quase chegando ao seu destino, ela finalmente **(24) escreveu / escrevia** seus dados no cartão de imigração, **(25) assinou / assinava** e o

(26) entregou / entregava à aeromoça. Antes de sair do avião, de relance, percebeu que, naquele momento, um médico **(27) aplicou / aplicava** uma injeção no paciente ainda desmaiado.

Já no hotel, refletindo sobre sua vida, Daniela **(28) percebeu / percebia** que, há algum tempo, ela **(29) sentiu / sentia** vontade de mudar de vida. Várias vezes seu marido **(30) disse / dizia** que a **(31) amou / amava**, mas na realidade ele sempre **(32) foi / era** muito ciumento. Desde o tempo de namoro, ele sempre **(33) teve / tinha** um temperamento difícil, mas durante todos esses anos ele **(34) soube / sabia** manter as aparências. De uns dois anos para cá, todos os dias, o mesmo ritual: ele **(35) trancou / trancava** a porta do quarto, **(36) acendeu / acendia** as luzes do abajur, **(37) abriu / abria** a bolsa da esposa e **(38) começou / começava** a procurar indícios de traição enquanto ela **(39) tomou / tomava** banho. Difícil suportar. Por isso, ela **(40) virou / virava** essa página de sua história e vida nova agora!

Anexo 2 - Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças

Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças

Nome

Código.....

Neste teste, você vai ler uma lista de sentenças seguidas por três alternativas que tentam explicar o sentido das frases dadas ou que fornecem um contexto para as mesmas. Cada sentença é uma combinação de orações simples conectadas pelas conjunções **e** e **mas**. Todas elas são gramaticalmente corretas em português, embora algumas combinações possam soar estranhas ou contraditórias. Leia as sentenças atentamente e, seguindo a sua intuição,

1. assinale a opção que melhor explicar o sentido da sentença dada;
2. assinale a opção “combinação de orações sem sentido” se a combinação das duas orações parecer estranha ou sem lógica.

As duas primeiras questões servem de exemplo:

(a) Na segunda-feira fui a Madri, mas cheguei no domingo.

() Saí na segunda-feira e cheguei no domingo.

() Saí no domingo e cheguei na segunda-feira seguinte.

(X) Combinação de orações sem sentido.

(b) Julio trabalhava no jardim, mas não terminou de podar a árvore.

- O serviço foi concluído.
- Ele parou antes de terminar o serviço.
- Combinação de orações sem sentido.

(01) A farmácia fechou às cinco horas, mas não fechou.

- A farmácia estava aberta às 5h30min.
- A farmácia estava fechada às 5h30min.
- Combinação de orações sem sentido.

(02) A reunião durou uma hora, mas terminou em trinta minutos.

- A reunião durou meia hora a mais do que o previsto.
- A reunião durou meia hora a menos do que o previsto.
- Combinação de orações sem sentido.

(03) O trem levava três horas para percorrer o caminho, mas levou duas horas.

- O trem foi mais lento do que o normal.
- O trem foi mais rápido do que o normal.
- Combinação de orações sem sentido.

(04) Pedro correu toda a maratona de São Paulo, mas ele não participou.

- Ele não agüentou o esforço e desistiu antes do final.
- Ele fez quase todo o percurso da maratona.

() Combinação de orações sem sentido.

(05) Júlia fumava um cigarro no escritório e seu chefe não gostou.

() Ela já tinha terminado de fumar aquele cigarro quando seu chefe chegou.

() O cigarro estava quase no fim quando o chefe chegou.

() Combinação de orações sem sentido.

(06) Júlio e Verônica casaram ontem à noite, mas hoje continuam solteiros.

() O casamento durou dois dias.

() Eles não chegaram a casar.

() Combinação de orações sem sentido.

(07) Meus amigos me convidaram para uma festa e não fui convidado.

() Fui à festa mesmo sem ter sido convidado.

() Não fui à festa porque não fui convidado.

() Combinação de orações sem sentido.

(08) O autor escrevia uma novela, mas ela não está terminada.

() Ele concluiu a novela apesar de não ter redigido toda ela.

() Ele interrompeu o trabalho antes do final.

() Combinação de orações sem sentido.

(09) A avó de Carla morreu de pneumonia, mas finalmente ficou boa.

- () Ela conseguiu se recuperar da doença.
- () Ela não conseguiu se recuperar da doença.
- () Combinação de orações sem sentido.

(10) Nós íamos ao lago nas tardes de domingo, mas ficamos em casa devido ao mau tempo.

- () O mau tempo prejudicou a nossa ida habitual ao lago.
- () Apesar do mau tempo, nós fomos ao lago na tarde de domingo.
- () Combinação de orações sem sentido.

(11) O avião partia do aeroporto às 8h, mas só apareceu às 10h.

- () O avião levantou vôo após as 10h.
- () O avião levantou vôo antes das 10h.
- () Combinação de orações sem sentido.

(12) Amanda dirigia e parou para abastecer o carro.

- () O carro estava com o tanque de combustível cheio.
- () O tanque do carro tinha pouco combustível.
- () Combinação de orações sem sentido.

(13) O time do Brasil ganhava aquele campeonato de futebol, mas ficou em segundo lugar.

- () Nem sempre o time do Brasil foi o segundo colocado durante o campeonato.
- () Durante o campeonato, o time do Brasil foi sempre o segundo colocado.
- () Combinação de orações sem sentido.

(14) Os meninos jogaram futebol na rua e não saíram de casa..

- () Eles não saíram de casa para jogar futebol.
- () Eles jogaram futebol na rua e logo voltaram para casa.
- () Combinação de orações sem sentido.

(15) A aula foi às 10h, mas começou às 10h30min.

- () A aula começou meia hora mais tarde.
- () A aula começou meia hora mais cedo.
- () Combinação de orações sem sentido.

(16) Meu tio morria de câncer, mas finalmente se recuperou.

- () Meu tio está morto.
- () Meu tio está vivo.
- () Combinação de orações sem sentido.

(17) Nós fomos até o rio para pescar, mas ficamos em casa devido ao mau tempo.

- () Apesar do mau tempo, nós fomos até o rio para pescar.
- () Não fomos ao rio devido ao mau tempo.
- () Combinação de orações sem sentido.

(18) Alberto buscou os livros de poesia no meu escritório, mas nunca chegou.

- () Ele levou os livros de poesia.
- () Ele não levou os livros de poesia.
- () Combinação de orações sem sentido.

(19) Bastou paciência para resolver o problema, mas não foi o suficiente.

- () O problema foi resolvido com um pouco de paciência.
- () O problema não foi resolvido porque não houve paciência o suficiente.
- () Combinação de orações sem sentido.

(20) Gabriel lia um livro à tarde, mas não chegou ao final.

- () Gabriel leu o último capítulo do livro.
- () Gabriel não leu o último capítulo do livro.
- () Combinação de orações sem sentido.

(21) O caminhão levou três horas para percorrer a estrada, mas chegou em duas horas.

- () A viagem foi mais lenta do que o habitual.
- () A viagem foi mais rápida do que o habitual.
- () Combinação de orações sem sentido.

(22) A escritora escreveu um poema inteiro, mas ele não está terminado.

- () O poema está concluído.
- () O poema não está concluído.
- () Combinação de orações sem sentido.

(23) Havia cinco pessoas no cinema e não tinha ninguém.

- () O cinema estava quase vazio.
- () O cinema estava vazio.
- () Combinação de orações sem sentido.

(24) Maria trabalhava em uma padaria e tratava bem os clientes.

- () Ela não era uma boa funcionária.
- () Ela era uma boa funcionária.
- () Combinação de orações sem sentido.

(25) O avião partiu do Aeroporto Salgado Filho em Porto Alegre, mas saiu de Guarulhos, São Paulo.

- () O avião partiu de um aeroporto diferente do habitual.
- () O avião partiu do mesmo aeroporto de sempre.
- () Combinação de orações sem sentido.

(26) O pedreiro construiu uma casa inteira, mas não construiu a cozinha, a sala e o quarto.

- () A casa está inteiramente construída.
- () O serviço foi interrompido antes do final.
- () Combinação de orações sem sentido.

(27) Faltava uma semana para terminar o projeto e consegui terminá-lo a tempo.

- () O projeto foi concluído antes do prazo.
- () O prazo para terminar o projeto foi insuficiente.
- () Combinação de orações sem sentido.

(28) O iate de luxo custava apenas R\$500.000,00, mas eu não comprei.

- () Não comprei o iate por causa do preço.
- () Apesar do preço tentador, não comprei o iate.
- () Combinação de orações sem sentido.

(29) O rapaz abriu a janela, mas ela continuou fechada.

- () A janela esteve sempre aberta.
- () A janela esteve sempre fechada.
- () Combinação de orações sem sentido.

(30) Os bombeiros apagaram o incêndio e resgataram um homem..

- () Os bombeiros não executaram sua tarefa.
- () O homem foi salvo pelos bombeiros.
- () Combinação de orações sem sentido.

(31) Amanda levava o pacote até o correio e o perdeu no caminho.

- () Amanda estava a caminho do correio quando perdeu o pacote.
- () Amanda conseguiu executar a tarefa que estava fazendo.
- () Combinação de orações sem sentido.

(32) José leu um livro inteiro hoje à tarde, mas não terminou.

- () José leu quase todo o livro.
- () Ele não leu somente o último capítulo.
- () Combinação de orações sem sentido.

(33) Fui até a escola de carro e cheguei de bicicleta.

- () Percorri uma parte do trajeto de carro e a outra parte de bicicleta.
- () Percorri o trajeto inicial de carro e o trajeto final foi percorrido de bicicleta.

() Combinação de orações sem sentido.

(34) Dóris contou com a ajuda de Pedro durante a mudança, mas fez tudo sozinha.

() Pedro não cumpriu com o prometido.

() Pedro cumpriu com o prometido.

() Combinação de orações sem sentido

(35) Meu irmão abria a porta, mas a menina não conseguiu entrar.

() A atitude de meu irmão ajudou a menina.

() A atitude de meu irmão não ajudou a menina.

() Combinação de orações sem sentido.

(36) Marcos cozinhava e Lúcia o ajudava.

() Marcos trabalhava sozinho.

() Marcos não trabalhava sozinho.

() Combinação de orações sem sentido.

(37) O concerto durava duas horas, mas terminou em uma hora e meia.

() O concerto durou menos do que habitual..

() O concerto durou mais do que o habitual.

() Combinação de orações sem sentido.

(38) O transatlântico partiu do porto às 10:00 da manhã, mas só saiu ao meio dia.

- () O transatlântico partiu com duas horas de antecedência.
- () O transatlântico partiu com duas horas de atraso.
- () Combinação de orações sem sentido.

(39) Júlia levou o pacote para o correio e o perdeu no caminho.

- () Júlia estava a caminho do correio quando perdeu o pacote.
- () Júlia chegou no correio sem o pacote.
- () Combinação de orações sem sentido.

(40) O filme era às 7:00, mas começou às 7:30.

- () O filme começou meia hora mais cedo.
- () O filme começou meia hora mais tarde.
- () Combinação de orações sem sentido.

(41) A empresa construía um edifício, mas não conseguiu terminá-lo.

- () O edifício está pronto.
- () O edifício não está pronto.
- () Combinação de orações sem sentido.

(42) Marcelo tomou um copo de cerveja e virou a metade no chão.

- () Marcelo tomou metade da cerveja do copo.
- () Marcelo tomou quase toda a cerveja do copo.

() Combinação de orações sem sentido.

(43) Carlos e Adriana casavam ontem, mas hoje continuam solteiros.

() A cerimônia chegou ao final.

() A cerimônia não aconteceu.

() Combinação de orações sem sentido.

(44) Jorge viajava seguidamente à Europa e comprava lindos presentes.

() Um dos hábitos atuais de Jorge envolve a compra de presentes na Europa.

() Um dos hábitos passados de Jorge envolve a compra de presentes na Europa.

() Combinação de orações sem sentido.

(45) Os pais de Susana saíram de viagem e não foram a lugar algum.

() Eles viajaram.

() Eles nem saíram de casa.

() Combinação de orações sem sentido.

(46) Daiane ganhou o campeonato de ginástica olímpica, mas ficou em segundo lugar.

() Daiana foi a campeã.

() Daiane quase foi a campeã.

() Combinação de orações sem sentido.

(47) O carro custou apenas vinte mil reais, mas eu não comprei.

- () Apesar do preço tentador, eu não comprei o carro.
- () Não comprei o carro por causa do preço.
- () Combinação de orações sem sentido.

(48) Eu jogava tênis e Pedro chegou.

- () A chegada de Pedro foi anterior ao início do jogo de tênis.
- () A chegada de Pedro foi posterior ao início do jogo de tênis.
- () Combinação de orações sem sentido.

(49) Bastava calma para resolver a situação, mas não foi o suficiente.

- () Não houve calma suficiente para resolver a situação.
- () Apesar de não haver calma o suficiente, o problema foi resolvido.
- () Combinação de orações sem sentido.

(50) Faltaram três dias para acabarmos o artigo, mas terminamos antes.

- () O artigo foi terminado antes do prazo.
- () O tempo para terminar o artigo foi insuficiente.
- () Combinação de orações sem sentido.

(51) Marta contava com a ajuda de Carlos para pegar o sofá, mas acabou fazendo a mudança sozinha.

- () Carlos cumpriu com o prometido.

() Carlos não cumpriu com o prometido.

() Combinação de orações sem sentido.

(52) O trem partia da estação central, mas saiu da estação nova.

() O trem saiu da estação habitual.

() O trem não saiu da estação habitual.

() Combinação de orações sem sentido.

(53) Adriano tomava uma Coca Cola e virou a metade nas suas calças.

() Adriano conseguiu tomar toda a Coca Cola.

() Adriano não conseguiu tomar toda a Coca Cola.

() Combinação de orações sem sentido.

(54) Melissa chegou tarde à aula e não veio à escola.

() Melissa estava atrasada, por isso não foi à escola.

() Melissa não foi à escola porque estava atrasada.

() Combinação de orações sem sentido.

(55) Joaquim participava da corrida de Fórmula 1, mas ele não correu.

() Dessa vez, ele não correu.

() Ele parou antes do final.

() Combinação de orações sem sentido.

(56) Lúcia buscava sua roupa na lavanderia, mas dessa vez não chegou lá.

() Dessa vez, Lúcia não buscou sua roupa na lavanderia.

() Dessa vez, Lúcia buscou sua roupa na lavanderia.

() Combinação de orações sem sentido.

Muito obrigada por sua colaboração!

Anexo 3 – Classificação das sentenças do Teste de Julgamento de Conjunção de Sentenças

CLASSIFICAÇÃO DAS SENTENÇAS DO TESTE DE JULGAMENTO DE CONJUNÇÃO DE SENTENÇAS

VERBOS DE PROCESSO CULMINADO

1. Meu irmão abria a porta, mas a menina não conseguiu entrar. (35)
O rapaz abriu a janela, mas ela continuou fechada. (29)
2. O time do Brasil ganhava o campeonato de futebol, mas ficou em segundo lugar. (13)
Daiane ganhou o campeonato de ginástica olímpica, mas ficou em segundo lugar. (46)
3. Carlos e Adriana casavam ontem, mas hoje continuam solteiros. (43)
Júlio e Verônica casaram ontem à noite, mas hoje continuam solteiros. (06)
4. O trem partia para a estação central, mas saiu para a estação nova. (52)
O avião partiu do Aeroporto Salgado Filho em Porto Alegre, mas saiu de Guarulhos, São Paulo. (25)
5. Lúcia buscava sua roupa na lavanderia, mas dessa vez não chegou. (56)
Alberto buscou os livros de poesia no meu escritório, mas nunca chegou. (18)
6. Meu tio morria de câncer, mas finalmente se recuperou. (16)
A avó de Carla morreu de pneumonia, mas finalmente ficou boa. (09)
7. O avião partia do aeroporto às 8:00, mas só apareceu às 10:00. (11)
O transatlântico partiu do porto às 10:00, mas só saiu ao meio-dia. (38)

VERBOS DE ESTADO

1. O filme era às 7:00, mas começou às 7:30. (40)
A aula foi às 10:00, mas começou às 10:30. (15)
2. O iate de luxo custava apenas R\$ 500.000,00, mas eu não o comprei. (28)
O carro custou apenas vinte mil reais, mas eu não o comprei. (47)
3. O concerto durava duas horas, mas terminou em uma hora e meia. (37)

- A reunião durou uma hora, mas terminou em trinta minutos. (02)
4. O trem levava três horas para percorrer a estrada, mas levou duas horas. (03)
O caminhão levou três horas para percorrer a estrada, mas chegou em duas horas. (21)
5. Marta contava com a ajuda de Carlos para pegar o sofá, mas acabou fazendo a mudança sozinha. (51)
Dóris contou com a ajuda de Pedro para a mudança, mas fez tudo sozinha. (34)
6. Faltava (imperf.) uma semana para terminar o projeto, mas consegui terminá-lo a tempo. (27)
Faltaram três dias para acabarmos o artigo, mas terminamos antes. (50)
7. Bastava calma para resolver a situação, mas não foi o suficiente. (49)
Bastou paciência para resolver o problema, mas não foi o suficiente. (19)

VERBOS DE PROCESSO CULMINADO

1. Joaquim participava da corrida de Fórmula 1, mas não correu. (55)
Pedro correu toda a maratona de São Paulo, mas ele não participou. (04)
2. Amanda levava o pacote até o correio e o perdeu no caminho. (31)
Júlia levou o pacote para o correio e o perdeu no caminho. (39)
3. Adriano tomava uma Coca Cola e virou a metade nas suas calças. (53)
Marcelo tomou um copo de cerveja e virou a metade no chão. (42)
4. A empresa construía um edifício, mas não conseguiu terminá-lo. (41)
O pedreiro construiu uma casa inteira, mas não construiu a cozinha, a sala e o quarto. (26)
5. O autor escrevia uma novela, mas ela não está terminada. (08)
A escritora escreveu um poema, mas ele não está terminado. (22)
6. Gabriel lia um livro à tarde, mas não chegou ao final. (20)
José leu um livro inteiro hoje à tarde, mas não terminou. (32)
7. Nós íamos ao lago nas tardes de domingo, mas ficamos em casa devido ao mau tempo. (10)
Nós fomos até o rio para pescar, mas ficamos em casa devido ao meu tempo. (17)

SENTENÇAS DISTRATORAS

Ilógicas

1. Fui até a escola de carro e cheguei de bicicleta. (33)
2. Havia cinco pessoas no cinema e não tinha ninguém. (23)
3. A farmácia fechou às 5 horas, mas não fechou. (01)
4. Meus amigos me convidaram para uma festa e não fui convidado. (07)
5. Melissa chegou tarde na aula e não veio na escola. (54)
6. Os pais de Susana saíram de viagem e não foram a lugar algum. (45)
7. Os meninos jogaram futebol na rua e não saíram de casa. (14)

Lógicas

1. Eu jogava tênis e Pedro chegou. (48)
2. Maria trabalhava em uma padaria e tratava bem os clientes. (24)
3. Marcos cozinhava e Lúcia o ajudava. (36)
4. Amanda dirigia e parou para abastecer o carro. (12)
5. Júlia fumava um cigarro no escritório e seu chefe não gostou. (05)
6. Jorge viajava seguidamente à Europa e comprava lindos presentes. (44)
7. Os bombeiros apagaram o incêndio e resgataram um homem. (30)

Anexo 4 – Mapeamento dos verbos utilizados pela intercambista V.N.

MAPEAMENTO DOS VERBOS UTILIZADOS PELA INTERCAMBISTA V.N.

Data da entrevista: 27/05/2004

Idade: 18 anos

Procedência: Nova Zelândia

Entrevistadora: Eliane Rauber Spuldaro

Chegou ao Brasil: 11/01/2004

Tempo de residência no Brasil: 4 meses e 16 dias

Residência no Brasil: Jaguarão

Contexto Obrigatório PRETÉRITO PERFEITO	Contexto Obrigatório PRETÉRITO IMPERFEITO
	* eu tenho uma irmã
	* eu levantar oito meia mais ou menos
	* uma professora é
	* vai a se oi horas
	* eu vai na ca / minha eh / miha argh casa
	* jogo / ah / mio irmão meu irmão ah
	* eu dormi e/ oito horas mais ou menos
	* eu / jogo hã / esportes <i>like</i>
	* eu vai meu amiga
	* nós jogo barbie
	* ela não não gosta
	*meu família levanta ah / sete ah horas
	* nós vai / pra sala
	* eu vai escola
	* eu levantar sete horas
	* eu vai escola um ônibus

	* depois nós vai a [incompreensível}
	* nós come almoço uma hora
	* eu danças ou ah / espor ah
	* eu vai meu casa / não / minha casa
	* eu comer jantar
	* eu falar telefone
	* depois vai dormir

Data da entrevista: 29/08/2004

Chegou ao Brasil: 11/01/2004

Idade: 18 anos

Tempo de residência no Brasil: 7 meses e 18 dias

Procedência: Nova Zelândia

Residência no Brasil: Jaguarão

Entrevistadora: Maria Alice de Oliveira Dode

Contexto Obrigatório PRETÉRITO PERFEITO	Contexto Obrigatório PRETÉRITO IMPERFEITO
Eu estudei história do arte	* Eu levantou a mais ou menos quinze pras sete mais ou menos
Forão / não / ah não sei (risos) / pra outra casa	* Vai pra escola / vai com carro ou vai com o bus
	* Eu toma café ou come tor / como é que é?
	* Se eu tomo banho também / antes
	* Eu gosto dança / muito / eu fa / fazo um / eu / ah / coreo / ah não sei / coreográfica
	* Ficar em casa / falar no <i>telephone</i> com amigos
	* Nós vamos lá pra férias
	* Ah / eu gostamos / gostamos
	* Eu gosta / eu gostei / não / eu gostei jogo esporte em rua / eh / eu jogo muito esportes quando eu tem / eh não sei / oito anos
	* Tipo quando eu tenho acho quatro anos
	* Foi pra escola com meu irmãos e amigos sozinho

	* Não não quando é novo ano nós passa em minha casa de férias
	* Nós levanto muito cedo
	* Eh / tem um / <i>I don't know</i> / não sei / saco / não sei
	* Também tem lá embaixo ah outro presente com / como é que é / ah / êvere / com

Data da entrevista: 10/11/2004
 Idade: 18 anos
 Procedência: Nova Zelândia
 Entrevistadora: Ingrid Finger

Chegou ao Brasil: 11/01/2004
 Tempo de residência no Brasil: 10 meses e 1 dia
 Residência no Brasil: Jaguarão

Contexto Obrigatório PRETÉRITO PERFEITO	Contexto Obrigatório PRETÉRITO IMPERFEITO
Eu já foi com eles pra Amazônia	* Eu não conheço ninguém
Na Amazônia foi ah pessoas do Canadá	Mas tinha muito gente *que fala inglês comigo assim
Então eles foi embora / então eu fiquei / quando eu fui no Pantanal	* Então eu só fala português com eles então
Porque eu fui no Pantanal	* Eu conheço toda gente
E fiquei parada / eu acho que eu só fiquei ah	É / tinha
Mas eu troquei em abril	* Eu fui na escola não sei / eh / nova horas até três
* Eu aprendê mais com eles	Quando eu era criança * eu pensa muitas coisas sabe / ai / veterinário / médico / eu quero faz médico
* ... mas ah / um pouquinho fica com vergonha também porque / não sei	* Porque eu fui no colégio só só tem meninas / eh / então eu tinha muitos amigos no colégio
* Eu também dá aulas de <i>hip hop</i>	* Não tem problema que não faz prova assim
Não / eu já terminei / então eu voltare pra faculdade	* Lá eu faze muitos muitos coisas / aqui não tem / tipo eu joguei muitos esportes / eh / faz teatro faz muitos coisas

Eu só estudei cinco matérias lá	Eu era / ai não sei o que é / é <i>perfect</i>
Eu estudei / eu estudei história do arte	* Eu faz coisas tipo / ai ai / eu não sei
Eu gostei	* Não tem gente pra falar / assi / porque não fala muito português
Ah / tem sim/ eu foi também	E também na minha casa tinha internet
* Eu faz dezoito agora aqui em Brasil	* Então eu usei muito / fala muito / eu acho que isso ruim porque não precisa fala todos os dias pra minha família
Eu gostei muito do meu escola / mais / mais eu estudei / aqui tipo porque eu terminei	Eu acho que era
Mas tu viu ?	* E também porque eles falam português só / então eu achei melhor
* Quando eu faz essa viagem	Eu acho que era
Foi muito louco / muito legal / eu gostei muito	* Eu não fala nada
Achei muito legal	Não mas eu nunca tinha professora
* Um primo de mim faz ai o computador / faz eu não sei uma coisa pra o filme também	* Então eu acho com professora vai fala melhor
Quando eu cheguei saí muito com dele	* Eu falo mais inglês
Conheci mais gente	Só tinha quatro pessoa que fala português
Eu gostei	* Então e todos outros fala inglês espanhol ou outra língua / mas então eu fala inglês com eles
Foi estranho	Eu estava dormindo
* Eu fica com família só duas semanas	* Mas eu não fala muito
Mas eu troquei em abril	* Eu conhecer muita gente
* Porque outro intercâmbio lá faz coisas ruim	... que quem era no filme
	Eh / porque / eh / brincava
	* Eu brinquei muito com Barbies / esse/ dele

	não gosta
	* Eu foi na colégio femininos e ele foi no menino / meninos
	* Mas não faz festa juntos
	Eh / tipo / ai / depende / tipo tinha de
	*... porque ai eu também brincar com minha irmã também
	* Eu quero mais / tipo / ai eu quero um irmão mais velho
	* Mas mas meu primeiro seis meses ele está / ele está aqui / então eu fala com ele / ele fala inglês
	* Eu fui pro centro com dele
	Então ele voltava de Jaguarão / saía com dele muito assim
	* Eles saiu
	Ele era meu melhor amigo
	Então não era verdade
	* Eu não saber ficar bem frio
	* Eu não sei / aqui no Rio Grande do Sul / eu achei tropical Brasil assim
	* Eu também não quero trouxe todos meus roupas da Nova Zelândia / eu quero comprar